



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE

NADJA TATIANE PINHEIRO COELHO RAMOS

**PROVÉRBIOS E METÁFORA CONCEPTUAL: UMA PROPOSTA DE
CONSTRUÇÃO E AMPLIAÇÃO DE SENTIDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

São Cristóvão - SE

2017

NADJA TATIANE PINHEIRO COELHO RAMOS

**PROVÉRBIOS E METÁFORA CONCEPTUAL: UMA PROPOSTA DE
CONSTRUÇÃO E AMPLIAÇÃO DE SENTIDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação
Profissional em Letras em Rede, da Universidade
Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramento

Linha de pesquisa: Teoria de Linguagem e Ensino

Orientadora: Prof^a Dr^a Leilane Ramos da Silva

São Cristóvão – SE

2017

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

R175p Ramos, Nadja Tatiane Pinheiro Coelho
Provérbios e metáfora conceptual : uma proposta de construção
e ampliação de sentidos no ensino fundamental / Nadja Tatiane
Pinheiro Coelho Ramos ; orientadora Leilane Ramos da Silva.– São
Cristóvão, SE, 2017.
103 f.

Relatório de pesquisa (mestrado Profissional em Letras) –
Universidade Federal de Sergipe, 2017.

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Material didático. 3. Textos. 4. Metáfora.
5. Provérbios. I. Silva, Liliane Ramos da, orient. II. Título.

CDU 808



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA- POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS/SC

Profletr@
mestrado profissional

ATA DE DEFESA DA COMISSÃO JULGADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA PELA ALUNA **NADJA TATIANE PINHEIRO COELHO RAMOS** PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE - PROFLETRAS. Aos vinte nove dias do mês de março do ano de dois mil e dezessete, às quinze horas, no Auditório da Didática II da Universidade Federal de Sergipe, reuniu-se a Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado da estudante **NADJA TATIANE PINHEIRO COELHO RAMOS**, composta pelas professoras doutoras: **LEILAINE RAMOS DA SILVA** (Presidente da Banca), **ISABEL CRISTINA MICHELAN DE AZEVEDO** (membro interno) e **VALÉRIA VIANA DE SOUSA** (membro externo à instituição) para examinar o trabalho apresentado sob o título **PROVÉRBIO E METÁFORA CONCEPTUAL: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO E AMPLIAÇÃO DE SENTIDOS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**. A orientadora assumindo o trabalho na qualidade de Presidente da Comissão, passou a palavra à candidata, informando que a mesma dispunha de 20 minutos para a apresentação. Terminada a exposição do mestrando, a Presidente passou a palavra aos membros da Comissão Julgadora, informando que cada examinadora dispunha de 20 minutos. Após a arguição, a comissão deliberou sobre o resultado da avaliação do trabalho, considerando a candidata "**Mestre Profissional em Letras**", eu, Lenildes Santos Ramos Aragão (secretária) lavrei a presente ata, que será lida, aprovada e assinada pelos Membros da Comissão Julgadora. Cidade Universitária "Prof. José Aloisio de Campos", 29 de março de 2017.

- ☒ APROVADA
() APROVADA COM RESTRIÇÃO
() REPROVADA

Parecer:

O trabalho apresenta coerência teórica - metodológica e contribuição para a indicação de nossas práticas de trabalho com a leitura a partir de provérbio e metáfora.


LEILAINE RAMOS DA SILVA
PRESIDENTE


ISABEL CRISTINA MICHELAN DE AZEVEDO
EXAMINADORA INTERNA


VALÉRIA VIANA DE SOUSA
EXAMINADORA EXTERNA


LENILDES SANTOS RAMOS ARAGÃO
secretária

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho foi uma tarefa deveras árdua, de maneira que não poderia deixar de tecer agradecimentos carinhosos aos corresponsáveis pela sua consecução.

Agradeço Àquele a quem chamamos de Deus, ao Ser eterno, imortal, invisível e real, ao Criador de todas as coisas, Àquele que é e sempre será Minha Fonte.

Ao meu marido, meu companheiro e amigo, meu motivador e conselheiro que esteve ao meu lado em todo o tempo. Sem você, eu não conseguiria. Você tem, além do meu imenso amor e admiração, minha gratidão.

A minha filha, por chegar na hora certa e por me dar motivos para sorrir, por colorir meus dias de estudo e trabalho. Amo você, minha Yarin.

Aos meus pais, Jorge e Vanda, por serem meus pais. Se sou e tenho alguma coisa nesta vida, devo a vocês. Obrigada por dividirem comigo as aflições e serem tão grande suporte para a conclusão deste curso. O que eu seria sem vocês? Vocês têm meu eterno amor.

A minha irmã amada e a meu cunhado querido, pela disposição em servir, mesmo nos momentos difíceis, pelo carinho e pela torcida. Vocês fazem parte desta conquista.

A minha bela sobrinha Bianca, por me dar a oportunidade de crescer ainda mais e superar meus limites. Sua chegada me transformou.

A minha mui querida e competente orientadora, Prof^a Dr^a Leilane Ramos da Silva, que me aceitou e conduziu neste processo denso. Por me orientar na construção de saberes e saberes, por calçar meus pés para suportar a caminhada e por tornar meu caminhar mais leve. Por todas as palavras, por todas as orientações. Você é luz!

Aos professores do PROFLETRAS –UFS/São Cristóvão, que me inebriaram com seus conhecimentos e paixão pela Academia, em especial a Prof^a Dr^a Isabel Cristina Michelin de Azevedo, por sua competência, gentileza e atenção e por todo conhecimento construído; a Profa. Dr^a. Raquel Meister Ko. Freitag, pelo embate, desafio, orientação e conhecimento epilinguístico; ao Prof. Dr. Alberto Roiphe, pela leveza com que me fez enxergar os efeitos de sentido no texto literário; a Prof.^a Dr.^a GERALDA de Oliveira Santos Lima, pelo compartilhamento de tão grande experiência nos estudos em Linguística de Texto; a Professora Dr^a Vanessa Gonzaga Nunes pela simpatia, responsabilidade e competência em trabalhar fonologia do português brasileiro.

Ao meu primo, Analdino Filho, por sempre interferir em minha vida e por me mostrar caminhos possíveis, como o PROFLETRAS.

Ao Dr. Kelso Passos e a Vera Souza, por serem tão determinantes no meu bem-estar durante o processo de conclusão curso.

Aos colegas da Turma 2 do PROFLETRAS, por dividirem comigo momentos tão especiais, em especial a Adriana, Francis, Rosana, Dalva, Vanderlaine e Sílvia.

Aos colegas da Turma 3 do PROFLETRAS, por me acolherem com carinho e consideração.

Aos colegas do PPGL, em especial a Danillo e Iara, por me ajudarem a crescer em conhecimento linguístico.

Aos colegas do PROFLETRAS de Itabaiana, pela recepção e ajuda, em especial a Alexandra Monteiro e Ana Cecília.

Aos colegas de trabalho, Jussileide, Elinalva, Elizabeth, Silvaneide e Roque, pela colaboração.

A todos que torceram por mim e mantiveram a fé e a esperança de que seria possível concluir, com êxito, este curso.

RESUMO

A leitura é um processo cognitivo e sociocultural. O processamento textual envolve o que acontece dentro e fora da mente, além de conhecimentos linguísticos e extralinguísticos. Assim, a construção de sentidos na leitura de provérbios se dá na interação de sujeitos, em situações comunicativas contextualizadas sócio-histórico-culturalmente e representadas na memória simbólica. O texto é, então, lugar de interação, por meio do qual agimos em sociedade. A par disso, o objetivo deste estudo é apresentar a contribuição da aplicação de atividades práticas de ensino, sob uma perspectiva sociocognitivista-interacionista, construídas em torno do gênero textual provérbio e desenvolvidas no âmbito do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. A proposta educativa foi aplicada com alunos do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Prof. Joaquim Vieira Sobral, na cidade de Aracaju, Sergipe. Além da descrição das bases teórico-metodológicas, são apresentados os resultados da efetiva aplicação e um Caderno Pedagógico como sendo um produto prático, exequível e replicável, organizado em Sequência Didática e destinado ao professor de língua portuguesa. A proposição prática objetiva a construção e ampliação de sentidos na leitura do gênero textual provérbio. Para tanto, relaciona-se princípios de projeção de propriedades da Teoria da Metáfora Conceptual (TCM), de Lakoff & Johnson (2009[1986]) à perspectiva sociocognitiva e interacional da leitura. As concepções de língua, texto e leitura foram respaldadas, fundamentalmente, em Marcuschi (2008). Os critérios que definem a análise dos provérbios encontram-se em Obelckvich (1996) e Xatara (2010). Além disso, a Sequência Didática baseou-se nos estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Os resultados deste trabalho indicam que estratégias de leitura são viáveis para o desenvolvimento da compreensão textual. Desse modo, sinalizam que a consideração de aspectos linguísticos e extralinguísticos, numa abordagem interativa, é fundamental para a ampliação da compreensão leitora dos alunos do ensino fundamental.

Palavras-chave: Caderno Pedagógico. Gênero textual. Leitura. Metáfora. Provérbio. Sequência Didática.

RESUMEN

La lectura es un proceso cognitivo y sociocultural. El procesamiento textual implica lo que sucede dentro y fuera de la mente, además de conocimientos lingüísticos y extralingüísticos. Por lo tanto, la construcción de un sentido a la lectura del proverbio se produce en la interacción de los sujetos en situaciones de comunicación contextualizadas socio-histórico-cultural y representó la memoria simbólica. El texto es lugar de la interacción, por lo que actúan sobre la sociedad. A su vez, el objetivo de este estudio es presentar la contribución de la aplicación de actividades prácticas de enseñanza, desde una perspectiva sociocognitivista-interaccionista, construidas en torno al género textual proverbio y desarrolladas en el ámbito del Máster Profesional en Letras - PROFLETRAS. El enfoque educativo se aplicó a los estudiantes del noveno grado de la escuela primaria del profesor de la universidad Joaquim Vieira Sobral, en la ciudad de Aracaju, Sergipe. Además de la descripción de las bases teóricas y metodológicas, los resultados se presentan a la aplicación efectiva y el cuaderno pedagógico como un producto práctico, viable y replicable, secuencia didáctica organizada como para el profesor de portugués. La práctica tiene por objeto proponer la construcción y ampliación de significados al leer el dicho género. Por lo tanto, se refiere a los principios de la teoría de la proyección de las propiedades de la metáfora conceptual (TCM), Lakoff y Johnson (2009[1986]), el punto de vista socio-cognitivo y la interacción de la lectura. Los conceptos del lenguaje, la lectura del texto y estaban respaldados principalmente en Marcuschi (2008). Los criterios que definen el análisis de los proverbios están en Obelckvich (1996) y Xatara (2010). Además, la secuencia didáctica se basa en estudios de Dolz, Noverraz y Schneuwly (2004). Los resultados de este trabajo indican que las estrategias de lectura son viables para el desarrollo de la comprensión textual. De este modo, señalan que la consideración de aspectos lingüísticos y extralingüísticos, en un enfoque interactivo, es fundamental para la ampliación de la comprensión lectora de los alumnos de la enseñanza fundamental.

Palabras clave: Cuaderno Pedagógico. Género textual. Lectura. Metáfora. Proverbio. Secuencia Didáctica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de quadros

Quadro 1 – Síntese dos níveis de análise de provérbios.....	23
Quadro 2 – Sequência Didática Adaptada.....	40
Quadro 3 – Etapas e atividades da SD.....	47
Quadro 4 – Acertos e erros no Pré-teste.....	48
Quadro 5 – Questões e respostas do Exercício 02.....	50
Quadro 6 – Projeções de propriedades de ROSAS e ESPINHOS.....	52
Quadro 7 – Projeções realizadas no Exercício 05.....	54
Quadro 8 – Acertos e erros no Pós-teste.....	56

Lista de gráficos

Gráfico 1 – Percentual de acertos no Pré-teste.....	49
Gráfico 2 – Percentual de acertos no Pós-teste.....	57
Gráfico 3 – Crescimento registrado no Pós-teste	57

Lista de tabelas

Tabela 1 – Crescimento por pontos constatado no pós-teste em relação ao pré-teste.....	58
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – PERCURSO TEÓRICO	16
1.1 CONCEPÇÕES DE LEITURA, LÍNGUA E TEXTO.....	16
1.2 O GÊNERO TEXTUAL PROVÉRBO.....	19
1.2.1 O gênero textual provérbio: traços formais	20
1.2.2 O gênero textual provérbio: aspectos funcionais.....	27
1.3 A METÁFORA CONCEPTUAL NOS PROVÉRBIOS	30
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	34
2.1 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA: PROCEDIMENTOS	35
2.2 ATIVIDADES PRÁTICAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	37
2.2.1 Seleção do conteúdo para o as atividades da SD	37
2.2.2 A elaboração das atividades da SD.....	38
2.3 A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	41
2.3.1 Contextualização e público-alvo.....	41
2.3.2 Desenvolvimento da proposta de trabalho didático-pedagógica: aplicação da sequência didática.....	42
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICES.....	64

INTRODUÇÃO

Sabe-se que construir sentidos é uma atividade humana. A necessidade de compreender-se e compreender o mundo no qual está inserida parece ser inerente a toda e qualquer pessoa. No processo de atribuição de sentido, lê-se tudo, desde os fenômenos naturais até os registros escritos.

Concebida como atividade de busca de sentido, a leitura desenvolve-se à medida que gera capacidade de compreensão, ao passo que isso auxilia no desenvolvimento do próprio processo de leitura. Neste movimento cíclico, ela atua no desenvolvimento cognitivo, social e cultural humano conforme é desenvolvida também na sua própria realização, isto é, sua prática é aprimorada pela ativação de mecanismos diversos no próprio ato da leitura.

No presente relatório¹, visamos apresentar o resultado do estudo realizado no âmbito do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/SÃO CRISTÓVÃO-SE, nos anos de 2014 a 2016. Trata-se da descrição i) do percurso teórico-metodológico da construção e aplicação de uma proposta de atividade prática educativa, ii) da apresentação e análise do resultado de aplicação desta atividade e iii) da exposição de um Caderno Pedagógico, enquanto produto para replicação da atividade proposta.

A proposta prática educativa consiste em apresentar um caminho possível para o exercício da construção e ampliação de sentido, por meio da leitura de provérbios na sala de aula. Para tanto, buscamos mobilizar conceitos subjacentes ao gênero que são compartilhadas socialmente e que representam visões de mundo coletivas.

Conforme Marcuschi (2008), a leitura enquanto ato de produção e apropriação de sentido, ou seja, enquanto compreensão, está ligada a esquemas cognitivos internalizados construídos coletivamente ou categorias. Assim, para compreender algo é preciso reconhecer categorias que não são individuais, mas coletivas. Em outras palavras, para compreender é preciso compartilhar de representações coletivas. Neste sentido, o autor afirma que pensamos com categorias e esquemas cognitivos.

Tais considerações levam-nos a conceber leitura enquanto atividade sociocognitiva e interativa, e o texto enquanto lugar de interação, “evento construído na relação situacional” (MARCUSCHI, 2008, p. 237). O processo de construção de sentido pela leitura é, pois, uma atividade complexa.

¹ No contexto do PROFLETRAS/SÃO CRISTÓVÃO-SE o trabalho final organiza-se em forma de relatório.

A complexidade dessa atividade se explica, entre outros fatores, pelas relações de interdependência dos mecanismos ativados na ação leitora. Para Leffa (1999), por exemplo, a leitura envolve vários processos cognitivos e sociais na/para a construção de sentidos. Numa abordagem interativa, envolve relações entre leitor, texto, conhecimento prévio linguístico e extralinguístico. Para ele, o processo de leitura tem três perspectivas básicas: o texto, o leitor e a comunidade discursiva.

No contexto escolar, em se tratando de textos orais e escritos, é crucial entender como a construção de sentido se faz pela leitura, porque ela (a construção de sentidos) é condição necessária para toda aprendizagem (LERNER, 2002). A escola deve representar o lugar onde a capacidade de atribuir sentido é desenvolvida, aprimorada, ou, pelo menos, apresentada aos alunos como atividade possível, como habilidade a ser desenvolvida de forma sistemática. As aulas de língua portuguesa podem ser um momento em que essa capacidade é desenvolvida.

O resultado de avaliações de larga escala realizadas no Brasil são referenciais capazes de apontar certa deficiência na atividade de compreensão de textos. Em se tratando de Prova Brasil, os resultados são desanimadores. Na distribuição dos alunos por nível de proficiência na Prova Brasil de 2013, os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Sergipe não conseguiram atingir o Nível 8 (nível máximo estabelecido) na avaliação. Apenas 0,30% atingiram o Nível 7 e a grande maioria concentrou-se na categoria Abaixo do Nível 0, totalizando 26,63%.

Na avaliação aplicada em 2013, foram exigidos:

- i) atribuição da finalidade comunicativa com base no modo de organização discursiva predominante de um gênero específico;
- ii) inferência de informação implícita com base em conhecimentos prévios;
- iii) inferência de público alvo de um texto com base nas marcas linguísticas;
- iv) inferência de tema e sentido de um gênero;
- v) inferência de informação comum a dois textos;
- vi) inferência de intencionalidade e finalidade comunicativa;
- vii) reconhecimento de função discursiva; entre outros.

Os dados apresentados permitem-nos verificar que há deficiência no que tange à leitura de texto na educação brasileira. O problema, concentrado na atividade dos professores de português, estende-se aos profissionais das demais áreas do conhecimento por ser, a compreensão do texto lido, fundamental para o entendimento e a apreensão de informações, além de necessário à construção de conhecimento. Como o professor de português do ensino

fundamental pode contribuir na prática de compreensão de texto dos seus alunos, partindo do entendimento do processo de produção de sentido por eles experienciado em sala de aula foi a questão central estabelecida neste estudo.

Diante do exposto, percebemos a viabilidade de sugestões de atividades que, no âmbito das práticas escolares, requerem o desenvolvimento de ações coordenadas, finalizadas e dirigidas à consecução de uma meta, conforme descreve Solé (1998), a fim de desenvolver a compreensão textual em sala de aula.

Ademais, tomamos a Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff & Johnson (2009[1986]) como fundamento para discutir as categorizações representadas nos provérbios. Esta ação foi direcionada à compreensão de texto, tendo como base a percepção das projeções realizadas automaticamente no cognitivo humano. Ou seja, nossa proposta reside na atividade de compreender os provérbios e a relação dos conceitos socialmente construídos que são subjacentes ao texto.

A produção e ampliação de sentidos por meio da leitura dependem de certo refinamento cognitivo dos interlocutores. Em se tratando do gênero textual provérbio, na perspectiva sociocognitiva e interacional, a nossa proposta não poderia desconsiderar função social do gênero e, por isso, a forma e função foram concebidas como aspectos inerentes e indissociáveis no processo de produção de sentido. Essa relação, de forma e função, não dicotômica, mas inter-relacional, nos direcionou ao tratamento do gênero textual como “entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a *funções, propósitos, ações e conteúdos*” (MARCUSCHI, 2008, p. 159, grifo do autor).

Assim, podemos inferir que a forma interna dos provérbios é uma consequência da sua ação social, como também sua função social produz implicações na sua forma. Por serem sentenças pequenas, de fácil memorização, são utilizadas frequentemente em situações específicas e seu conteúdo é congruente à situação e à intenção do usuário. A sua forma e o seu conteúdo são, pois, resultado do propósito comunicativo numa determinada situação. Nesse sentido, Obelkevich (1997, p. 45) declara que

O que define o provérbio não é sua forma interna, mas sua função externa, e esta, comumente, é moral e didática: as pessoas usam os provérbios para dizer a outras o que fazer ou que atitude tomar em relação a uma determinada situação.

Há modeladores do processo linguístico que ultrapassam o contexto, a materialidade textual, e que residem num contexto, muitas vezes, implícito. O lugar social, por exemplo,

poderia ser tomado como um modelador, assim como a posição no discurso. Dessa forma, um mesmo provérbio pode revestir-se de conotações diversas e produzir diferentes sentidos.

Diante de tais considerações, descrevemos, no presente trabalho, atividades práticas cujos fundamentos metodológicos remetem às concepções de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), para os quais uma sequência didática é um “conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Ibidem, p. 82).

Como resultado do trabalho, elaboramos um Caderno Pedagógico para o professor, organizado em sequência didática, que será disponibilizado em repositório para possíveis consultas. Para elaboração do caderno, partimos da testagem/aplicação com alunos da turma do 9º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual Joaquin Vieira Sobral, em Aracaju-SE.

Escolhemos o Caderno como produto do estudo por entender que é um objeto de fácil aquisição e manuseio. Dentre tantas outras possibilidades, o papel impresso nos parece, ainda, uma opção tradicionalmente viável à realidade da escola pública brasileira. Esperamos que o professor possa, facilmente, recorrer à sequência didática para trabalhar a construção de sentidos na leitura de textos, tendo como referência os provérbios.

No Caderno Pedagógico, apresentamos o percurso teórico fundamental para a compreensão da proposta educativa. Em seguida, expomos a Sequência Didática, suas etapas e objetivos específicos de cada uma. Nas ações didáticas que sucederam a Sequência, destacamos o público-alvo, a duração da aula, os objetivos, o passo-a-passo da execução das atividades e, por fim, os exercícios escritos. Ao final do Caderno, apresentamos algumas considerações sobre a experiência primeira da aplicação do produto na turma do 9º ano no Colégio Estadual Joaquim Vieira Sobral e sugestões de leitura.

Além disso, nosso texto tem como objetivo descrever as escolhas teórico-metodológicas que nortearam a construção da atividade prática bem como as ações e os resultados da sua efetiva aplicação, em sala de aula, no trabalho com os efeitos de sentido das metáforas conceituais por meio de provérbios.

O percurso metodológico que serviu de base para a elaboração do material será mais bem explicitado no Capítulo II deste relatório, assim como a análise dos dados obtidos na efetiva aplicação do produto em sala de aula será apresentada no Capítulo III. Antes, porém, convém que os estudos teóricos que nortearam o estudo sejam trazidos ao debate, pois eles revelam o lugar de onde falamos. Essa “localização” é relevante e extremamente necessária, pois existe considerável literatura sobre provérbios e metáfora conceptual e fazer um excerto significativo ao que já foi produzido não é tarefa simples.

A contribuição do presente estudo repousa no fato de ser a sala de aula o *locus* de construção interativa, o professor de língua portuguesa, o pesquisador e os alunos, os informantes. As análises feitas dos dados obtidos são o diferencial desta pesquisa intervencionista, pois nos parece ser tarefa pioneira abordar metáforas conceptuais em provérbios, no contexto que envolve conjuntamente as variáveis: (I) turma de 9º ano do Ensino Fundamental, (II) aula de língua portuguesa, (III) escola pública brasileira, (IV) apresentação de registro escrito de tal atividade.

Por conseguinte, este trabalho foi organizado em três partes ou capítulos, além da introdução e das considerações finais.

No Capítulo I, apresentamos as concepções de língua, texto e gênero, norteando nossas reflexões nos estudos de Marcuschi (2008). Em seguida, com base nas produções de Xatara (2010) e Obelkevich (1997), tecemos considerações sobre o gênero provérbio. Num terceiro momento, discutimos princípios de projeção da Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff & Johnson (2009[1980]).

Apresentamos, no Capítulo II, o percurso metodológico seguido neste estudo. Baseados em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), expusemos nossa Sequência Didática.

Procedemos à análise dos resultados obtidos na aplicação do produto no Capítulo III,

Dessa forma, esperamos que este trabalho possa contribuir para o ensino de leitura nas aulas de língua portuguesa, em especial nas turmas de 9º ano. As atividades propostas visam ao desenvolvimento de estratégias para compreensão de textos por meio do estudo do gênero textual provérbio.

CAPÍTULO I - PERCURSO TEÓRICO

1.1 CONCEPÇÕES DE LEITURA, LÍNGUA E TEXTO

O ensino de língua a partir de textos não é uma proposta recente. Conceber que as intenções comunicativas são modeladoras dos textos e que estes se organizam em gêneros é sugestão vigente, oficialmente no Brasil, desde os anos 1990. Essa propositura foi elaborada e difundida como caminho a ser trilhado, de maneira padronizada e em todo o território nacional, desde 1997 através dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), em especial pelos de Língua Portuguesa.

Nos primeiros anos de implantação, a proposta pareceu promissora, até por tratar o ensino da língua materna de maneira mais contextualizada². Entretanto, ainda hoje, decorridos quase 20 anos desde a efetiva divulgação e implantação dos PCNs, com base em dados estatísticos resultantes de avaliações em larga escala³, percebemos que poderíamos ter avançado mais e que ainda há espaço e, até certo ponto, necessidade de propostas exequíveis que trabalhem a língua portuguesa do ponto de vista da unidade textual e das intenções comunicativas, aspectos intrínsecos ao estudo do gênero textual.

Pretendemos mostrar como a proposta de trabalhar língua a partir do texto é possível e pertinente para o ensino de língua portuguesa. Não é objetivo deste estudo analisar os problemas decorrentes da efetiva aplicação ou não da proposta contida nos PCNs.

Neste trabalho, nosso foco voltou-se para o ensino de leitura do gênero textual provérbio. Considerando a construção de sentido como condição necessária para a aprendizagem, a leitura foi direcionada aos propósitos que lhe conferem sentido no uso social (LERNER, 2002).

Além disso, entendemos que o ato de ler mobiliza capacidades motoras, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas e linguísticas. É preciso conhecer o código e suas regras, partilhar das convenções de escrita, manipular as estruturas sintáticas. É igualmente necessário reconhecer regras compartilhadas socialmente, reconhecer a necessidade de adequação às situações, entender-se enquanto sujeito historicamente situado. Nas palavras de Rojo (2009, p. 77),

² Não queremos dizer que hoje a proposta não é mais promissora. O que desejamos é pontuar conceitos fundamentais para o nosso trabalho que se fazem presentes nos Parâmetros e que, de alguma forma, dialogam com os estudos teóricos realizados.

³ Consideramos os dados da Prova Brasil como parâmetro.

A leitura passa, primeiro, a ser enfocada não apenas como um ato de decodificação, de transposição de um código (escrito) a outro (oral), mas um ato de cognição, de *compreensão*, que envolve conhecimentos de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos linguísticos, muito além dos fonemas e grafemas.

A este propósito, entendemos que, na atividade de compreensão textual enquanto produção de sentidos, a língua entendida como “um sistema de signos específico, histórico e social” (BRASIL, 1998, p. 20) passa a ser concebida como “um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas” (MARCUSCHI, 2008, p. 61). Afinal, há que se considerar um sujeito que é situado, social e historicamente, mas também dotado de um equipamento cognitivo cujo funcionamento é fulcral para a construção dos sentidos, inclusive o de ser.

Sendo assim, a linguagem existe num plano em que o sistema linguístico revela e é revelado num mecanismo de interação permanente, permeada e perpassada pela ação social de um sujeito histórico-cognitivo.

Para a linguística cognitiva, a construção da representação mental do que é lido está imbricada no conhecimento prévio do leitor. Dessa forma, um mesmo objeto poderá ser representado de forma diferente por diferentes sujeitos que constituam uma mesma comunidade. Um único texto, lido por diferentes pessoas poderá resultar em compreensões diferentes, tantas quantas forem diversas as experiências individuais dos sujeitos envolvidos. Evidentemente, a discrepância entre representações mentais de um determinado objeto dependerá da harmonização da representação mental do objeto exteriorizado pelo autor e da compreensão do leitor deste objeto descrito (SCHNOTZ apud KOCH, 2009).

A proposição da representação mental não inviabiliza o caráter interativo e histórico da língua adotado neste trabalho. Assumimos que as representações mentais não são fruto de uma atividade cognitiva isolada, mas são, primeiramente, decorrentes de conceptualizações, social e historicamente construídas.

Desta maneira, a leitura de qualquer gênero, inclusive de provérbios (embora seja primordialmente um gênero oral, aqui será trabalhado em sua forma escrita) requererá do leitor atividades de cunho cognitivo, social, histórico e interacional. A compreensão dos provérbios depende, então, do conhecimento linguístico e de outros conhecimentos que vão para além deste: o conhecimento das práticas sociais. Elas são a base para as representações mentais exteriorizadas nos provérbios, por isso as representações são coletivas e, em certa medida, estão dadas e compartilhadas socialmente.

Como resultado deste compartilhamento, a negociação do sentido é facilitada e a construção da representação mental, dirigida. O sentido de um texto, por conseguinte, é

negociado e construído na interação entre alguém que diz e alguém que compreende, ambos indivíduos situados em contextos sociais reais. Ou seja, o texto é um local de encontro, em que sujeitos se relacionam e constroem sentidos a partir de suas vivências, de seus repertórios. Neste sentido, apropriamo-nos do conceito de Marcuschi (2008, p. 242) que concebe “texto como um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”.

Logo, se o texto é um evento comunicativo onde convergem e interagem aspectos linguístico, sociais e cognitivos, onde alguém diz e outro alguém compreende, inseridos numa situação comunicativa real, podemos inferir que todo dizer, escrito ou oral, pode vir a ser um texto e que todo texto representa uma atividade humana.

Nesta relação entre texto e atividade humana, é possível perceber similaridades e dissimilaridades entre textos, que são resultado da forma, função, estilo e/ou conteúdo com que cada um é produzido. Em se tratando da perspectiva comunicativa, ainda há que se relevar o propósito comunicativo do interlocutor que incide na esfera/campo de circulação do próprio texto. Levando em consideração tais aspectos constitutivos dos textos, podemos firmar que há “formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). A estas, denominamos gêneros.

Se a comunicação verbal se efetiva por meio do gênero, se ao dominar um gênero, domina-se “uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p. 154), então os provérbios mostram-se *locus* fértil para o estudo das visões de mundo subjacentes nas metáforas conceptuais. Estas se fazem constituintes dos provérbios e relacionam-se com sua função.

Nosso trabalho buscou promover a construção de sentido, através da leitura do gênero textual provérbio, considerando as metáforas conceptuais presentes neles. A escolha da temática e das abordagens para construção do produto, que será melhor apresentado adiante, foi gerada a fim de construir uma sequência didática que pudesse colaborar para o aprimoramento da leitura de textos nas escolas públicas do país, representadas no Colégio Joaquim Vieira Sobral, no estado de Sergipe.

Propomos, então, o trabalho com provérbios, dando especial enfoque aos efeitos de sentido das metáforas conceptuais a fim de possibilitar uma compreensão mais aprofundada do gênero e um domínio maior das possíveis estratégias envolvidas na leitura. Nas palavras de Rojo e Cordeiro (2004, p. 10), objetivamos “enfocar, em sala de aula, o texto em seu funcionamento e em seu contexto de produção/leitura, evidenciando as significações geradas mais do que as propriedades formais que dão suporte a funcionamentos cognitivos”.

Em seguida, apresentaremos nossa concepção do gênero textual provérbio.

1.2 O GÊNERO TEXTUAL PROVÉRBIO

Há, pelo menos, duas perspectivas que nos interessam no tratamento provérbio: a primeira diz respeito às propriedades linguísticas, a segunda, a sua ação social. Em outras palavras, podemos estudar o gênero do ponto de vista de sua estrutura interna e/ou de sua função social.

Ao considerarmos o aspecto textual-interativo, optamos por trabalhar a materialidade linguística como representação de ações sociais. Isso possibilita olhar o provérbio de lugares diferentes, de pontos de vista diferentes, afinal a noção de gênero textual a que nos filiamos neste estudo refere-se à materialização de textos em situações comunicativas recorrentes.

Sendo assim, duas são as concepções trazidas à discussão. A primeira diz respeito à definição de provérbios feita por Xatara (2008) que analisa os provérbios a partir de sua forma interna. Segundo ela,

uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar (XATARA, 2008, p. 35).

A segunda definição, de Obelkevich (1997, p. 45), apoia-se na função social do gênero. Para ele,

O que define o provérbio não é sua forma interna, mas sua função externa, e esta, comumente, é moral e didática: as pessoas usam os provérbios para dizer a outras o que fazer ou que atitude tomar em relação a uma determinada situação. Assim, os provérbios são “estratégias para situações”, mas estratégias com autoridade, que formulam uma parte do bom senso de uma sociedade, seus valores e a maneira de fazer as coisas.

Embora as definições revelem pontos de vista, em certa medida, diferentes, eles não se anulam total e mutuamente, não são excludentes. É sabido que o ponto de vista adotado numa pesquisa revela a teoria de base para os estudos. Neste caso, entendemos que, embora nosso posicionamento incline-se mais para a segunda perspectiva, há aspectos pertinentes nas duas definições que dialogam com a concepção de gênero por nós adotada. O nosso desafio não consiste em juntar teorias opostas, não objetivamos a análise estrutural dos provérbios, nem tampouco traçar paralelos entre teorias. Embora nossa abordagem considere os aspectos funcionais da língua, objetivamos levantar aqueles formais relevantes ao estudo da função, pois concebemos que é a função que determina o gênero. Nas palavras de Marcuschi (2002, p. 21),

Quanto a este último aspecto, é bom salientar que embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sócio comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente.

Conforme destaca Lopes (1992), existe uma condição paradoxal no estudo dos provérbios que envolve seu caráter fortemente cristalizado e a extrema flexibilidade de adequação contextual. Não haveria, pois, como discutirmos provérbio sem abordar as questões formais e funcionais que, embora sejam características de todo e qualquer gênero textual, parecem ser mais evidentes no tratamento dos provérbios, justamente por esta aparente antagônia.

Por conseguinte, abordaremos, em seguida, alguns traços formais do provérbio observados em Xatara (2008) e o aspecto funcional exposto por Obelkevich (1996).

Cabe ressaltar que o provérbio é um gênero textual primordialmente da tradição oral e que, neste trabalho, o provérbio tradicional foi abordado na modalidade escrita em referência a situações comunicativas reais de uso, a enunciados concretos orais; os provérbios modificados (que serão mais bem explicado em seguida) foram trabalhados na modalidade escrita e em referência a alterações produzidas na própria escrita.

Evidentemente, esta escolha sofrerá impactos uma vez que o gênero será abordado na modalidade escrita. Para minimizá-los, os provérbios foram trabalhados em referência a situações reais de uso, geralmente referência à modalidade oral. A leitura dos textos, tomada enquanto compreensão, abrange aspectos linguísticos e extralinguísticos.

1.2.1 O gênero textual provérbio: traços formais

Para o tratamento do gênero, segundo a primeira perspectiva, entendemos que os provérbios constituem uma materialidade linguística, uma forma linguística. Trata-se de um gênero textual de curta extensão cujo sentido só pode ser construído se todas as palavras, ou termos, forem considerados no funcionamento em conjunto, nas relações sintagmáticas. Embora o sentido não resulte apenas dessas relações, faz-se necessário considerar todos os constituintes da frase para a compreensão semântica global. Como a extensão dos provérbios

restringe-se à composição de uma única sentença, a retirada de uma palavra pode, em certas situações, causar prejuízo ou até impedimento à produção de sentido.

Considerando apenas as questões formais do gênero, por exemplo, em *ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE*⁴ não é possível compreendê-lo em sua totalidade. Como leitores, a decifração/decodificação é realizada e conseguimos compreender o valor semântico de cada palavra isoladamente, mas a compreensão global é impossível de ser alcançada. Não há sentido construído sem uma referência ao todo.

Nesta perspectiva, considerar o provérbio enquanto *unidade léxica fraseológica*, conforme Xatara (2008), seria tomá-lo como gênero constituído de uma única sentença que funciona como uma só palavra, cujo valor semântico é fixo, pré-definido convencionalmente e armazenado na memória lexical dos interlocutores. Entretanto, ao admitirmos isso, deparamo-nos, mais uma vez, com o caráter plástico, de permanente adaptabilidade a situações diversas do provérbio.

Dessa forma, ainda que o provérbio seja uma estrutura pré-construída, não construída no ato da fala ou da escrita, entendemos que ele não é absolutamente autônomo, entidade suficiente em si mesma, independente do uso. As situações e os propósitos comunicativos agem sobre a forma, de maneira que os sentidos podem ser diversos conforme forem as situações e os propósitos.

Quanto à sua composição frasal, não podemos desconsiderar situações comunicativas orais em que a menção de parte do provérbio já nos remete ao todo, não sendo necessária sua total enunciação. Hipoteticamente, se alguém diz, em determinado contexto: “Eu já disse: Filho de peixe...” Automaticamente, há uma compreensão semântica e pragmática global ativada pelo reconhecimento do texto-fonte armazenado na memória. Como todo o enunciado é evocado na menção da parte, pensamos que a construção de sentido só é possível, de fato, se considerarmos a unidade.

Como a compreensão textual depende, em certa medida, da situação real de uso do provérbio, percebemos a inviabilidade de analisarmos o gênero do ponto de vista formal, sem levar em conta aspectos sociocomunicativos. Atribuir-lhe o estatuto de unidade lexical fraseológica deixa de ser uma questão central. A plasticidade e a dinamicidade do gênero se sobrepõe à forma no sentido de agirem como determinantes na construção de sentido.

Segundo Lopes (1992), há várias propostas quanto a fixidez dos provérbios. Se vistos da perspectiva estruturalista, por exemplo, são formas consagradas, estruturas fixas, expressões

⁴ Nesta pesquisa, os provérbios serão registrados em caixa alta, assim como as metáforas conceptuais.

não formadas livremente pelo interlocutor; nessa abordagem, a fixidez existe. Todavia, se assumirmos que os gêneros são enunciados relativamente estáveis, diremos que não há fixidez absoluta.

Em nosso estudo, defendemos que, enquanto gênero textual, o provérbio possui estabilidade relativa. Concordamos que ela (a fixidez) existe, principalmente, no nível estrutural-sintático das proposições, mas ela não é absoluta, especialmente, quanto ao nível semântico. Há propósitos comunicativos que podem tornar os provérbios flexíveis do ponto de vista lexical e, por conseguinte, semântico. Além de anúncios publicitários⁵, que se utilizam dos provérbios modificados para fins comerciais, podemos exemplificar a flexibilidade também no caráter transgressor com que provérbios são subvertidos na arte, a exemplo de Freire (2002)⁶, alguns dos quais constituíram parte de nossas atividades da sequência didática que será apresentada posteriormente.

Dessa forma, afirmar que os provérbios não são estruturas totalmente fixas não é equívoco, ainda que a liberdade de criação do interlocutor seja limitada (evidentemente, mais que em outros gêneros textuais). Por certo, o provérbio tem uma estrutura formal memorizada pela coletividade que não é construída no momento da enunciação, porém, por vezes, o conteúdo é modificado para atender a propósitos comunicativos que vão além do “conselho” tradicional.

Assim, podemos firmar que a fixidez dos provérbios é relativa e, a partir dessa discussão, tomamos como ‘provérbios originais’ aqueles que se mantêm inalterados, enquanto enunciados concretos, e como ‘provérbios modificados’ aqueles que sofreram qualquer tipo de alteração em sua forma, função e/ou conteúdo por força da situação comunicativa.

A esta altura, é imprescindível realizar dois excertos significativos para a delimitação do nosso objeto de estudo. Primeiro, discernir quais os níveis estabelecidos para a análise dos provérbios quanto à sua fixidez, depois atrelar aos conceitos teóricos a natureza das modificações de provérbios. Para a consecução da primeira tarefa, confeccionamos um quadro

⁵ Frequentemente, provérbios são utilizados enquanto constituintes de anúncios publicitários que, baseados no conteúdo original do texto, difundem novos conceitos na ação retórica. O anúncio é um exemplo de que os propósitos comunicativos interferem na estrutura formal do provérbio. Por isto, embora não constituam a atividade pedagógica proposta nesta pesquisa, serão utilizados como exemplo na discussão do gênero textual provérbio.

⁶Textos de Freire (2002), é autor do livro *Era o dito*. O livro constitui um material multimodal resultante da parceria de trabalho do autor com a projetista gráfica Silvana Zandomeni. Na obra, são apresentados fraseologismos subvertidos pela manipulação de semioses, principalmente de ordem tipográfica. Entre os fraseologismos encontrados, há diversos provérbios subvertidos. Entre eles, dois foram tomados para análise em nossa sequência didática.

	função de um contexto; funciona como subsídios de orientação do homem em relação a si mesmo, aos outros e às futuras gerações.
--	--

Fonte: Adaptado de Xatara (2008)

Certamente, há uma inter-relação entre os níveis e, em alguns casos, seus limites são quase aglutinados. Isso, contudo, não impede a visualização das informações que ratificam a possível flexibilidade dos provérbios, principalmente, nos níveis semântico e pragmático.

Com efeito, a flexibilidade, que aqui é tomada como uma estabilidade relativa, revela-se, principalmente, na modificação de provérbios que ganham outras esferas de circulação, como na publicidade e na arte, por exemplo. Os propósitos comunicativos que determinadas áreas da atividade humana produzem rompem a fixidez aparente dos provérbios. Eles são alterados, modificados segundo estes novos propósitos. Logo, a flexibilidade dos provérbios está atrelada aos aspectos pragmáticos que incidirão no semântico.

Quanto a isto, ao tratarmos de provérbios modificados mediante novos propósitos comunicativos e esferas de circulação - estas últimas também chamadas por Marcuschi (2008) de domínios discursivos - precisamos entender qual seja a natureza dessa modificação.

De acordo com registros históricos, os provérbios não são estáticos. Eles se renovam. Em certos casos, alguns deixam de existir e novos surgem. Se pensarmos sincronicamente, isso parecerá improvável, porém, se considerarmos que registros de sua existência datam três milênios antes de Cristo, entenderemos que são deveras dinâmicos, como a própria língua o é.

Para além disso, como o sentido é construído na interação numa dada situação comunicativa, a compreensão do texto pode sofrer alterações decorrentes do tempo transcorrido e do espaço. Conforme Obelkevich (1997), o provérbio PEDRA QUE ROLA NÃO CRIA LIMO é usado na Escócia para incentivar a mobilidade e na Inglaterra para desencorajá-la. Neste ponto, fica evidente que o caráter sociocomunicativo e funcional dos provérbios é fundamental para estudo de sua materialidade linguística.

Somamos ao exposto, as mudanças lexicais em provérbios que resistem ao tempo. Conforme Urbano (2003), muitos provérbios apresentam variantes simples ou complexas, em uso, que dificultam saber qual seria o provérbio propriamente dito. Para ele, as expressões proverbiais evoluem e isto se dá, entre outras formas, por acréscimos, por utilização de sinônimos, inversões fraseológicas. Neste sentido, Obelkevich (1997, p. 55) afirma que “Embora pouco estudadas, as mudanças nas formas dos provérbios - em metáforas, ritmo e construção - têm implicações tanto para a história da linguagem quanto para a história das mentalidades”.

Todas essas reflexões confirmam a relativização da estabilidade do gênero provérbio. Entretanto, para fins didáticos da proposta de aplicação contida neste relatório, faz-se necessária a exposição, ainda que breve, do processo de hibridização de gêneros que corrobora para a não fixidez dos provérbios em situações específicas.

A hibridização, enquanto imbricamento e interpenetração de gêneros, é um aspecto realmente relevante no estudo dos provérbios, pois o gênero textual provérbio é geralmente circunscrito a outro gênero. Há casos em que ele ocorre isolado, constituindo uma atividade comunicativa humana fundamentada apenas em provérbios, como por exemplo, nas páginas de uma antologia ou de um dicionário, porém, que se vê normalmente é sua integração em outros textos. Sua realização não acontece isoladamente. Ainda que consideremos sua realização em outro gênero, não há conversas, cartas, recados, telefonemas, por exemplo, constituídos apenas de provérbios. Por esta razão, Lysardo-Dias (2004) costuma chamá-lo de gênero “migrador”. Eles passam a ser parte constitutiva de outros gêneros textuais.

Esta característica migradora, aliada ao seu conteúdo didático, faz do provérbio um instrumento poderoso de persuasão na publicidade, por exemplo. Tomemos o caso dos anúncios publicitários: frequentemente, provérbios são usados com propósitos comerciais em anúncios que veiculam a necessidade de consumo de determinado produto. Além de outras análises possíveis quanto à forma e ao conteúdo, temos um propósito comunicativo determinando um gênero que se apoia em outro, ou melhor, que se mescla a outro gênero. A este processo de hibridização em que um gênero assume a função de outro, tomaremos emprestado a denominação de Marcuschi (2008): “intergenericidade”.

Em se tratando de provérbios, este é um fenômeno importante que determina também a não fixidez absoluta deste gênero. A flexibilidade, sobretudo semântico-formal, é atribuída aos provérbios mediante novos propósitos comunicativos e ela, frequentemente, se realiza na intergenericidade.

Ademais, a hibridização dos gêneros remete-nos ao fenômeno da intertextualidade, pois a intergenericidade sempre envolverá elementos do gênero provérbio em outro gênero, ou seja, elementos de um texto em outro. Neste aspecto, em consonância com Koch (2009, p. 145 - 146), entendemos que

A intertextualidade *stricto sensu* ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (*domínio estendido de referência*, cf. GARROD, 1985) dos interlocutores. (Ibidem, grifos da autora)

No presente estudo, consideramos a capacidade de reconhecimento do intertexto na construção de sentido do texto, a partir da ativação do texto-fonte (provérbios originais) na memória lexical do interlocutor. As alterações dos provérbios ou as subversões feitas pelo autor⁸ permitiram reflexões sobre aspectos semânticos-formais, pragmáticos e sociocomunicativos.

Por estas razões, no que se refere ao estudo da forma do provérbio nas atividades aqui propostas, ele foi tomado enquanto gênero textual de pequena extensão, cujo valor semântico é construído, também, na apreensão da totalidade léxico-frasal, mas sobretudo no contexto da interação verbal. A sua aparente fixidez é condicionada, como em todos os gêneros textuais, aos propósitos que podem lhes conferir novos sentidos em novos domínios discursivos. A sua forma ou fórmula dificilmente sofre variação, entretanto o propósito comunicativo pode atribuir-lhe novos conteúdos e domínios discursivos, permitindo, conseqüentemente, a construção de novos sentidos. Logo, são as práticas sociais que, de fato, determinam seu uso e suas variações.

Ainda sobre sua forma, concebemos que o provérbio são formas simples e curtas, de estrutura binária e simetria sintático-semântica. São ricos em rima, ritmo e figuras de linguagem. Diferentemente de Vellasco (2000) que admite serem ou não metafóricos, para nós, assim como para Xatara (2008) e Lopes (1992), os provérbios são conotado, ou seja, são formulado com sentido conotativo. Aliás, para a primeira autora, este é um traço que o distingue de outros fraseologismos. Por isso, afirma que “alguns fraseologismos são apenas sutilmente diferentes de provérbio como o adágio, o anexim, o dito, o preceito e o ditado; este último, aliás, difere-se especialmente por não apresentar metáfora” (XATARA, 2008, p. 34).

Neste ponto, antes de adentrarmos pela exposição de aspectos funcionais, cabe-nos ressaltar a exposição feita até aqui. Não objetivamos descrever, exaustivamente, os provérbios, pois este não é um estudo paremiológico, nem fraseológico. Nosso interesse reside em trazer à discussão fatores que foram apreciados na elaboração das atividades propostas e descritas neste relatório. Estes elementos serviram de base teórica para nossas composições. A definição do provérbio é uma questão em aberto até mesmo para os paremiologistas. Nas palavras de Vellasco (2000, p. 128),

Uma definição única e genérica que proporcione a identificação do provérbio foi-me inviabilizada, como o tem sido aos que dedicaram ou vêm dedicando parte das suas vidas a estudar os provérbios, essa forma concisa portadora da experiência milenar dos povos. A meu ver, isso decorre do fato de que não se

⁸ Neste estudo, trabalhamos com provérbios de Freire (2002).

pode trazer todos os vários tipos de provérbios para uma só categoria: um provérbio não reúne todas as características atribuídas aos provérbios como um todo.

As discussões aprofundadas sobre os limites entre fraseologismos diversos sob perspectivas distintas, o levantamento de provérbios, sua dicionarização não são alvo deste estudo, a não ser o que deles pudermos extrair de necessário para a elaboração do material e que faremos superficialmente. Sendo assim, partiremos ao exame de elementos de caráter funcional, referentes ao gênero provérbio, que dialogam com nossa perspectiva de trabalho.

1.2.2 O gênero textual provérbio: aspecto funcional

Se, por um lado, podemos analisar o gênero textual provérbio a partir de sua estrutura formal, por outro, podemos fazê-lo considerando sua função. Retomando Obelkevich (1997, p. 45), partiremos à discussão da concepção do provérbio enquanto “estratégias para situações”. Inevitavelmente, na perspectiva sociointeracionista, forma e função estão imbricadas, inter-relacionando-se. Em uma interação verbal, o gênero medeia a comunicação e a sua estrutura formal descende da satisfação das necessidades comunicativas em situações reais. Assim, a forma de determinado gênero textual será determinada pelo seu funcionamento no contexto de produção e circulação. Nas palavras de Rojo e Cordeiro (2004, p. 11), “forma e conteúdo têm importância e são determinados apenas dentro do enquadre do funcionamento social e contextual do gênero”.

Neste aspecto, os provérbios podem ser definidos pela sua função social e esta repousa, principalmente, em um aconselhamento geral que é respaldado na autoridade de um saber consolidado e legitimado por uma comunidade linguística. Os provérbios funcionam, então, como mediadores de práticas sociais. Eles são a materialidade linguística de tais práticas. A sua forma interna se apresenta enquanto resultado da sua função na ação social.

Sua materialidade linguística no evento comunicativo se dá sempre que a interação, instância variável, requerer o uso de uma estrutura relativamente fixa, simples e curta que ative conhecimentos de ordem moral e didática, construídos e compartilhados pelo coletivo simbólico social.

Como eles são sentenças sucintas, facilmente memorizadas e incorporadas à memória lexical dos interlocutores, são ativadas facilmente em situações comunicativas específicas. Sua estrutura formal simples e curta, a estrutura binária, a simetria sintático-semântica, o ritmo, a rima, a aliteração, a assonância agem na função mnemônica. Assim, eles são armazenados e

recuperados prontamente da memória do usuário sempre que necessário. As características formais que se apresentam na materialidade linguística causam efeitos de sentido que repercutem no funcionamento cognitivo, como a memorização e a compreensão textual.

O conteúdo ou assunto de que tratam é variado e sujeito à intenção comunicativa específica do usuário. Geralmente, a intenção de advertir, ensinar, repreender, persuadir, consolar, por exemplo, aparece sob a forma de conselhos que encerram, em si mesmos, verdades gerais, de valor atemporal e alocativo.

Eles são vistos como bons conselhos estereotipados para resolução de problemas recorrentes da sociedade de maneira geral, têm um caráter didático e objetivam, teoricamente, a transmissão de valores e a manutenção destes pela transmissão. São artefatos culturais que informam sobre situações e modo de agir.

Quanto à autoria, são anônimos e, de acordo com Obelkevich (1997), em situações de conflito, logram intento com a impessoalidade, expressa, geralmente, na forma da terceira pessoa verbal. Por este recurso linguístico, os interlocutores podem chegar a suas próprias conclusões a partir do conteúdo que é constituído de verdades consagradas socialmente, validadas pela experiência da comunidade. Como resultado, eles reforçam e internalizam normas sociais, agindo no controle social. Neste aspecto, são autoritários, locais de conflito político e expressam claramente a finalidade pela qual são utilizados.

Quem usa o provérbio se apoia nas palavras da comunidade, do senso comum. Por isso, a linguagem é, geralmente, coloquial. Alguns, entretanto, têm vocabulário e construção arcaicos que nos remetem ao tempo de existência do próprio provérbio.

Ele é amplamente utilizado pela comunidade e, por seu aspecto migrador, pode ser parte constituinte de vários textos. Um único provérbio pode ser usado em diferentes situações, ficando seu sentido dependente da intenção de quem o faz e da natureza do tópico tratado na situação. Nas palavras de Lopes (1992), o provérbio tem “potencial de adaptabilidade permanente a novas situações”. Em vista disso, é polivalente e multifuncional.

Neste ponto, entendemos que a função do gênero é atingida quando atividades cognitivas são ativadas para a compreensão textual. É improvável que um interlocutor compreenda um provérbio sem ativar conhecimentos socioculturais, ou seja, o reconhecimento da situação, a adequação temática, a determinação da intenção e a escolha do provérbio dependem de esquemas cognitivos internalizados. A advertência, o conselho, o ensino só podem ser apreendidos a partir da compreensão dos significados do texto. A função do provérbio depende da sua efetiva compreensão e esta é, também, uma atividade cognitiva.

O provérbio é compacto e condensa significados em poucas palavras. Quem utiliza um provérbio, em uma única sentença, alcança sua intenção comunicativa pessoal, ao mesmo tempo que informa os valores e a forma de fazer de uma sociedade. Há uma compreensão padrão ligada a cada um dos provérbios que circula na comunidade, há uma lição de moral, um ensinamento didático, um apelo ao cuidado com a aparência que são compartilhados pelos indivíduos. Entretanto, a construção do sentido está sempre vinculada à situação de uso e ao assunto abordado.

Neste trabalho, consideramos o fator conativo como essencial para delimitação do nosso objeto de estudo, logo a compreensão textual do enunciado concreto sempre transcenderá o significado linguístico literal. Em se tratando da proposta de atividade prática para o 9º ano do Ensino Fundamental, entendemos a transcendência como inferência analógica em que a materialidade linguística atua como uma representação mental de um objeto.

Assim, a leitura do provérbio requer a colaboração do interlocutor para acionar as propriedades relevantes ao contexto, partindo do cotexto. Em *ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE FURA*, por exemplo, há que se apoiar no significado literal, mas transcendê-lo. Esta transcendência não se faz livremente, mas, por inferência analógica, é possível atribuir, parcialmente, propriedades dos referente cotextuais *ÁGUA* e *PEDRA* aos referentes do contextuais (que podem ser muitos, tantos quantas forem diferentes as situações). Assim, não é possível vincular o sentido literal de forma automática à leitura de provérbios, se consideramos a língua um sistema simbólico de práticas sócio-históricas.

Nesta perspectiva sociointerativa da cognição, a compreensão se dá em categorias que são elaborações, antes de tudo, coletivas. O indivíduo categoriza o mundo, as coisas do mundo a partir de suas vivências, de suas experiências. Então, compreender *ÁGUA* e *PEDRA* numa determinada situação comunicativa dependerá das concepções, das visões de mundo que constituem os esquemas mentais internalizados de cada indivíduo, construídos na interação social. A compreensão semântica global será fruto, também, da partilha de convenções sociais. Em concordância com Marcuschi (2008, p. 233), concebemos que

[...] as atividades sociais e cognitivas marcadas pela linguagem são sempre colaborativas e não atos individuais. Por isso, seguidamente operam como fontes de mal-entendidos. Pois, como seres produtores de sendo, não somos tão lineares e transparentes quanto seria de desejar, e a compreensão humana depende da cooperação mútua. Sendo uma atividade de produção de sentidos colaborativa, a compreensão não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais.

Ademais, é preciso considerar que na compreensão enquanto exercício de convivência sociocultural, o leitor precisa atuar sobre conteúdos e contextos socioculturais dinâmicos. Neste aspecto, as próprias categorias são instáveis, estão em constante mudança. Para Mondada e Dubois (2003), a categorização advém de práticas simbólicas e não de uma ontologia dada, como algo que estabiliza uma ligação direta com o mundo. A relação evidenciada no processo de categorização é entre o texto e a parte não-linguística das práticas na produção e interpretação. Por isso, afirmam que as categorias são instáveis, variáveis e flexíveis, elas mudam sincrônica e diacronicamente, são múltiplas e inconstantes.

A exemplo disso, podemos identificar um mesmo objeto utilizando muitas categorias. No caso dos provérbios, a recategorização é fator presente sempre que um provérbio é usado. No provérbio citado, ÁGUA e PEDRA, por exemplo, serão recategorizados sempre que a situação pedir. ÁGUA, por exemplo, poderá ser conselho, atitude, exemplo.

Ainda que a compreensão do provérbio esteja apoiada no seu significado literal, não é possível calcular o seu significado em função do significado dos elementos constitutivos da sentença nas relações sintagmáticas apenas. O cotexto, por vezes, é incoerente com a realidade, como em CACHORRO QUE LATE NÃO MORDE. Somente no contexto social, na inferência, é possível atribuir sentido ao enunciado.

Adotar tal perspectiva para elaboração da atividade prática não implica assumir que a compreensão do provérbio depende do mapeamento das palavras sobre as coisas, pressupondo a estabilidade do mundo e da língua. Pelo contrário, firmamos que, enquanto “estratégias para situações”, o provérbio é definido por sua ação social. Enquanto enunciado concreto, a construção de sentido só é possível se houver uma transcendência inferencial. Neste caso, os termos evocados no texto só poderão ser compreendidos se, apoiados no significado literal, considerarmos seu potencial conativo que revela visões de mundo, conceptualizações. O leitor precisa, então, compartilhar de saberes culturais internalizados para utilizar com eficácia provérbios em situações recorrentes. Entretanto, o uso dos provérbios, como enunciados concretos, perpassa o mapeamento cognitivo. Sobre isso, trataremos em seguida, ao abordarmos a metáfora conceptual.

1.3 A METÁFORA CONCEPTUAL NOS PROVÉRBIOS

Se em Marcuschi (2008) entendemos que a construção de sentido pela leitura, depende das condições cognitivas internalizadas, que o reconhecimento do objeto ou a sua representação mental é guiada e ativada pelo nosso sistema sociocultural internalizado ao longo da vida, que

pensamos com categorias, em Lakoff & Johnson (2009[1986], p. 39) vemos que “Nuestro sistema conceptual ordinario, en términos del cual pensamos y actuamos, es fundamentalmente de natureza metafórica”.

Certamente, os provérbios são artefatos culturais que nos informam sobre processos cognitivos de construção de sentido e de concepção de mundo. Na compreensão textual, ativamos representações mentais de objetos de naturezas distintas, construídas na interação sociocultural. Conceptualizamos. Mapeamos as relações entre as coisas e as coisas e entre as coisas e as palavras. Categorizamos. Percebemos as semelhanças e similitudes entre as representações mentais. Tomamos uma coisa em termos de outra. Recategorizamos. Consideramos o contexto de produção, a situação e a intenção comunicativa, o tópico abordado. Construimos sentido.

Não almejamos, neste trabalho, abordar exaustivamente a Teoria da Metáfora Conceitual (TCM), de Lakoff & Johnson (2009[1980]), nem discutir as críticas quanto à estabilidade das representações em mapeamentos. Ressaltamos, apenas, aspectos de projeções realizadas automaticamente no processo cognitivo e que atuam na construção e ampliação de sentido na leitura de provérbios. As atividades que constituem a proposta de atividade prática e, conseqüentemente, o Caderno Pedagógico basearam-se nesta ação cognitiva fundamental: a percepção do mundo por conceitos metafóricos. Na realidade, as atividades que trataram deste propósito buscaram ativar propriedades pertinentes aos objetos representados nas expressões linguísticas que, na situação comunicativa, revelam a maneira como concebemos a nossa realidade cotidiana. Para isso, trabalhamos com a projeção de propriedades.

Na TCM, o nosso sistema conceptual é, em grande parte, metafórico. A linguagem é uma evidência de que, inconsciente e automaticamente, as metáforas estruturam nossa maneira de perceber, pensar e atuar. Nesta perspectiva, a metáfora não é vista como um simples recurso linguístico, como uma figura de linguagem, mas, antes, é uma figura de pensamento, um processo cognitivo complexo e são as expressões linguísticas metafóricas que revelam as conceptualizações metafóricas.

Neste sentido, os provérbios, enquanto “estratégias para situações”, revelam conceptualizações que informam valores sociais, políticos, éticos, religiosos, etc. Em termos de estrutura formal, os recursos linguísticos são a base material linguística para a elaboração cognitiva das interpretações exequíveis, ao mesmo tempo que atuam, também, na composição do lugar de onde se fala.

Em QUEM COM FERRO FERE, COM FERRO, SERÁ FERIDO, poderemos abstrair diferentes metáforas conceptuais. Elas estarão sempre em consonância com a situação

comunicativa e revelarão diferentes concepções, pois as categorias a que pertencem FERRO e FERIR são instáveis, também, pelo próprio caráter adaptável do provérbio.

Assim, se numa determinada situação comunicativa, tomarmos FERRO como PALAVRA e FERIR como OFENSA, teremos que OFENDER é FERIR. Se, por outro lado, FERRO for concebido como TRAIÇÃO e se admitirmos que FERIR refere-se à mágoa, teremos MÁGOAR É FERIR. Tantas serão as metáforas possíveis quantas forem as compreensões na situação concreta.

Na metáfora conceptual, os domínios são áreas do conhecimento ou experiências humanas que se relacionam no mapeamento. No exemplo anterior, temos um domínio-fonte, de onde parte a conceptualização e, geralmente, é mais concreto: FERIR; ainda temos um domínio-alvo, que desejamos conceptualizar: OFENDER e MAGOAR. Assim, julgamos o domínio-alvo pelo domínio-fonte.

Este mapeamento, contudo, é parcial, uma vez que apenas algumas propriedades do domínio-fonte são transmissíveis para o domínio-alvo. Em se tratando de provérbios, a avaliação de quais propriedades são relevantes para a compreensão textual é realizada de acordo ao contexto e à situação comunicativa.

Cabe ressaltar que, geralmente, as metáforas conceptuais mostram as relações de conceitos abstratos (sentimentos, ideias, atividades) com conceitos mais concretos, facilitando o entendimento de uma coisa em termos de outra. Todavia, com os provérbios trilhamos um caminho singular. Por vezes, representações de conceitos concretos são desconstruídos para serem construídos em termos mais abstratos, voltando ao concreto. No mesmo provérbio: QUEM COM FERRO FERE, COM FERRO, SERÁ FERIDO, temos um conceito mais concreto, FERIR. Sua conceptualização parta da experiência corpórea, de ferimento no corpo, na carne, logo é algo mais concreto. No exemplo, ele é tomado por conceitos mais abstratos, como ofender e magoar para, na situação comunicativa real, voltar a ser FERIR.

Outro aspecto importante é o caráter sociocultural da metáfora conceptual. Ela não é criada individualmente, mas elaborada a partir de um conceito vigente socialmente. A conceptualização dos conceitos permite identificar as visões de mundo. As relações feitas entre os conceitos em um enunciado proverbial concreto não são aleatórias. Há uma coerência manifesta entre os próprios conceitos, materializados linguisticamente ou evocados simbolicamente, e destes com a realidade cotidiana.

FERRO, com efeito, pode ser entendido como PALAVRA, porém, considerando o caráter sociocultural da metáfora conceptual, parece-nos complexo firmar que PALAVRA É

FERRO. O que percebemos é que, neste caso, há um consenso cultural em aceitar a propriedade da dureza do ferro (no sentido literal) que pode ser projetada na palavra (no sentido figurado).

Interessante é notar que este processo metafórico dos provérbios acontece automática e inconscientemente no cognitivo humano. Em frações de segundos, fazemos as projeções e atribuímos sentido ao texto. Ainda que consideremos a interpretação/compreensão pré-definida de cada provérbio, a construção do sentido é perpassada pelo fenômeno cognitivo metafórico todas as vezes que um provérbio é usado numa situação comunicativa real.

Não seria coerente usar QUEM COM FERRO FERE, COM FERRO, SERÁ FERIDO para tratar das temáticas persistência ou herança de propriedades, pois sua compreensão pré-definida convencionalmente nos impele ao uso no tratamento da temática ações e consequências. A intenção com que é trabalhado torna-se determinante para a construção de sentido. Neste caso, a incoerência de caráter pragmático não permitiria a compreensão. Sendo assim, a ativação dos mapeamentos no uso de provérbios é viável num contexto em que o tópico temático, a intenção e a situação comunicativa são levados em conta.

Apresentado o norte teórico que fundamenta a discussão sobre provérbios, convém destacar que a atividade proposta com os efeitos de sentido de projeções de cunho metafórico nos provérbios foi elaborada para que os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental percebam que as palavras não são transparentes, elas dizem mais do que, de fato, dizem. Há escolhas a serem feitas, há caminhos a serem trilhados na compreensão textual. A partir do tratamento dos provérbios, a leitura poderá ser entendida como um construto sociointerativo. Sobre os métodos utilizados neste trabalho, falaremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

Apresentadas as bases teóricas que nortearam a elaboração das atividades educativas que compõem o Caderno Pedagógico, nesta seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho. Entendemos método enquanto “conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo [...] traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista ” (MARCONI & LAKATOS, 2010, p. 65).

No âmbito do PROFLETRAS, o relatório consiste na descrição das bases teóricas-metodológicas para elaboração de um produto e na exposição dos resultados de sua efetiva aplicação, bem como na exposição do próprio produto. Este último deve ser uma proposta de atividade educativa prática, exequível e replicável em sala(s) de aula e que, para comprovar (ou não) sua efetiva contribuição, seja testada.

Neste sentido, nosso trabalho consiste numa investigação intervencionista com ressonância no campo das práticas escolares. Unindo teoria e prática, buscamos estudar o objeto na prática escolar, identificando estratégias geradoras de resultados relevantes, capazes de interferir positivamente na realidade observada e propor soluções para problemas práticos, no nosso caso, a questão da leitura no contexto educacional.

A partir dessas considerações, propomos a elaboração de um Caderno Pedagógico (adiante, tomado por CP) para o professor, organizado em sequência didática. Um recurso de apoio para trabalhar com os alunos do 9º ano a construção e ampliação de sentidos por meio da leitura. Com o Caderno, buscamos indicar como é possível contribuir para o desenvolvimento da competência leitora mediante a leitura de provérbios e o reconhecimento dos efeitos de sentido de metáforas conceptuais⁹ neles contidas, considerando os “diversos domínios de processamento que entram em ação na construção de sentido na leitura” (COSCARELLI; NOVAIS, 2010, p. 36).

Para a construção da proposta prática de leitura de provérbios¹⁰, sistematizamos a nossa metodologia com base no modelo de sequência didática (doravante chamada SD) proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), tomada como um “conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

⁹ Não trabalhamos, em sala, a terminologia “metáfora conceptual”. Apenas refletimos sobre projeções entre domínios e as visões de mundo reveladas nelas.

¹⁰ O provérbio aqui é tomado como artefato cultural que revela percepções do mundo por conceitos metafóricos.

Na tentativa de relacionar teoria e prática pedagógica, escolhemos o Caderno Pedagógico para trabalhar a construção de sentido na leitura de provérbios. Entendemos que, embora seja um recurso tradicional, é justamente este caráter que o torna uma proposta efetivamente possível de replicação nas escolas brasileiras.

2.1 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA: PROCEDIMENTOS

Em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), encontramos uma propositura que dialoga com a perspectiva de gênero adotada neste trabalho. Para Schneuwly (2004), por exemplo, o gênero tem estrutura definida por sua função e é caracterizado por um plano comunicacional. Assim como nós, eles propõem o ensino¹¹ a partir do estudo do gênero, pois este é um caminho em que os contextos de produção e de recepção são considerados no momento da compreensão textual.

Trabalhar a leitura com base no gênero é contextualizar a prática de leitura e isto oportuniza aos alunos “apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas” (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 82).

Visando propiciar o melhor domínio de um gênero e o desenvolvimento de habilidades comunicativas em situações diversas, os autores propõem uma SD base organizada em módulos. Nela temos:

- i) apresentação da situação;
- ii) primeira produção, em que o professor avalia as capacidades adquiridas e ajusta as atividades;
- iii) módulos, nos quais as atividades trabalham o gênero de maneira sistemática e aprofundada;
- iv) produção final, onde os alunos põem em prática os conhecimentos adquiridos e o progresso alcançado pode ser medido.

Apoiados neste esquema, elaboramos uma SD para trabalhar o gênero provérbio. Devemos ressaltar que adaptações foram necessárias. Algumas delas decorreram de particularidades do próprio gênero textual. Estas alterações serão mencionadas ao longo da exposição.

¹¹ Os autores recomendam o ensino da produção de textos e da expressão oral a partir do ensino do gênero. Em nosso estudo, aproveitamos o suporte teórico para trabalhar a leitura.

Abaixo, temos a organização da SD para o tratamento da construção de sentidos na leitura de provérbios.

i. **ETAPA I - CONHECENDO A PROPOSTA DE TRABALHO**

Nesta etapa, a proposta de trabalho com provérbios foi apresentada aos alunos. Além disso, um pré-teste foi aplicado com questões objetivas sobre o gênero.

ii. **ETAPA II - (RE)CONHECENDO OS PROVÉRBIOS**

Neste momento, fizemos o reconhecimento das propriedades comunicativas do gênero.

iii. **ETAPA III - TRABALHANDO A FORMA, FUNÇÃO E SENTIDO**

Trabalhamos aspectos composicionais, relacionado a forma à função do gênero.

iv. **ETAPA IV – PROJETANDO PROPRIEDADES**

Aqui, exercitamos a projeção de propriedades entre domínios diferentes.

v. **ETAPA V - CONSTRUINDO NOVOS SENTIDOS**

Discutimos releituras feitas de provérbios modificados e novos sentidos construídos.

vi. **ETAPA VI - TESTANDO NOVAS HABILIDADES ADQUIRIDAS**

Fizemos exposição oral dos conhecimentos adquiridos e aplicamos um pós-teste a fim de comparar os resultados.

Julgando necessária uma compreensão aprofundada do gênero textual, a SD foi elaborada a fim de trabalhar gradual e progressivamente as propriedades do texto, tratando problemas em níveis diferentes. Assim, após a apresentação do tema e aplicação do pré-teste, trabalhamos consecutivamente:

1. a contextualização do provérbio numa situação comunicativa real¹², os atores envolvidos, as intenções comunicativas, os atores envolvidos e o eixo temático;
2. os efeitos de sentido causados por alguns recursos linguísticos presentes, ressaltando as relações entre estrutura formal e função do gênero;
3. os sentidos passíveis de serem construídos nas projeções de propriedades dos termos constituintes dos provérbios;
4. o reconhecimento de provérbios modificados intencionalmente, de acordo com propósitos comunicativos diferentes dos tradicionalmente construídos.

¹² O provérbio foi trabalhado em atividades escritas em referência a situações, efetivamente, reais de uso. Ele foi considerado em seu contexto de produção/recepção, numa situação comunicativa em que a língua é usada em sua modalidade oral. Trabalhamos, pois, um gênero oral em atividades de linguagem escrita, visando à leitura.

Por certo, fizemos algumas adaptações na SD elaborada, se compararmos a proposta em que nos fundamentamos. As alterações foram necessárias e decorrem das especificidades do gênero. Em primeiro plano, adaptamos um plano de trabalho com gêneros escritos para trabalhar o gênero oral. Não propusemos atividades orais de execução do gênero nem tratamos de produção textual, mas de leitura. As atividades escritas que compõem o DP são estratégias para melhor conduzir à compreensão do texto.

Além disso, embora a sugestão dos autores seja trabalhar gêneros menos acessíveis aos alunos, trabalhamos um gênero conhecido ¹³pela maioria. Não objetivamos dar acesso a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis, porém pretendemos construir e ampliar a compreensão do gênero, considerando os contextos de produção/recepção.

Neste ponto, cabe salientar que o provérbio é um gênero primordialmente oral, mas que nesta SD foi trabalhado em atividades de linguagem escrita em referência a situações reais de uso. Entendemos que a sistematização do estudo de provérbios pode perpassar atividades escritas, pretendendo o desenvolvimento da capacidade de compreensão textual.

Então, a nossa propositura de construção de sentido na leitura pressupõe uma ampliação da competência leitora a partir da compreensão dos fatores, internos e externos ao gênero, envolvidos na comunicação, além de entender que as situações comunicativas são determinantes para as projeções metafóricas possíveis. O sentido construído é metafórico por natureza. As atividades que compõem o caderno foram construídas com base nestas acepções.

2.2 ATIVIDADES PRÁTICAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

2.2. 1 Seleção do conteúdo para o as atividades da SD

Visando ao desenvolvimento da leitura enquanto compreensão, optamos em trabalhar com provérbio por entender que, embora de curta extensão, é um gênero textual por meio do qual podemos promover a percepção das variadas possibilidades de leituras em contextos comunicativos diversos. Para nós, o trabalho com provérbios possibilita a construção de sentidos na leitura e, concomitantemente, a constatação de concepções que subjazem ao texto e que, muitas vezes, não são perceptíveis no processo automático de leitura, mas que interferem na construção de nossa visão de mundo.

¹³ Mesmo sendo conhecido pela maioria dos alunos do 9º ano, as particularidades do gênero textual provérbio eram desconhecidas. As relações entre forma, função e sentido nunca haviam sido pensadas, nem trabalhadas em sala de aula. Tampouco foram discutidas visões de mundo inerentes ao texto.

Como já mencionamos na seção anterior, para contribuir com o desenvolvimento da competência leitora do aluno, elaboramos um material para o professor, um caderno didático. O material foi pensado para ser uma espécie de apoio, uma referência para o trabalho com o gênero numa perspectiva sociocognitiva e interacional.

Quanto ao conteúdo, buscamos respaldo no Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Sergipe. Nossa proposta de trabalho foi perpassada, então, por conteúdos para o 9º ano do ensino fundamental, dispostos no referido documento, como a leitura e interpretação de textos, o estudo de vocábulos e aspectos semânticos e a intertextualidade, além de tocar em alguns aspectos morfofossintáticos.

2.2.2 A elaboração das atividades da SD

Parte das atividades práticas constituintes do CP são exercícios escritos, organizados em SD. Eles foram elaborados e organizados de forma a conduzir o aluno ao conhecimento mais aprofundado do gênero provérbio e a percepção das visões de mundo encapsuladas neste. No total, elaboramos cinco exercícios.

Na ETAPA I, fizemos a apresentação da proposta de trabalho com provérbios. Para isso, organizamos uma dinâmica na qual solicitamos a montagem de frases recortadas (que foram reduzidas a um grupo de palavras), entregues em envelopes. Cada frase construída era um provérbio diferente.

No **Exercício 01**, preparado para a ETAPA II, foi construído(a) um quadro/tabela para ser complementado(a) com informações sobre as condições de uso de provérbios em situações comunicativas reais. Para preencher o quadro, que apresenta lacunas em diversas células, é necessário reportar-se à uma possível situação real. As informações colhidas neste exercício dizem respeito ao repertório dos alunos, ao reconhecimento de situações comunicativas reais em que o provérbio é ou pode ser frequentemente usado, ao conhecimento dos atores sociais envolvidos na situação, ao propósito comunicativo que move os atores a comunicar-se entre si, à temática em questão e à modalidade da língua em que o texto é produzido.

Ao término do exercício, esperamos que o aluno possa recuperar em sua memória alguns provérbios e perceber que a compreensão textual depende do contexto em que o texto é produzido/recebido.

Para realizar a ETAPA III, o aluno foi convidado a perceber os aspectos formais do gênero. No **Exercício 02**, efeitos de sentido de recursos linguísticos foram trabalhados. A atividade buscou ativar três tipos de conhecimentos gramaticais já estudados pelos alunos,

relacionando-os com os sentidos, possivelmente, gerados na compreensão de oito provérbios selecionados. A relação esperada refere-se ao uso de pronomes que reflete a indeterminação ou a generalização dos provérbios. Este recurso mostra-se fundamental para a construção da impessoalidade característica do gênero. Da mesma forma, o tempo verbal foi destacado na intenção de levá-los a perceber que o provérbio, embora seja atemporal, trata sempre de uma temática discutida no agora, apresenta conselhos ou soluções para o tempo presente. Algumas vezes, no entanto, ele pode nos remeter ao futuro como consequência de uma ação do hoje. O uso da vírgula foi evocado para a percepção da sonoridade, das pausas, do ritmo, dos paralelismos, das construções binárias. Além destes, o aluno foi chamado a refletir nos efeitos da extensão do texto, da linguagem coloquial, da antonímia e da sinonímia, dos sentidos conotativos e denotativos e figuras de linguagem sempre presentes, como a metáfora linguística.

Importante é ressaltar que esta atividade foi criada para ser realizada em conjunto, professor e aluno juntos. Sem a intervenção do professor, o aluno, provavelmente, enfrentará dificuldade para entender a relação entre os recursos linguísticos e os efeitos de sentido que estes podem provocar no texto.

A ETAPA IV foi construída com base no **Exercício 03**. Preparamos questões, baseadas em um único provérbio, em que o aluno pode perceber as projeções de propriedades de termos referentes a domínios diferentes. Inicialmente, ele precisa identificar propriedades de seres, no caso, de rosas e espinhos. Em seguida, as questões buscam tecer relações entre os termos ROSAS e ESPINHOS e as possíveis interpretações em situações comunicativas diferentes no provérbio NÃO HÁ ROSAS SEM ESPINHOS. Nas doze questões que compõem o exercício, os sentidos se revelam à medida que há a compreensão das projeções.

A etapa seguinte consiste na tentativa de propiciar a compreensão de provérbios transgredidos em sua forma original, relacionando sua nova estrutura formal a propósitos comunicativos. Na ETAPA V, temos o **Exercício 04**. Nela, um questionário sobre os sentidos construídos na leitura de dois provérbios modificados é apresentado para que o aluno responda com base no seu conhecimento prévio e nas informações obtidas até o momento com a realização das atividades anteriores. Entre alguns fraseologismos trabalhados na perspectiva artística-crítica de Freire (2002), escolhemos dois provérbios para que, mediante a leitura, o aluno pudesse responder ao questionário.

Embora não seja nossa intenção tratar do conceito de multimodalidade, nesta fase, faz-se necessária uma ressalva quanto à leitura do texto multimodal, pois os textos de Freire (2002) são multimodais. E, neste sentido, sustentamos que o material multimodal apresenta os modos verbais e visuais coexistindo na construção de sentido. Para construir sentido pela leitura é

preciso estar “enculturado” e possuir “conhecimentos prévios para processar a leitura” (DIONÍSIO, 2014, p. 65). É preciso compreender a modelagem social em que os recursos estão inseridos e estabelecer relações entre as semioses.

Na ETAPA VI, o **Exercício 05** atua como a ratificação da compreensão atingida no **Exercício 03**. Nele, os alunos devem construir novas projeções a partir da leitura de outros provérbios e apresentá-las oralmente a toda classe.

Além dos cinco exercícios citados, nas etapas I e VI, preparamos um questionário, composto de quinze questões objetivas cujo conteúdo explorado foi organizado segundo os assuntos abordados nas etapas II, III, IV e V. As questões abordam a leitura e compreensão do gênero provérbio, considerando o contexto de produção/recepção. Cada questão apresenta 05 (cinco) alternativas, sendo apenas uma correspondente à alternativa correta.

Nas questões 1 e 2, buscamos ativar o reconhecimento de provérbios na memória dos alunos. As questões 3 e 4 trataram da compreensão da função do gênero em situações comunicativas e as questões 5, 6 e 7 trabalham situações de uso real do provérbio. Em 8 e 9, abordamos sentido denotativo, sentido conotativo e projeções de propriedades. A partir da questão 10, passamos à modificação que provérbios sofrem em decorrência das intenções comunicativas dos usuários em situações reais de uso e as relações intertextuais. Além disso, levantamos as propriedades culturais do provérbio, a veiculação de conhecimentos morais, práticos e sociais.

O mesmo questionário fez parte da sequência didática, ora na ETAPA I – como pré-teste -, ora na ETAPA VI, como pós-teste. Esta denominação é decorrente da própria aplicação; pré-teste por ser aplicado antes da testagem e pós-teste por ser aplicado após a testagem do produto. Na aplicação do questionário, não houve interferência do professor. O questionário foi realizado individualmente e sem consulta. Ele serviu-nos para averiguação de resultados da aplicação/testagem do produto; assim, não fará parte do produto final sugerido para replicação.

Quadro 2 – Sequência Didática Adaptada

	OBJETIVO	ATIVIDADE/DURAÇÃO
ETAPA I	Apresentar a proposta de trabalho com provérbios.	Montagem de sentenças (provérbios recortados) / 02 Aulas
ETAPA II	Reconhecer das propriedades comunicativas do gênero.	Exercício 01 / 02 Aulas
ETAPA III	Perceber os efeitos de sentido causados por alguns recursos linguísticos; Compreender as relações entre estrutura formal e função do gênero.	Exercício 02 / 02 Aulas

ETAPA IV	Construir projeções entre propriedades de domínios diferentes.	Exercício 03 / 02 Aulas
ETAPA V	Discutir releituras feitas de provérbios modificados e novos sentidos construídos.	Exercício 04 / 02 Aulas
ETAPA VI	Socializar conhecimentos construídos por meio de exposição oral.	Exercício 05 / 02 Aulas

Fonte: Dados da pesquisa

2.3 A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Para aplicar a SD elaborada, fizemos a apresentação da proposta à instituição de ensino e aos responsáveis pela matrícula dos alunos na escola da rede pública de ensino. Tendo sido aprovada e autorizada pelos mesmos, partimos à efetiva aplicação em sala de aula.

2.3.1 Contextualização e público-alvo

A SD foi aplicada em uma turma do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Prof. Joaquim Vieira Sobral (C. E. J. V. S.). O colégio está situado no bairro Jabutiana, na cidade de Aracaju-SE e tem alunado composto, fundamentalmente, de moradores de bairros adjacentes. A escola oferece ensino fundamental maior e nível médio. Das 590 matrículas realizadas em 2016, 212 foram no ensino regular fundamental e 115 no ensino médio; as demais foram matrículas de EJA e EJAEM.

Segundo a última avaliação do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), 79,17% dos alunos matriculados no 9º ano no C. E. J. V. S. fizeram a Prova Brasil de 2013¹⁴, atingindo 229,36 de proficiência em língua portuguesa, numa escala que vai de 0 a 400 pontos, divididos em 8 níveis. Dos alunos que fizeram a avaliação, 35,52% ficaram Abaixo do Nível 1 e apenas 3,06% conseguiram alcançar o Nível 6 que, entre outras habilidades, avaliou a inferência de efeitos de sentido gerados por recursos formais e a inferência da intenção comunicativa com base na relação entre linguagem verbal e não verbal em gêneros textuais.

Estes dados nos ajudam a ratificar a dificuldade de leitura por que passam os alunos da rede pública no país. Segundo o Inep, de 1. 210.615 de alunos de 9º ano que fizeram a prova em todo o país, no ano de 2013, apenas 21% dos alunos das escolas públicas estaduais atingiram

¹⁴ Os dados referentes à Prova Brasil de 2015 ainda não foram divulgados, por isso, nosso estudo está fundamentado nos dados de 2013, divulgados pelo INEP.

o aprendizado esperado em leitura e interpretação textual. A grande maioria, 52% dos alunos, tiveram pouco aprendizado (de 200 a 274 pontos) e 23%, quase nenhum aprendizado (de 0 a 199 pontos).

Quanto ao 9º ano em que a proposta educativa foi testada, não temos dados estatísticos, em nível nacional, que comprovem a dificuldade de leitura dos alunos, entretanto nosso parâmetro repousa no resultado de uma observação ativa em sala de aula. Assim, as dificuldades de compreensão textual são repetições da realidade que se replica nas escolas no país.

A turma em que o produto foi testado é composta de 27 alunos, mas nem todos frequentam regularmente as aulas. Dos 18 alunos que participaram do processo de aplicação, 07 têm 17 anos, 06 têm 15 anos e os demais têm 14 ou 16 anos. Destes, apenas 14 contribuíram efetivamente, participando de todas as etapas da aplicação da SD.

Estes alunos são brasileiros, solteiros e, em sua maioria, moradores de Aracaju. Há, entre eles, um que mora em Malhador e outro que mora em São Cristóvão, municípios de Sergipe. Todos moram com os pais e não têm filho(s). Dos 18 alunos que participaram em algum momento da aplicação do produto, apenas 02 disseram trabalhar para ajudar nas despesas domésticas.

No questionário sociocultural aplicado, declararam-se pardos, em sua maioria. Apenas 03 declararam ser brancos e 04, negros. Eles fizeram a maior parte do ensino fundamental na escola pública e utilizam o ônibus escolar como transporte. Apenas 03 disseram utilizar outros meios de transporte para ir à escola, como bicicleta e carro particular. Quanto aos meios de informação, disseram manterem-se informados pela internet.

Considerando o exposto, elaboramos uma atividade educativa para colaborar com o desenvolvimento de habilidades inerentes à leitura de textos.

2.3.2 Desenvolvimento da proposta de trabalho didático-pedagógica: aplicação da sequência didática

As atividades que compõem a sequência didática foram aplicadas em 10 horas-aula no 9º ano do ensino fundamental do C. E. J. V. S., de 19 de outubro a 09 de novembro de 2016. Além desse período, foram necessárias mais duas aulas para aplicação do Pré-teste e do Pós-teste.

ETAPA I

Duração: 02 aulas em 19/10/2016

Recursos: envelopes, provérbios impressos recortados, pré-teste xerocopiado.

A fim de apresentar a proposta de trabalho com provérbios, distribuímos envelopes contendo provérbios recortados, decompostos em palavras, para serem montados. Os alunos rapidamente montaram os provérbios. Questionados sobre o gênero textual, demoraram a nomear “provérbio”. O reconhecimento automático foi do uso que pais e responsáveis fazem dele no dia a dia. Em seguida, apresentamos a temática do trabalho e qual seria o gênero textual estudado nas aulas. Depois, o pré-teste foi entregue para que os alunos respondessem em até 1h e 30 min, mas em meia hora a turma concluiu a atividade. Logo após, começamos uma discussão sobre o que são provérbios, por quem são usados, qual o propósito do uso, quem são os atores sociais, o assunto que abordam. Uma situação inusitada aconteceu em sala e serviu de base para esta discussão. Uma aluna, defendendo-se por ter sido chamada de “baixinha”, usou o provérbio modificado TAMANHO NÃO É IDADE, referindo-se ao original TAMANHO NÃO É DOCUMENTO. A partir da fala da aluna, começamos uma discussão fervorosa. Os alunos citaram provérbios e o propósito de uso. Cada aluno citou um provérbio diferente e uma aluna citou um provérbio modificado utilizado em um anúncio publicitário EM TERRA DE CHAPINHA QUEM TEM CACHOS É RAINHA. A aula terminou.

ETAPA II

Duração: 02 aulas em 21/10/2016

Recursos: exercício xerocopiado.

Retomamos da discussão sobre provérbios e aplicamos o **Exercício 01**. A atividade foi mediada e os alunos não mostraram muita dificuldade para realizá-la. A complexidade, de nível baixo, residiu nas relações necessárias em imaginar situações do cotidiano em que provérbios pudessem ser usados. Neste momento, trouxemos à discussão algumas questões:

- i. o que são gêneros textuais?
- ii. como nos comunicamos em sociedade?
- iii. o que é um provérbio?
- iv. em que situações usamos provérbios?
- v. quem utiliza provérbios?
- vi. em que modalidade da língua o provérbio é realizado com maior frequência?
- vii. quando usamos provérbios, temos que objetivo?

Após a conclusão da atividade escrita, socializamos as respostas e o exercício foi devolvido à professora. Durante a socialização, equívocos de alguns alunos na realização da atividade foram resolvidos.

ETAPA III

Duração: 02 aulas em 03/11/2016

Recursos: exercício xerocopiado.

Começamos a aula retomando alguns conceitos como propósito, assunto, situação, forma, função dos provérbios. Partimos para a execução do **Exercício 02** no qual analisamos aspectos formais do provérbio. Foi necessário relembrar algumas terminologias e conceitos gramaticais. Durante a mediação, demos alguns direcionamentos como, por exemplo:

- i. o que podemos afirmar sobre o uso de pronomes ao observarmos os provérbios 1, 2 e 3?
- ii. o que podemos supor ao percebermos o uso de pronomes indefinidos nos provérbios?
- iii. com que característica do provérbio o uso do pronome se relaciona?
- iv. por que os muitos provérbios apresentam pronomes indefinidos em sua constituição? Para que? Como isso interfere na compreensão do texto?

Levantamos outros questionamentos para, igualmente, conduzir o aluno a percepção dos efeitos de sentido dos recursos linguísticos trabalhados no exercício. A atividade foi feita em conjunto e os alunos mostravam-se um pouco desmotivados, mas conseguiram, com a efetiva mediação, perceber as relações entre recursos linguísticos e efeitos de sentido no texto.

ETAPA IV

Duração: 02 aulas em 04/11/2016

Recursos: exercício xerocopiado.

Começamos a aula com o **Exercício 03**. Os alunos mostraram dificuldade, principalmente, na primeira questão. Foi a primeira vez em que percebemos que a atividade exigia um pouco mais deles. Os alunos perceberam que as projeções são parciais e que nem todas fariam sentido na aplicação do provérbio. A construção de sentido foi norteadora para eles. Aqui foi possível perceber como, em nossa cultura, entendemos algo em termos de outro e como essas construções são fruto de viver em coletividade. A dificuldade na compreensão das questões foi dirimida pela explicação oral da professora. A partir desta atividade, selamos que as palavras dizem mais do que efetivamente dizem. Esta atividade precisou sofrer alterações, posteriormente à aula, para que houvesse maior clareza nas insígnias.

ETAPA V

Duração: 02 aulas em 11/11/2016

Recursos: exercício xerocopiado, provérbios xerocopiados do livro de Freire (2002).

Começamos a aula retomando o conceito de provérbio, relembramos o que já havia sido discutido em sala. Relembramos do provérbio citado por uma aluna, no primeiro dia da aplicação do produto, e que foi usado na publicidade EM TERRA DE CHAPINHA QUEM TEM CACHOS É RAINHA. Discutimos as motivações que poderiam ter levado à alteração do provérbio original. Concluímos que as intenções comunicativas podem modificar o conteúdo dos provérbios e fazê-los migrar para outros gêneros. Distribuímos provérbios do livro “Era o dito” por duplas. Pedimos que expusessem as impressões. Percebemos que os provérbios estavam diferentes da forma e conteúdo originais e que eles tinham sido modificados com propósitos artísticos e críticos. Percebemos, também, mediante perguntas e direcionamentos da professora, que as imagens faziam parte do texto, elas eram determinantes para a interpretação do texto. Mencionamos o texto multimodal. Os provérbios EM TERRA DE CEGO QUEM TEM UM OLHO É e QUEM NÃO TEM CÃO CAÇA COM foram discutidos. Os alunos demonstraram discreta dificuldade em compreender os provérbios. A discussão elucidou a leitura ao passo que os alunos construíram coletivamente os sentidos possíveis. Por fim, distribuí o **Exercício 04** e o fizemos em conjunto. Nele, os alunos deveriam analisar assertivas sobre os provérbios modificados e marcaram uma das opções: “SIM” ou “NÃO”.

ETAPA VI

Duração: 02 aulas em 16/11/2016

Recursos: exercício e pós-teste xerocopiados.

Entregamos o **Exercício 05** e pedimos para que, em dupla, respondessem e apresentassem oralmente o resultado. Apesar de demonstrarem certa timidez, os alunos vieram à frente da sala e expuseram suas construções, mostrando que haviam compreendido as diversas possibilidades interpretativas a partir da projeção de propriedades de domínios diferentes e como essas relações revelam nossa visão de mundo. Os provérbios distribuídos foram:

- i) ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE FURA;
- ii) MAIS VALE UM PÁSSARO NA MÃO DO QUE DOIS VOANDO;
- iii) CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU;
- iv) UMA ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO.

Além disso, constataram que o sentido do provérbio depende da situação comunicativa em que são usados. Depois disto, os alunos fizeram o pós-teste.

A mediação do professor mostrou-se fundamental para a consecução das atividades. Os exercícios foram elaborados para serem respondido em conjunto, professor e aluno. Sua principal finalidade é conduzir o aluno à compreensão textual. São estratégias organizadas e dispostas em nível crescente de dificuldade que visam à percepção da não transparência das palavras e do texto enquanto evento comunicativo, lugar de interação.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, realizamos a análise dos dados obtidos na aplicação da Sequência Didática (SD). As informações analisadas foram coletadas das atividades aplicadas no 9º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Prof. Joaquim Vieira Sobral, em Aracaju/SE, e estão organizadas em etapas:

Quadro 3 – Etapas e atividades da SD

	ETAPAS	Atividades
I	CONHECENDO A PROPOSTA DE TRABALHO	Apresentação; Pré-teste.
I	(RE)CONHECENDO OS PROVÉRBIOS	Exercício 01
III	TRABALHANDO A FORMA, FUNÇÃO E SENTIDO	Exercício 02
IV	PROJETANDO PROPRIEDADES	Exercício 03
V	CONSTRUINDO NOVOS SENTIDOS	Exercício 04
IV	TESTANDO NOVAS HABILIDADES ADQUIRIDAS	Exercício 05; Pós-teste.

Fonte: Elaboração da própria autora

Diferentemente do Quadro 2, neste, incluímos as testagens realizadas no início e no final do processo por entendermos que eles podem ser, assim como as demais atividades, instrumento útil de averiguação de resultado.

Como nosso principal objetivo é contribuir com a construção e ampliação de sentidos por meio da leitura de provérbios, nosso trabalho consistiu em apresentar o gênero textual provérbio enquanto resultado de uma ação social que se materializa linguisticamente. Então, buscamos mostrar que a compreensão de um texto, seja ele qual for, dependerá sempre do contexto em que é produzido e recebido. A intenção comunicativa varia conforme varia, também, a situação em que ela surge. A forma e conteúdo do gênero também variam mediante a situação. Assim, na leitura de um texto, para além dos fatores linguísticos, os fatores extralinguísticos são determinantes para sua efetiva compreensão.

Na ETAPA I, na atividade de montagem de provérbios, toda a classe conseguiu realizar a atividade sem maiores problemas. O gênero foi facilmente reconhecido e ativado na

memória dos alunos, assim como foram reconhecidas situações de uso. O conhecimento prévio dos alunos foi despertado para a compreensão do gênero.

Ainda nesta etapa, o resultado do pré-teste¹⁵ nos mostrou dificuldades de leitura. Para compreensão da Tabela 1¹⁶ abaixo, leia-se C como marcação da alternativa correta e E como marcação da alternativa errada nas questões do pré-teste.

Quadro 4 – Acertos e erros no Pré-teste

Aluno	Q – 01	Q – 02	Q – 03	Q – 04	Q – 05	Q – 06	Q – 07	Q – 08	Q – 09	Q – 10	Q – 11	Q – 12	Q – 13	Q – 14	Q – 15
1	C	C	E	E	E	C	C	C	E	C	E	E	C	C	E
2	C	C	E	E	E	E	E	C	E	E	C	E	C	E	E
3	E	C	E	E	E	C	C	C	E	C	C	E	C	C	E
4	C	C	E	E	E	C	C	E	E	C	E	E	C	E	E
5	C	C	C	C	E	C	C	C	E	C	E	E	C	E	C
6	C	C	E	C	C	C	C	E	E	E	E	E	C	E	E
7	C	C	E	C	E	E	E	E	E	C	E	C	C	E	C
8	C	C	E	C	C	C	C	E	E	C	E	E	E	E	E
9	E	C	C	E	E	C	E	E	C	E	E	E	E	E	E
10	E	C	E	E	C	C	C	C	E	E	E	E	C	C	E
11	E	C	C	C	E	C	C	E	E	C	E	E	C	C	C
12	C	C	E	E	C	C	C	C	E	E	E	C	C	C	E
13	E	C	C	C	E	C	C	E	C	C	E	E	C	E	E
14	C	C	E	C	E	C	E	E	E	C	E	E	E	E	E

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto às questões, em algumas, verificamos um maior índice de erros, elas foram as questões nove, onze, doze e quinze. Nas três primeiras, tivemos treze erros e, na última, doze. Todas essas questões abordaram o uso de provérbios modificados em contextos reais de uso.

No que diz respeito ao desempenho dos alunos, um aluno acertou apenas quatro questões, dois acertaram cinco, um acertou seis, quatro acertaram sete, dois acertaram nove e

¹⁵ Para efeito de comparação de resultados dos testes, consideramos apenas os testes dos 14 alunos que participaram da testagem inicial e da testagem final. Aqueles que fizeram apenas o pré-teste ou apenas o pós-teste foram desconsiderados.

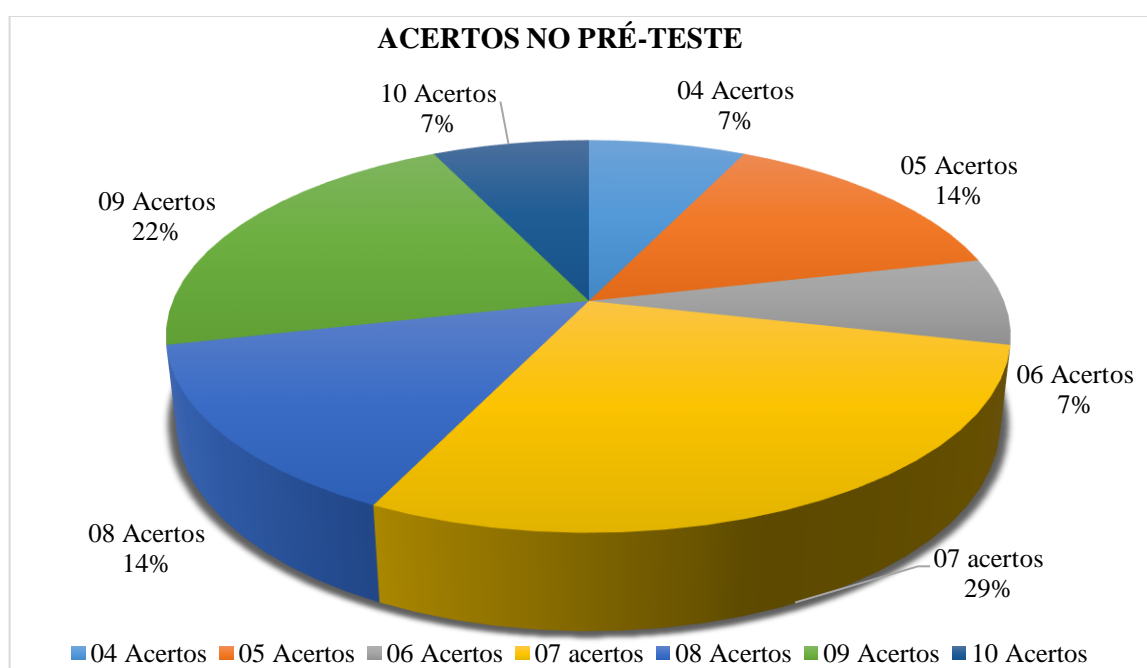
¹⁶ Os alunos não foram nomeados pelo princípio de sigilo de autoria, descrito no termo de consentimento que foi assinado pelos responsáveis dos alunos na escola.

Na tabela, Q – refere-se à questão e o número seguinte ao número da questão do teste, assim, Q – 01, por exemplo, refere-se à questão 01 do teste.

um acertou 10 questões. Assim, na aplicação primeira do teste, em termo percentuais, podemos dizer que cerca de 43% da classe acertou mais da metade das questões. Logo, temos os dados seguintes.

Cabe ressaltar que a questão que apresentou maior índice de acertos, totalizando 100% de acertos foi a questão de número 2. Possivelmente, a linguagem prototípica de redes sociais favoreceu a leitura do texto. O uso de emoticons, recurso amplamente utilizado nas redes sociais, pode ter contribuído para a compreensão textual, uma vez que são muito familiares para os alunos. Isto, provavelmente, possibilitou o resultado positivo da questão.

Gráfico 1 – Percentual de acertos no Pré-teste



Na ETAPA II, a confecção de quadro com informações sobre situação comunicativa, atores sociais envolvidos, temática, propósito comunicativo e modalidade da língua envolvidos no uso de provérbios foi realizada tranquilamente. Apenas dois alunos entregaram a atividade incompleta.

Como resposta à atividade, um aluno apresentou uma discussão entre dois vizinhos. Nela, o provérbio QUEM COM FERRO FERE, COM FERRO, SERÁ FERIDO é usado, na modalidade oral, para conscientizar o vizinho agressor a parar com os maus tratos a sua esposa. Em outra atividade recolhida, o provérbio QUEM COM PORCOS SE MISTURA, FARELO

COME foi citado em referência a uma conversa entre mãe e filho sobre a influência de más companhias. Nela, a mãe alerta o filho sobre as suas amizades.

Ficou evidente que os alunos compreenderam que o provérbio é um gênero textual de curta extensão e linguagem conotativa, usado em variadas situações comunicativas, entre as quais se destacam o intuito de aconselhar e de mostrar uma visão socialmente construída.

Na ETAPA III, os alunos precisaram ainda mais da mediação da professora. As conclusões foram construídas em conjunto, dessa forma, muitas respostas parecidas foram registradas. A exemplo das respostas, destacamos dois exercícios apresentados abaixo.

Quadro 5 – Questões e respostas do Exercício 02

Questões	Resposta do Aluno A	Resposta do Aluno B
Impressões sobre uso de pronomes em 1, 2 e 3	<i>O pronome quem aparece em todos os provérbios</i>	<i>O pronome “quem” está nos três provérbios</i>
Efeito alcançado	<i>É para se referir a várias pessoas</i>	<i>Generalização</i>
Impressões sobre o uso da vírgula em 3, 4 e 5	<i>A vírgula é utilizada para substituir o verbo</i>	<i>Usado na comparação</i>
Efeito alcançado	<i>A vírgula é utilizada na comparação</i>	<i>Marcar o ritmo</i>
Impressões sobre o tempo verbal	<i>A maioria está no presente</i>	<i>A maioria está no presente</i>
Efeito alcançado	<i>Porque o provérbio é para o presente a também indica um pouco do futuro</i>	<i>Uma situação que está no presente</i>
Impressões sobre a extensão do texto	<i>Os provérbios são pequenos</i>	<i>Pequenos</i>
Efeito alcançado	<i>Fácil de decorar</i>	<i>Fácil de entender, decorar, aprender.</i>
Impressões sobre a linguagem	<i>É fácil de entender</i>	<i>São provérbios com linguagem popular</i>
Efeito alcançado	<i>Facilita a compreensão</i>	<i>Facilita a compreensão</i>

Impressões sobre figuras de linguagem e/ou de pensamento	<i>Na maioria dos provérbios há metáforas</i>	<i>Na maioria existe metáfora</i>
Efeito alcançado	<i>Utilizar o sentido figurado</i>	(Sem resposta)
Impressões sobre sentido denotativo e sentido conotativo	<i>Sentido figurado</i>	<i>Percebe-se o maior uso de sentido figurado</i>
Efeito alcançado	<i>Para advertir</i>	<i>As palavras são mais fáceis de entender</i>
Impressões sobre sinonímia e antonímia	<i>7 e 8 são diferentes, mas têm o mesmo sentido</i>	<i>7 e 8 são diferentes, mas tem o mesmo sentido</i>
Efeito alcançado	<i>Causa ações não diferentes.</i>	<i>Efeitos diferentes para afirmar a mesma coisa</i>

Fonte: Dados da pesquisa

A escolha dos exercícios dos alunos A e B justifica-se pelo fato de os dois mostrarem-se mais distantes no que diz respeito às respostas. Como muitas respostas foram semelhantes, destacamos aquelas que julgamos mais diferentes entre si.

Nesta atividade, os alunos puderam perceber que os recursos linguísticos presentes no texto não aparecem de forma aleatória, mas se justificam. O uso de alguns recursos gera efeitos interessantes e estes são construídos por motivos específicos.

O uso do pronome “quem” pode ser facilmente relacionado com o caráter generalizador e impessoal dos provérbios. Todos ou qualquer um pode ser incluído em “quem”, assim como todos ou qualquer um pode usá-lo. O ritmo dos provérbios foi mais uma característica percebida pelo uso da vírgula. Este ritmo é um recurso mnemônico, assim como a extensão do texto em si.

A atualidade e o caráter assertivo do provérbio foram percebidos no uso do presente e, raramente, no uso do futuro do indicativo, bem como na linguagem coloquial, de fácil entendimento. A linguagem conotativa e o uso de metáforas foram tópicos a serem discutido, após a primeira leitura. Os alunos identificaram facilmente estes recursos e a relação com a generalização, atualidade e impessoalidade foi estabelecida imediatamente após questionamentos condutores da professora.

Julgamos ter contribuído para a compreensão dos aspectos formais do gênero e para a relação entre a forma e a função social dos provérbios. Foi interessante perceber o esforço dos

alunos para construírem as relações entre os recursos linguísticos e os efeitos de sentido no texto. Apenas dois alunos não completaram todo o exercício.

No exercício seguinte, integrante da ETAPA IV, tivemos registros de projeções realizadas pelos próprios alunos. A atividade requereu a identificação de características de seres e a projeção dessas propriedades em provérbios, considerando contextos situacionais. Assim, os sentidos foram vários, bem como as relações estabelecidas.

Entre as conexões construídas para a compreensão do provérbio NÃO HÁ ROSAS SEM ESPINHOS, destacamos algumas registradas.

Quadro 6 – Projeções de propriedades de ROSAS e ESPINHOS

Rosas	Espinhos	Relação textual
Beleza	Sufrimento	Não há beleza sem sofrimento
Amor	Sufrimento	Não há amor sem sofrimento
Amor	Dor	Não há amor sem dor
Amor	Proteção	Não há amor sem proteção
Luz	Escureidão	Não há luz sem escuridão
Romance	Sufrimento	Não há romance sem sofrimento
Alegria	Problemas	Não há alegria sem problemas
Felicidade	Sufrimento	Não há felicidade sem sofrimento
Romantismo	Dor	Não há romantismo sem dor
Vitória	Luta	Não há vitória sem luta

Fonte: Dados da pesquisa

Nesta atividade, basicamente, os alunos realizaram mapeamentos parciais¹⁷. As questões foram elaboradas a fim de conduzi-los à compreensão textual em suas possibilidades conotativas. Tentamos esclarecer que a compreensão textual do provérbio está intrínseca à situação comunicativa e que as relações que fazemos são automáticas, além de reveladoras de visões de mundo.

As respostas registradas revelaram visões e valores que são compartilhados coletivamente. O sujeito histórico-cultural revelou-se, neste processo, enquanto participante ativo da

¹⁷ Entendemos mapeamentos parciais enquanto projeções realizadas em que se consideram apenas algumas propriedades de determinados domínios, ou seja, projeta-se parcialmente algumas propriedades relevantes ao contexto.

construção de sentidos. Os sentidos foram variados, conforme os valores compartilhados e as situações experienciadas. Dos 14 mapeamentos realizados com ROSA, 3 referiram-se a AMOR, 1 a AMOR e 1 a ROMANTISMO. Estas projeções revelam traços de gestos próprios da cultura ocidental que legitimou o ato de oferecer rosas numa relação afetiva, amorosa.

Ademais, ROSAS foi relacionado a BELEZA, LUZ, ALEGRIA, FELICIDADE E VITÓRIA. Na perspectiva adotada neste trabalho, é possível perceber que ROSAS é um símbolo portador e irradiador de propriedades positivas, benéficas. Em contrapartida, ESPINHOS remeteu-nos ao SOFRIMENTO, DOR, ESCURIDÃO, PROBLEMA, LUTA. Houve apenas um registro de uma característica não negativa: PROTEÇÃO. Este último mapeamento pode ou não ser tomado como negativo, dependendo da situação e do contexto comunicativos.

Todos os alunos fizeram a atividade e demonstraram interesse em descobrir outras possíveis relações/projeções. As respostas registradas na atividade nos permitem concluir que houve a percepção da variação textual mediante diferentes situações, propósitos e temáticas.

Na ETAPA V, a leitura de dois provérbios modificados de Freire (2002) resultou no preenchimento de um questionário. Neste, todas as informações referentes ao provérbio, trabalhadas até o momento, foram aliadas à perspectiva intertextual e multimodal com que Freire os reconstruiu. Nesta etapa, abordamos o provérbio modificado com propósitos específicos.

Como todas as questões foram lidas em alta voz e respondidas em conjunto, após discussão, o registro obtido foi, praticamente, invariável. O objetivo do questionário não era medir/mensurar o aprendizado, mas possibilitar a discussão de questões relacionadas ao gênero provérbio e aos provérbios modificados por Freire (2002). A discussão, por sua vez, indicou a compreensão da imbricação dos modos visuais e verbais na construção de sentido.

Das questões do exercício, apenas duas variaram. Foram elas: “O provérbio foi modificado, tendo seu sentido original transgredido parcialmente” e “O autor construiu uma negação completa do provérbio original”. Em ambas as questões, não houve unanimidade na resposta, pois os termos “parcialmente” e “completa” permitiram uma abertura na compreensão. Assim, alguns concordaram com a assertiva e marcaram “SIM” e outros discordaram, marcando “NÃO”.

Na última etapa, o convite para apresentar, oralmente e em dupla, possíveis leituras de provérbios, por meio de projeções, culminou numa rápida apresentação de relações possíveis de alguns dos provérbios distribuídos¹⁸. Apenas quatro duplas apresentaram seus exercícios.

Neles, algumas projeções possíveis foram construídas, como exemplificamos no quadro abaixo.

Quadro 7 – Projeções realizadas no Exercício 05

Provérbio original	Compreensão por projeção
UMA ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO	Uma pessoa só não faz grandes mudanças
ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE FURA	Uma palavra dita várias vezes convence
MAIS VALE UM PÁSSARO NA MÃO DO QUE DOIS VOANDO	É melhor algo pequeno garantido que coisas grandes
CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU	Casa de comandante, regras moles

Fonte: Dados da pesquisa

Durante a apresentação, percebemos que os alunos entenderam o processo de projeção de propriedades, embora nem todos tenham conseguido realizar a atividade. Entre os que responderam o exercício, houve aqueles que não conseguiram construir as relações sozinhos, precisando recorrer à ajuda da professora.

Considerando situações comunicativas hipotéticas, os alunos realizaram projeções de propriedades de domínios diferentes. Em UMA ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO, ANDORINHA foi tomada por PESSOA e VERÃO, por MUDANÇAS. Os valores sociais, construídos na coletividade e armazenados no simbólico coletivo permitiram a construção de tais projeções. Em ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE FURA, ÁGUA MOLE foi tomada por PALAVRA, PEDRA DURA foi tomada por DIZER REPETIDO e FURAR, por CONVENCER.

No provérbio MAIS VALE UM PÁSSARO NA MÃO DO QUE DOIS VOANDO, uma propriedade sobressaltou na interpretação. Os alunos relacionaram grandezas físicas como

¹⁸ Quatro provérbios foram distribuídos entre os alunos para construção de projeções. Eles foram: ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE FURA; MAIS VALE UM PÁSSARO NA MÃO DO QUE DOIS VOANDO; CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU; UMA ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO.

comprimento, massa e quantidade de matéria para concluir que PÁSSARO é ALGO PEQUENO, NA MÃO é algo que está GARANTIDO e QUE DOIS PÁSSAROS é COISA GRANDE. O conhecimento prévio armazenado foi ativado e relações foram feitas. O provérbio foi um gatilho para ativar saberes de áreas diferentes do conhecimento a fim de construir sentido.

Por fim, no último provérbio, CASA DE FERREIRO foi tomado por CASA DE COMANDANTE e ESPETO DE PAU por REGRAS MOLES. As relações feitas estão na ordem, também, de grandezas físicas. Propriedade do FERRO foram transferidas para um COMANDANTE. Por isto, entendemos que predomina a visão de comandante como alguém duro. Esta inferência é confirmada na segunda parte do provérbio, quando o aluno toma PAU por algo MOLE. O termo “moles” faz referência à dureza transferida ao estereótipo de comandante, culturalmente partilhado.

Por certo, este é um processo trabalhoso, que não se encerra nas atividades elaboradas e aplicadas. A SD feita contribuiu, basicamente, para a ampliação dos conceitos referentes à leitura. Outras atividades são necessárias para desenvolver as habilidades de leitura dos alunos. A competência leitora é resultado de um processo contínuo e gradual, que não se completa num período de 10 aulas.

Ademais, é sabido que outros fatores de naturezas diversas interferem na aplicação do produto. A frequência dos alunos, a disposição física e mental, a satisfação das necessidades básicas de alimentação, as condições da estrutura da sala de aula e da escola, entre outros, podem interferir nos dados obtidos.

Ressalvados esses aspectos, apresentaremos abaixo o resultado do pós-teste que foi aplicado logo após o término do **Exercício 05**.

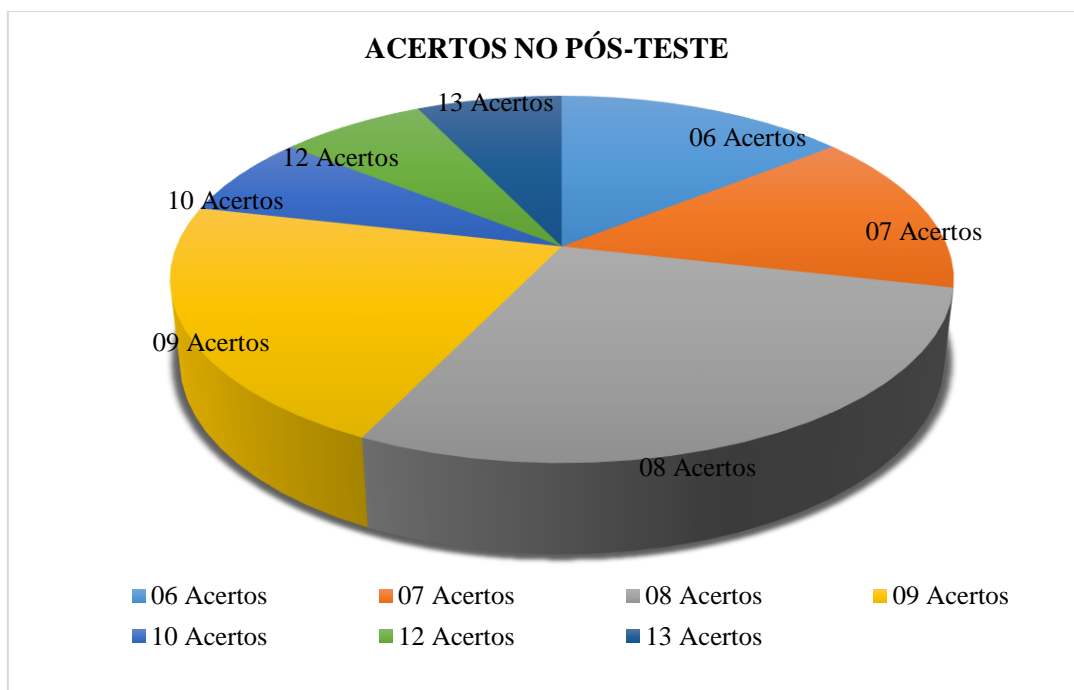
Quadro 8 – Acertos e erros no Pós-teste

ALUNOS	Q - 01	Q - 02	Q - 03	Q - 04	Q - 05	Q - 06	Q - 07	Q- 08	Q - 09	Q - 10	Q - 11	Q - 12	Q - 13	Q - 14	Q - 15	
1	C	C	C	E	E	E	C	E	C	C	C	C	E	E	C	9C
2	C	C	E	E	E	C	C	E	E	C	E	E	C	E	E	6C
3	E	C	E	E	E	C	C	C	E	C	C	C	C	C	E	9C
4	C	C	C	C	E	E	C	E	E	C	C	E	C	E	E	8C
5	C	C	C	C	E	E	C	E	E	C	E	E	C	C	E	8C
6	E	C	C	E	C	C	C	E	E	C	E	E	C	C	E	8C
7	C	C	E	C	E	E	C	C	E	C	E	E	E	E	C	7C
8	C	C	E	C	C	C	E	C	E	C	C	E	E	E	C	9C
9	C	C	E	C	E	C	E	C	E	C	C	E	C	C	C	10 C
10	C	C	E	E	E	C	C	E	E	E	C	E	E	C	E	6C
11	C	C	C	C	E	C	C	C	C	C	C	C	C	C	E	13 C
12	C	C	E	C	C	C	C	C	E	C	C	C	C	C	E	12 C
13	C	C	C	E	E	E	C	E	E	C	C	E	C	E	E	7C
14	C	C	E	C	E	C	E	C	C	E	C	E	C	E	E	8C
	2C	14 C	5C	7C	3C	9C	11 C	7C	3C	12 C	10 C	4C	10 C	7C	4C	

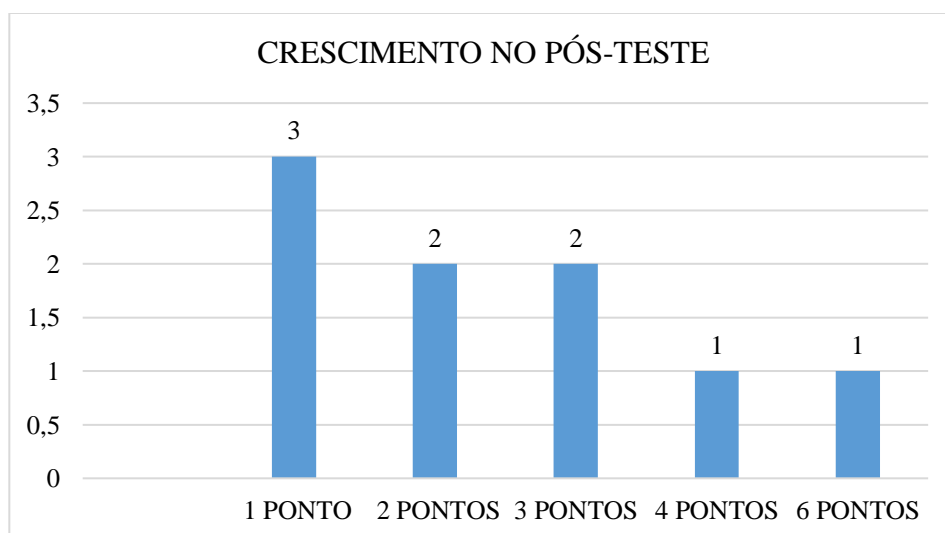
Fonte: Dados da pesquisa

Com base na análise do rendimento nas questões, certificamo-nos de que houve um crescimento em relação à primeira testagem. As questões que apresentaram menor índice de acertos no pré-teste revelaram crescimento de poucos pontos no pós-teste. Apenas a questão de número 11 apresentou notável crescimento. Se no teste anterior apenas dois alunos responderam corretamente à questão, no pós-teste, dez alunos marcaram a alternativa correta.

Em termo percentuais, percebemos melhor o crescimento.

Gráfico 2 - Percentual de acertos no Pós-teste

Dessa forma, traçando um comparativo entre os testes, temos um crescimento em nove alunos, uma manutenção de resultado em dois alunos e um decréscimo no rendimento de três alunos, como é possível perceber no gráfico seguinte.

Gráfico 3 – Crescimento registrado no pós-teste

Em se tratando do aumento no número de acertos registrados, o crescimento é válido. Abaixo, apresentamos o quantitativo representante deste avanço.

Tabela 1 – Crescimento por pontos¹⁹ constatado no pós-teste em relação ao pré-teste

1 PONTO	2 PONTOS	3 PONTOS	4 PONTOS	6 PONTOS
3 Alunos	2 Alunos	2 Alunos	1 Aluno	1 Aluno
33,33%	22,22%	22,22%	11,11%	11,11%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: Crescimento percentual

O resultado do pós-teste nos propicia constatar um discreto crescimento dos alunos, se comparado ao resultado da primeira testagem. Considerando estes dados, podemos afirmar avançamos na compreensão do gênero provérbio. Além do resultado dos testes, ressaltamos as ações didáticas como um todo na análise de resultados. A aplicação da SD, de cada atividade, revelou um crescimento na compreensão textual dos alunos do 9 ano do ensino fundamental. A partir do registro apresentado neste material é possível constatar a eficiência da proposta educativa.

Antes de adentrarmos às considerações finais, duas observações são válidas: a primeira diz respeito a fatores extralinguísticos que interferiram na aplicação do pós-teste. No referido dia, durante a realização do teste, recebemos a notícia, em sala, que o ônibus escolar sairia mais cedo. As demais turmas da escola estavam sem aula e os alunos liberados. Como a direção não sabia que um teste estava sendo aplicado, enviou a informação da antecipação da saída do ônibus. Isto causou agitação e pressa nos alunos que, a partir de então, quiseram sair mais cedo. A aplicação ocorreu nos últimos horários da sexta-feira, de manhã.

Entendemos que o resultado positivo obtido poderia ser potencializado, em termos de registro de teste, se estas variáveis não tivessem interferido tão incisivamente. Embora ações externas não tenham prejudicado o processo de construção de sentidos por meio da leitura de provérbios, realizado em sala de aula, o registro deste processo foi prejudicado por fatores extraclasse.

Mesmo com tais dificuldades, o resultado, em termos de crescimento no comparativo entre testes, mostrou um crescimento. Como instrumento de verificação ou mensuração, ele refletiu dificuldades de aplicação de atividades educativas efetivamente testadas e passíveis de réplica.

¹⁹ Utilizamos o termo “ponto” como correspondente à questão. Assim, a pontuação máxima possível no teste composto de 15 questões será 15 pontos. Se o crescimento observado foi de um ponto, quer dizer que o aluno acertou uma questão a mais que no teste inicial.

Os registros comprovam a validade das atividades e a participação dos alunos com regular aproveitamento. O rendimento da turma deve, pois, ser considerado em sua integralidade. Os dados aqui apresentados são fidedignos e sinalizam um progresso real, concreto.

Cabe, ainda, ressaltar que a qualidade da SD e, conseqüentemente, do produto retratados neste trabalho não está nos dados decorrentes de aplicação de testes, mas nas atividades práticas realizadas em sala de aula. O ideal seria verificar um progresso em todos os alunos e na sua capacidade máxima, entretanto, nosso trabalho apresentou resultados reais, de aplicações reais em sala de aula real.

Logo, o real é a certificação de que nossa proposta de trabalho é capaz de contribuir efetivamente para a construção e ampliação de sentidos na leitura. Os resultados dessa aplicação, se seguidos corretamente, serão sempre positivos. As variáveis se responsabilizarão pelos reveses, mas estes nunca serão capazes de encobrir o crescimento inevitável. Não nos dispomos a tentar resolver o problema de leitura das escolas públicas brasileiras, o que buscamos e deixamos é nossa pequena e efetiva contribuição para um movimento em direção à mudança. Fica nosso convite ao mergulho no mundo das palavras que sempre dizem mais do que efetivamente dizem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do presente relatório, confirmamos o que supomos quando planejamos trabalhar a leitura de provérbios: é possível corroborar com sugestões de práticas de ensino bem fundamentadas, organizadas e dirigidas a uma meta. O ensino de língua portuguesa nas escolas não precisa continuar baseado em atividades metalinguísticas, de cunho normativo. O trabalho com gêneros textuais é uma alternativa para alcançar a competência comunicativa. Afinal, as atividades humanas são possíveis por meio da comunicação e esta se realiza em gêneros.

Quando propusemos relacionar o gênero textual provérbio aos princípios de projeção da Teoria da Metáfora Conceptual, tínhamos como objetivo apresentar estratégias eficazes para compreensão da dinamicidade e interatividade da língua. Assim, assumida uma perspectiva sociointerativa, elaboramos atividades que privilegiam, também, os aspectos cognitivos nas ações sociais.

A aplicação da proposta educativa nos mostrou a necessidade de ajustes e de continuidade nos estudos, mas pudemos, igualmente, perceber que nosso esforço teve resultados positivos. Há variáveis no processo com as quais precisamos lidar e que, por vezes, geram efeitos indesejáveis, porém elas são intrínsecas à realidade da sala de aula.

Considerando os estudos realizados no âmbito do PROFLETRAS, buscamos socializar os conhecimentos construídos de forma prática e objetiva. As diversas e numerosas leituras realizadas durante o curso não caberiam neste material, mas, de alguma forma, elas reverberam em cada palavra escrita, em cada estratégia proposta.

A descrição do crescimento alcançado neste processo de formação continuada do professor da rede pública ultrapassa a proposta prática educativa de intervenção apresentada neste trabalho final. O empoderamento de concepções de ensino da língua transforma o agir na educação, a prática educativa. É impossível enxergar o ensino de língua da mesma forma que no início do percurso.

Pensamos que a perspectiva interacional, na qual o texto é um evento comunicativo onde convergem ações linguísticas e extralinguísticas, deve ser levada às salas de aulas nas escolas públicas do país. O conhecimento de tais teorias é extremamente produtivo se aplicado à prática docente.

Nosso desejo é que nossa pequena experiência seja útil a colegas que desejem conhecer e experienciar possibilidades práticas no ensino de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: Língua Portuguesa**. Secretaria de Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2015.
- COSCARELLI, Carla Viana; NOVAIS, Ana Elisa. **Leitura: um processo cada vez mais complexo**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul/set. 2010.
- DIONÍSIO, A. P. **Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos e convenções visuais**. Recife: Pipas comunicação, 2014.
- FREIRE, Marcelino. **Era o dito**. São Paulo: Ateliê Editora, 2002.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas de la vida cotidiana**. Traducción de Carmen González Marín. Madrid: Cátedra Coleccion Teorema, 2009.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Tradução Ernani Rosa. – Porto Alegre: Arned, 2002.
- LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura - Texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy, E. (Orgs.) **O ensino da leitura e produção textual - alternativas de renovação**. Belo-tas: Educat, 1999. p. 13-37.
- LYSARDO-DIAS, D. Características e funcionalidade discursiva do gênero proverbial. In: MACHADO, I.L. & MELLO, R. (orgs.) **Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 141 – 152.
- LOPES, A. C. M. **O texto proverbial português**. Tese de doutorado. Coimbra: 1992.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.; Métodos científicos. In: **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010. p. 65 – 97.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) **Gêneros Textuais e Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. P. 19 -36.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

OBELKEVICH, James. Provérbio e história social. In: BURQUE, Peter, PORTER, Roy. Org. **História social da linguagem**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

WOLFGANG, Schnotz. O que acontece na mente do leitor? Os processos de construção mentais durante a compreensão textual do ponto de vista da psicologia e da linguística cognitiva. In: WIESER, Peter Hans; KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). **Linguística Textual: perspectivas alemãs**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 166 -185.

ROJO, R. CORDEIRO, G. S. Apresentação: Gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modos de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p. 7-18.

_____. Alfabetismo(s): desenvolvimento de competência de leitura e escrita. In: **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009, p. 73 – 94.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

URBANO, H. Uso e abuso de provérbios. In: PRETI, Dino.(org.) **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003, p. 253 – 317.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmento. Padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira. **Cadernos de Linguagem e Sociedade** . v. 4, 2000.

XATARA, Cláudia Maria; SUCCI, Thaia Marini. **Revisitando o conceito de Provérbio**. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf>. Acesso em 22 jan. 2016.

FONTES

BRASIL. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

APÊNDICE 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos seu filho (a) para participar de uma pesquisa intitulada **PROVÉRBIOS E METÁFORA CONCEPTUAL: UMA ANÁLISE CONSTRUÇÃO E AMPLIAÇÃO DE SENTIDOS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**. Trata-se de uma pesquisa realizada pela professora- dora **NADJA TATIANE P. C. RAMOS**, sob a orientação da Doutora **LEILANE RAMOS DA SILVA**, da UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE/ SÃO CRISTÓVÃO.

A pesquisa tem como objetivo analisar a construção e ampliação de sentido na leitura do gênero textual provérbio, visando o desenvolvimento e aprimoramento da competência leitora. Os dados serão coletados por meio de observação e registro escrito (que incluem anotações do professor-pesquisador e atividades realizadas pelos alunos). Nas atividades em sala de aula, seu filho será convidado a ler provérbios e registrar sua compreensão em atividades ou exercícios escritos, além de exposição oral.

As informações coletadas serão utilizadas no desenvolvimento do trabalho no âmbito do **PROFLETRAS – MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS** e em futuras publicações. Os registros feitos terão caráter confidencial, de forma que a autoria será mantida em sigilo.

Nenhum valor financeiro será cobrado para a participação na pesquisa, assim como não haverá remuneração para os participantes. A participação do seu filho é voluntária e você poderá recusar-se a participar ou interromper a participação a qualquer momento.

Caso deseje, você poderá solicitar esclarecimento pelo telefone (79) 991486785 ou pelo e-mail nadjatatianeramos@hotmail.com.

Agradecemos sua colaboração.

Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo. Acredito que a (o) participante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível.

Profa. Nadja Tatiane Pinheiro Coelho Ramos – Pesquisadora

Profa. Dr^a Leilane Ramos da Silva – Orientadora

Declaro que li as informações contidas neste documento e aceito os termos. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que meu filho(a) é livre para retirar-se do estudo em qualquer momento, sem qualquer penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar do estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

RG

Assinatura do responsável

Local e data

APÊNDICE 2 – Teste utilizado no início e na finalização do processo

TESTE - APLICAÇÃO DO PRODUTO

INSTRUÇÕES:

As questões a seguir constituem um teste a ser aplicado na turma de 9º ano do Ensino Fundamental.

O teste é constituinte de pesquisa desenvolvida no PROFLETRAS-UFS sob o título **PROVÉRBIOS E METÁFORA CONCEPTUAL: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO E AMPLIAÇÃO DE SENTIDOS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**, pela professora-pesquisadora Nadja Tatiane P. C. Ramos.

O teste é composto de 15 questões objetivas.

As questões abordam a leitura e compreensão do gênero provérbio.

Cada questão apresenta 05 (cinco) alternativas. Apenas uma corresponde à alternativa correta.

O aluno-informante terá 1h 30min para realizar o teste.

O teste será feito sem consulta e individualmente.

Ao concluir, o aluno deverá entregar o teste ao professor-pesquisador.

As informações obtidas por meio do pré-teste serão utilizadas na pesquisa da professora-pesquisadora Nadja Tatiane P. C. Ramos.

A autoria dos participantes neste estudo será confidencial, o/a aluno(a)-informante não será identificado(a) quando o material de seu registro for utilizado para propósitos de publicação científica.

Aluno-informante: _____

QUESTÃO 01

O provérbio apresentado está incompleto. Você precisa escolher a alternativa que o completa, atribuindo-lhe sentido.

- 1) Não há rosas...
 - a) tão belas.
 - b) sem perfume.
 - c) que dure pra sempre.

- d) que não morram.
- e) sem espinhos.

QUESTÃO 02

A sequência de emoticons equivale a um provérbio e as imagens representam palavras ou expressões. Leia as imagens e identifique o provérbio equivalente



Disponível em: <http://www.danosse.com/2014/05/ditados-populares-em-emoticons.html>

- a) Em terra de cego, quem tem um olho é rei.
- b) Água salobra em terra seca é doce.
- c) Quem tem terra terá guerra.
- d) Olho por olho, dente por dente.
- e) Antes caolho que cego de todo.

QUESTÃO 03

O gênero provérbio deve ser compreendido, principalmente, por sua função e situação comunicativa. Assim, podemos afirmar que

- a) os provérbios são textos curtos, com rimas e ritmo, usados para gerar humor.
- b) os provérbios orientam as pessoas, exclusivamente, sobre questões práticas da sua vida profissional.
- c) por sua função moral e didática, as pessoas usam os provérbios para persuadir o outro a assumir um posicionamento em determinada situação.
- d) a principal função do provérbio é vender uma ideia, valores sociais, convencer as pessoas sobre o certo e o errado.
- e) os provérbios são usados para convencer as pessoas por meio de palavras rebuscadas e cultas, com finalidade de torná-las mais críticas e sábias.

QUESTÃO 04

Sobre o uso dos provérbios em diferentes situações comunicativas, entende-se que

- a) cada vez que o provérbio é citado, podem surgir novos significados, de acordo com a situação comunicativa.
- b) o sentido original dos provérbios é sempre mantido, independentemente da situação comunicativa.
- c) a situação comunicativa não estabelece relação com a função dos provérbios.
- d) usamos os provérbios para as mesmas situações, pois as funções são sempre as mesmas.
- e) os provérbios são sempre usados com a mesma função, em qualquer situação.

QUESTÃO 05

Leia a situação-problema apresentada abaixo e identifique a função do provérbio usado.

Em seu quarto, Mariana conversava com sua mãe sobre as atitudes de seu novo namorado. Ao ouvir o relato, a mãe de Mariana preocupou-se que a filha estivesse sendo iludida e lhe disse: “NEM TUDO QUE RELUZ É OURO!”.

- a) advertir;
- b) persuadir;
- c) homenagear;

- d) aconselhar;
- e) incentivar;

Considerando a situação comunicativa e o propósito do falante, identifique o conceito que está relacionado aos provérbios nas questões 06 e 07.

QUESTÃO 06

Numa propaganda sobre a dengue, estava escrito: “UMA ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO”

- a) O verão é uma estação complexa e precisa de muitas andorinhas para iniciar.
- b) Uma andorinha sozinha não resolve nada.
- c) Em certas ocasiões uma pessoa sozinha não resolve o problema.
- d) Uma pessoa sozinha nunca resolve um problema.
- e) Os problemas sempre são coletivos.

QUESTÃO 07

Na sala de aula, a professora explica aos alunos o método somativo de avaliação. Ao ser questionada sobre número de atividades, ela responde ao aluno: “DE GRÃO EM GRÃO, A GALINHA ENCHE O PAPO”.

- a) O melhor é se alimentar devagar.
- b) Aos poucos conseguimos saciar a fome.
- c) Sem pressa conseguimos a satisfação.
- d) Aos poucos se consegue atingir um objetivo.
- e) A galinha não tem pressa para comer.

Os provérbios revelam a maneira como entendemos o mundo à nossa volta. Alguns podem ser entendidos em seu sentido literal, outros, em sentido metafórico ou figurativo. Para compreendermos o conteúdo do provérbio ou interpretá-lo, precisamos compartilhar dos conceitos construídos pela cultura que são/estão expressos nele.

QUESTÃO 08

Sobre o provérbio “PELO FRUTO SE CONHECE A ÁRVORE”, **NÃO** podemos afirmar que

- a) o termo “árvore” pode ser usado como referência a uma pessoa, em um dado contexto.
- b) o termo “fruto” pode fazer referência a um filho de uma pessoa.
- c) geralmente, na situação comunicativa, o termo “fruto” refere-se a atitudes de alguém.
- d) os termos “fruto” e “árvore” não apresentam relação de sentido.
- e) assim como a árvore dá fruto, assim também as pessoas produzem atitudes que condizem com sua personalidade.

QUESTÃO 09

Em “CACHORRO QUE LATE NÃO MORDE”, **NÃO** podemos concluir que

- a) o provérbio pode ser compreendido literalmente.
- b) só é possível compreender o provérbio em seu sentido figurado.
- c) em sentido denotativo, podemos interpretar cachorro como o animal, o cão.
- d) a ação de latir pode representar falar, em um dado contexto.

- e) a ação de morder pode representar outra ação qualquer.

QUESTÃO 10

Praticamente todas as palavras e frases que utilizamos nas diferentes situações comunicativas já ouvimos ou vimos antes. Assim, nós criamos os nossos textos a partir dos textos ao nosso redor. Esse processo é chamado de intertextualidade. A partir dessa afirmação, podemos concluir que

- a) quando citamos um provérbio transmitimos apenas os nossos valores e conceitos.
- b) quando citamos um provérbio estamos apenas transmitindo os valores e crenças das classes sociais dominantes.
- c) ao usarmos os provérbios estamos representando somente a voz dos intelectuais e seus valores.
- d) aquele que usa os provérbios não usa suas próprias palavras, mas usa os conhecimentos da sabedoria popular, com propósitos específicos.
- e) usamos os provérbios para transmitir os conhecimentos que adquirimos sozinhos.

QUESTÃO 11

Cada vez que citamos os provérbios, atribuímos novos significados, a depender das situações comunicativas em que estamos envolvidos. Além disso, muitos provérbios sofrem modificações e uma de suas partes pode ser substituída, alterando o sentido original. Isso também é intertextualidade.

Leia o provérbio e identifique a sua forma original.

“À NOITE, TODOS OS GASTOS SÃO PAGOS.”

Disponível em: http://robsonsampaio.blogspot.com.br/2012/01/parabolica_30.html

- a) À noite, todos apagam as luzes por conta dos gatos.
- b) À noite, todos os gatos são pardos.
- c) À noite, todos os gatos são ratos.
- d) À noite, todos apagam os gatos.
- e) À noite, todos os gatos morrem.

QUESTÃO 12

Os provérbios abaixo poderiam ser usados na publicidade, com função comercial e, por isso, apresentariam sentidos diferentes dos originais. Assim, analise os provérbios modificados, identificando os novos conceitos sintetizados por eles.

“À NOITE, TODOS OS GASTOS SÃO PAGOS”

Disponível em: http://robsonsampaio.blogspot.com.br/2012/01/parabolica_30.html

- a) O que é comprado fora do horário comercial tradicional também é pago.
- b) O que é gasto no horário comercial tradicional é pago.
- c) Quem compra à noite nem sempre precisa pagar.
- d) Quem paga os gastos feitos à noite não é o consumidor.
- e) Todos pagam os gastos feitos durante o dia.

QUESTÃO 13

“NADA COMO UM DIA A MAIS DE PRAZO”

Disponível em: <https://www.facebook.com/ppdadepressao/posts/420606504652887>

- a) É bom ter menos dívidas para serem liquidadas.
- b) É bom ter mais dinheiro para gastar em compras.
- c) É bom ter mais tempo para liquidar dívidas e fazer pagamentos.
- d) É bom ter mais tempo para comprar.
- e) É bom ter menos tempo para gastar em compras.

QUESTÃO 14

Millôr Fernandes, em seu texto “Provérbios modificados”, alterou a forma de alguns provérbios. Leia abaixo o trecho do texto e identifique a forma original do provérbio.

" A criatura canonizada que vive em nosso próprio lar não é capaz de produzir feito extraordinário que vá contra as leis fundamentais da natureza".

- a) Quando a esmola é muita, o santo desconfia.
- b) Santo de casa não faz milagre.
- c) Casa de ferreiro, espeto de pau.
- d) Para bom matrimônio, se apegue a Santo Antônio.
- e) Devagar com o andor que o santo é de barro.

QUESTÃO 15

BOM CONSELHO

Chico Buarque

Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança

Do trecho da canção de Chico Buarque é possível inferir que

- a) o texto não apresenta autoria e é um gênero, primordialmente, da cultura oral que transmite conhecimentos morais, práticos e sociais.
- b) o texto produzido não estabelece relações, explícitas ou implícitas, com outros textos.
- c) por meio de relações com outros textos, o texto (canção) pode representar propósitos novos e novos sentidos.
- d) provérbios foram utilizados em sua forma tradicional para reafirmar seu sentido original.
- e) os provérbios sofreram modificação em seu conteúdo, mas não no seu sentido.

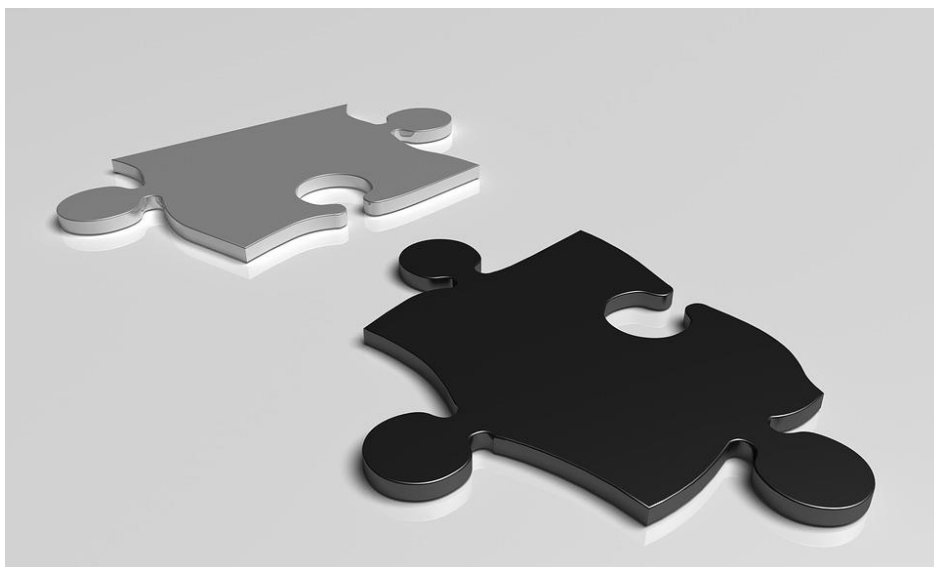
APÊNDICE 3 – Caderno Pedagógico

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE –
PROFLETRAS**

NADJA TATIANE PINHEIRO COELHO RAMOS

Caderno Pedagógico

Manual de orientação para construção de sentido na leitura de provérbios



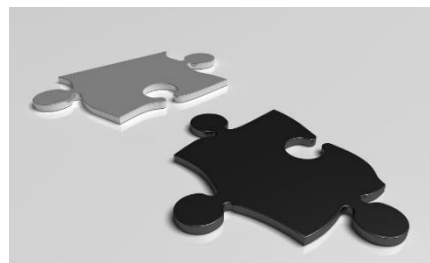
**Provérbios e metáfora conceptual: uma proposta de construção e ampliação de
sentidos no 9º ano do Ensino Fundamental**

São Cristóvão/SE

2017

APRESENTAÇÃO

Caro(a) colega professor(a),



Este Caderno Pedagógico é um convite à reflexão sobre a capacidade do homem de construir sentidos, de atribuir significações. Tomando a metáfora da imagem acima, ele é uma peça de um “quebra-cabeça” chamado processo de leitura. A proposta aqui apresentada é uma peça deste jogo, uma colaboração para que o colega possa ter instrumentos variados e efetivamente testados na tarefa de ensinar a leitura de textos.

Apresentamos, então, um conjunto de atividades práticas, organizadas em sequência didática, voltadas à construção de sentido na leitura de provérbios. Por vezes, percebemos que nossos alunos não conseguem atribuir sentido ao que leem nas atividades escolares e, conseqüentemente, nas atividades diárias cotidianas. Pensando nisso, propusemo-nos a pensar caminhos possíveis que nos levem ao desenvolvimento da competência comunicativa de alunos da escola pública brasileira.

Com base nos estudos realizados no âmbito do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, na Universidade Federal de Sergipe – UFS/São Cristóvão, no período de 2014 a 2016, sob a orientação da professora Dr^a Leilane Ramos da Silva, planejamos atividades que podem funcionar como estratégias para conduzir o aluno à construção e/ou ampliação do sentido na leitura.

Em nosso estudo, a leitura é entendida como compreensão textual que se realiza na interação. O texto, neste material, é tomado como um evento comunicativo em que incidem fatores linguísticos e extralinguísticos. Assim, entendemos que o ato de ler mobiliza capacidades motoras, cognitivas, afetivas, sociais e linguísticas.

Através deste instrumento, compartilhamos o produto de nosso trabalho com provérbios e com as visões de mundo, socialmente construídas, que são veiculadas neste tipo de gênero. Tomamos os princípios de projeção de propriedades de áreas do conhecimento diferentes, da metáfora conceptual, para entender as concepções que subjazem aos provérbios.

Considerando as especificidades de cada realidade, de cada contexto escolar, recomendamos a análise do material e o ajuste das atividades que foram elaboradas para alunos do 9º ano do ensino fundamental. As atividades constituintes deste Caderno Pedagógico foram aplicadas aos alunos do 9º ano do Colégio Estadual Prof. Joaquim Vieira Sobral, na cidade de Aracaju/SE.

Esperamos que seja uma ferramenta de ensino útil, que seja peça deste “quebra-cabeça”.

Nadja Tatiane Pinheiro Coelho Ramos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	10
AÇÕES DIDÁTICAS.....	12
<i>ETAPA I – Conhecendo a proposta de trabalho.....</i>	<i>12</i>
<i>ETAPA II – (Re)conhecendo os provérbios.....</i>	<i>13</i>
EXERCÍCIO 01.....	15
<i>ETAPA III – Trabalhando forma, função e sentido.....</i>	<i>16</i>
EXERCÍCIO 02.....	17
<i>ETAPA IV – Projetando propriedades.....</i>	<i>20</i>
EXERCÍCIO 03.....	21
<i>ETAPA V – Construindo novos sentidos.....</i>	<i>23</i>
EXERCÍCIO 04.....	24
<i>ETAPA VI – Testando novas habilidades construídas.....</i>	<i>27</i>
EXERCÍCIO 05	28
PALAVRA FINAL.....	31
PARA SABER MAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

Antes de apresentarmos nossa proposta de prática educativa, é fundamental revelar as bases teóricas que nortearam nosso estudo. Nossa experiência prática resultou neste Caderno Pedagógico, mas ela, de forma alguma, é suficiente em si mesma. Este material pedagógico foi desenvolvido a partir da conciliação de conhecimentos científicos e da experiência em sala de aula. Ele foi testado em uma turma do 9º ano do ensino fundamental, no Colégio Estadual Prof. Joaquim Vieira Sobral, na cidade de Aracaju/SE.

Faremos, pois, uma breve exposição do percurso teórico trilhado para a elaboração deste material. Com isto, o colega professor poderá (re)conhecer os saberes científicos que podem nortear a prática educativa em sala de aula. Tais conhecimentos, para além da credibilidade, conferem direcionamento e solidez ao trabalho que realizamos, diariamente, nas escolas em que trabalhamos.

Assim, a apresentação das concepções que subjazem ao trabalho é breve e objetiva. Adiante explanamos as concepções seguintes:

- i) leitura e texto;**
- ii) gênero textual provérbio;**
- iii) metáfora conceptual.**

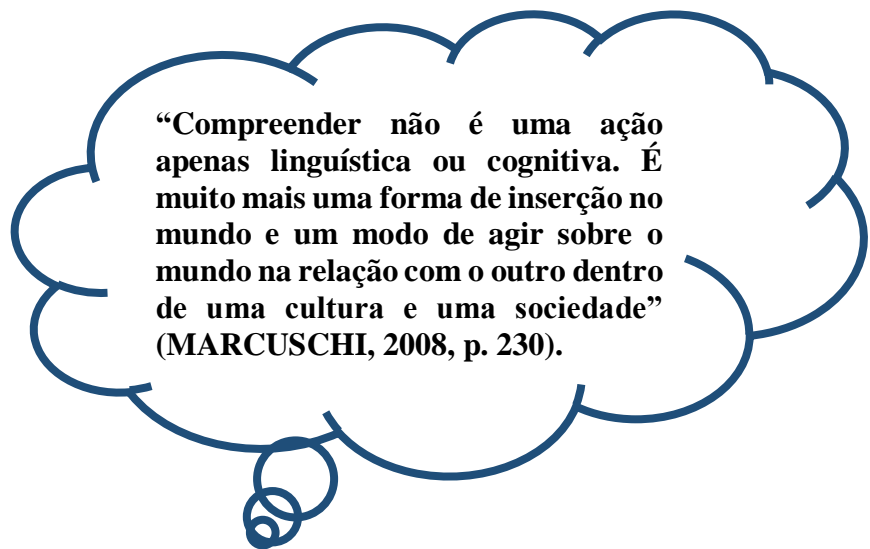
Esta exposição é indispensável para a compreensão da nossa proposta educativa.

O que é leitura?

Pode parecer estranho um material direcionado ao professor de Língua Portuguesa trazer esta pergunta. Afinal, todo professor de português sabe o que é leitura, não é? A questão é que existem muitas concepções de leitura e, dependendo daquela a que nos filiamos, nosso olhar e tratamento do texto serão diferentes.

Para nós, a leitura é uma atividade complexa. Envolve vários processos cognitivos e sociais na/para a construção de sentidos. Em se tratando da Linguística Textual, hoje, entendemos que **a leitura, assim como a língua, é uma atividade cognitiva, sociointerativa e sócio-histórica.**

Isto quer dizer que a leitura depende do funcionamento cerebral, que é pessoal e intransferível. No momento da leitura, ativamos a percepção, atenção, memória, linguagem, funções executivas, motivação e habilidades visuais e motoras. (DIONÍSIO & VASCONCELOS, 2013).



Além disso, Cavalcanti e Filho (2010) afirmam que, na perspectiva assumida pela Linguística Textual, **o texto é o resultado de uma ação social e de uma ação cognitiva**, considerando cultura e processamento mental como duas instâncias constitutivamente interligadas. Sendo assim, o estudo dos sentidos a partir do uso interativo da linguagem tem de ultrapassar os limites materiais da superfície textual, pois a tarefa de se comunicar é revestida de uma complexidade que demanda a atuação de sujeitos participativos, os quais, ao mesmo tempo em que se constroem na interação, a partir da alteridade, transformam as situações ao trazerem para a comunicação suas experiências particulares. **O texto é, pois, um artefato dinâmico e a interação é a instância de concretização das relações sociocognitivas.**

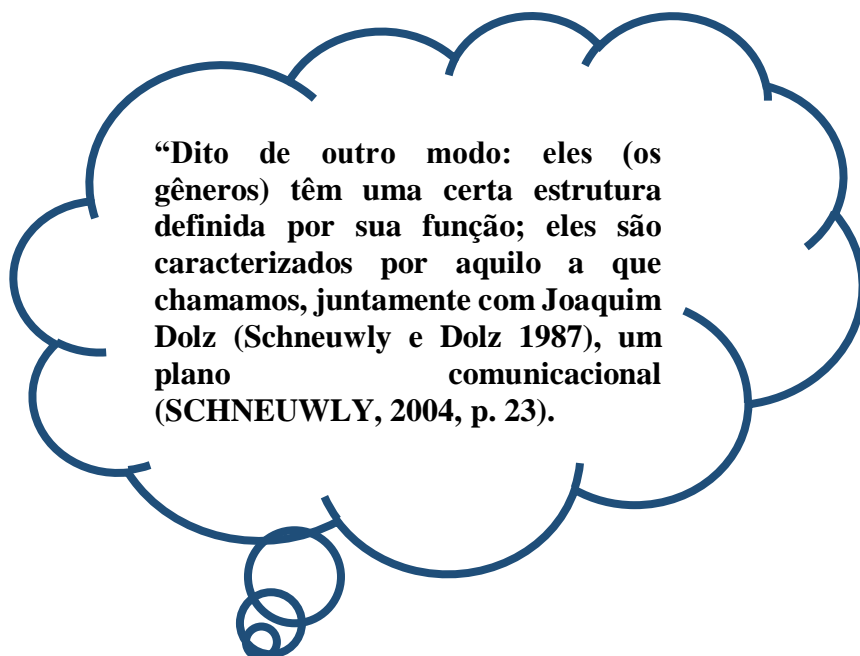
. O sentido de um texto, por conseguinte, é negociado e construído na interação entre alguém que diz e alguém que compreende, ambos indivíduos situados em contextos sociais reais. Ou seja, **o texto é um local de encontro**, em que sujeitos se relacionam e constroem sentidos a partir de suas vivências, de seus repertórios. Neste sentido, apropriamo-nos do conceito de Marcuschi (2008, p. 242), que concebe “**texto como um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas**”.

Por que trabalhar com gêneros textuais?

Para responder a esta questão, antes precisamos compreender o que vem a ser gênero. Neste estudo, assumimos que toda comunicação humana acontece por meio de gêneros. Não há atividade humana que não seja mediada por gêneros. Logo, **gênero é uma ação social**. Para

nós, ele é a materialização linguística das ações sociais, ele medeia a ação social. Neste sentido, **gêneros são textos orais e/ou escritos que circulam na sociedade.**

Segundo Marcuschi (2008), o funcionamento significativo da linguagem se dá em textos, por isso, é preciso desenvolver a competência comunicativa e o raciocínio crítico no ensino de língua. O que ensinamos quando ensinamos língua portuguesa? Não objetivamos desenvolver habilidades comunicativas para o viver em sociedade? Então, neste aspecto, trabalhar com gêneros é uma alternativa viável.



Por meio do trabalho com gênero é possível valorizar a reflexão sobre a língua, saindo do ensino normativo. Observando os aspectos textuais, sociais, pragmáticos e cognitivos é possível construir o discernimento de língua e de gramática. O estudo dos enunciados em suas

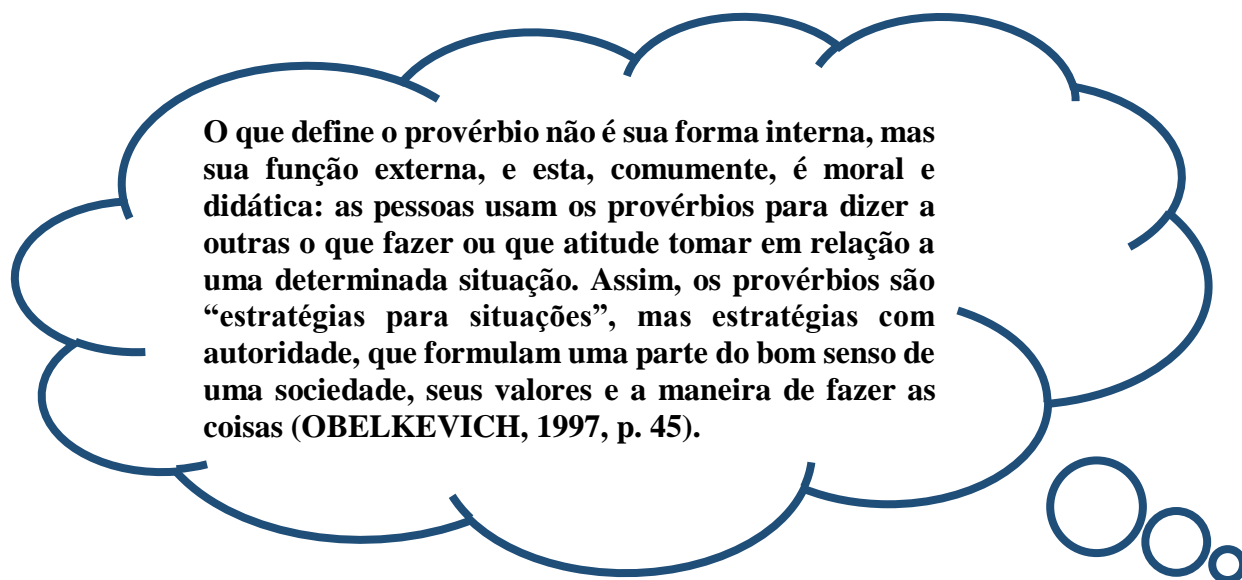
condições de produção/recepção é um caminho promissor para a construção de sentidos na leitura.

O gênero textual provérbio

Entendendo o gênero enquanto mediador de ações sociais, enquanto textos, orais e escritos, que circulam na sociedade e através dos quais realizamos atividades humanas de comunicação, precisamos firmar as propriedades inerentes ao gênero, ou seja, como se constitui um gênero textual.

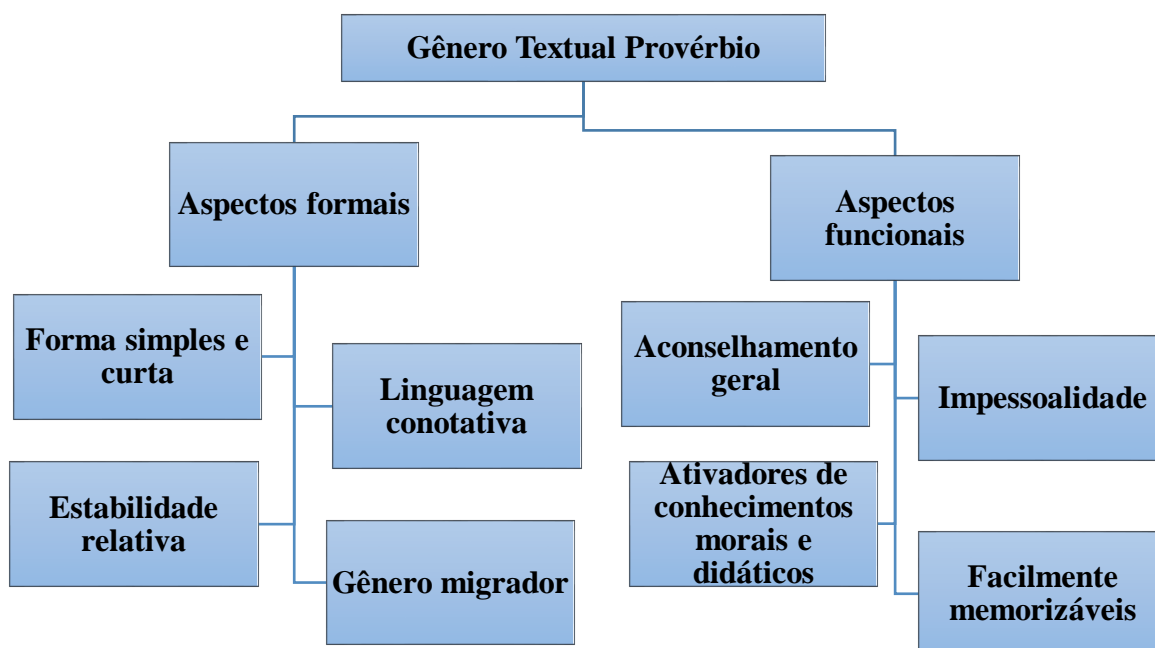
Todo gênero tem uma forma e uma função, um estilo e um conteúdo, mas, segundo Marcuschi (2008), a sua determinação se dá pela sua função e não pela sua forma. Além disso, cada gênero tem um propósito claro que lhe confere uma esfera de circulação e é usado em situações comunicativas específicas.

Assim, quanto ao provérbio, entendemos que sua forma interna é uma consequência da sua função e ação social. Por serem sentenças pequenas, de fácil memorização, são utilizadas frequentemente em situações específicas e seu conteúdo será congruente à situação e à intenção do usuário. A sua **forma** e o seu **conteúdo** são, assim, resultado do **propósito comunicativo** numa determinada **situação**.



Para melhor visualização e compreensão, elaboramos um mapa com alguns aspectos mais relevantes para o tratamento do gênero em sala de aula. A partir desses aspectos, discutimos a nossa concepção do gênero provérbio adotada neste estudo.

Organograma I - Aspectos formais e funcionais do gênero provérbio



Fonte: Produção da própria autora.

O provérbio é um **gênero textual, primordialmente, oral, de forma simples e curta**. Muitos apresentam estrutura binária e simetria sintático-semântica além de rima e ritmo. Estes recursos linguísticos contribuem para a fácil e rápida memorização.

Em termos formais, a compreensão semântica global do cotexto ²⁰só é possível se todos os constituintes da sentença forem considerados em sua totalidade nas relações sintagmáticas. Todavia, para efeito de construção de sentido, na perspectiva sociointerativa, a compreensão semântica global se dá nas relações entre cotexto e contexto.

A **linguagem, geralmente, coloquial** e acessível contribui na identificação e transmissão de conhecimentos socialmente compartilhados. A **conotação** é uma estratégia de anonimato, uma vez que ele **representa a voz da sabedoria popular**. Assim, ao usar a linguagem conotativa, podemos representar e inferir diversos atores sociais em diferentes situações comunicativas. Quem usa um provérbio, utiliza-se da “voz do povo”; diz o que pretende, mas respalda-se na fala de um outro, neste caso da comunidade, por isso não **impessoais e autoritários**. Além disso, são anônimos, ou seja, **não há autoria reconhecida**. A menção feita é à verdade consagrada pela sabedoria popular.

A **função de aconselhar, advertir, repreender, consolar, ensinar**, por exemplo, ativam e reforçam valores de ordem moral e didática. Todavia, como todo gênero é relativamente estável, podemos dizer que o provérbio é dotado de **flexibilidade** uma vez que seu sentido pode ser alterado em virtude do propósito e da situação. Um mesmo provérbio pode assumir direções diferentes de sentido, de acordo com o contexto em que é realizado.

O seu conteúdo reflete **visões de mundo e categorizações das coisas do mundo**, de maneira que a construção dos sentidos perpassa o nível social, cultural e cognitivo, porque além do conhecimento sociocultural, as imagens que constituem os provérbios advêm, muitas vezes, de metáforas cuja compreensão mobiliza atividades cognitivas complexas. Os provérbios permitem, também, **recategorizações**, não só em decorrência do contexto, mas por alterações no conteúdo. Provérbios são constantemente alterados para, fazendo menção do conteúdo original, reformular e difundir novos conceitos. Interessante é perceber que a **forma ou fórmula, dificilmente sofre alteração**. Utilizando a mesma forma, manipula-se o conteúdo para alcançar novos propósitos em situações discursivas diversas. A forma serve, então, de fundamento para a manipulação e a construção de sentenças que, às vezes até nega o conteúdo do provérbio original.

²⁰ Cotexto é tomado aqui como materialidade linguística, como a superfície textual.

Tal manipulação é um recurso amplamente usado pela publicidade. Frequentemente, provérbios são utilizados em anúncios publicitários por serem dotados de valores compartilhados culturalmente. Assim, eles veiculam a necessidade de consumo do seu produto, baseada numa conceptualização que é compartilhada por muitos. Esse movimento de identificação logra êxito porque ativa novos conceitos ancorados em conceitos pré-existentes.

Por essa característica, o provérbio é chamado por Lysardo-Dias (2004) de gênero “migrador”. O **provérbio será, geralmente, circunscrito em outro gênero**. Ele se torna parte constitutiva de outros variados gêneros, inclusive do literário.

Neste ponto, tocamos num assunto que é, inclusive, elencado como conteúdo do 9º ano pelo Referencial Curricular do Estado de Sergipe: a intertextualidade. A título de aplicação em sala de aula, recomendamos que a **intertextualidade** seja abordada no trabalho com o gênero. Ela deve ser compreendida como a presença de um texto em outro, ou seja, a presença de elementos de um texto em outro. Nas palavras de Koch (2009, p. 145 - 146), entendemos que

A intertextualidade *stricto sensu* ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (*domínio estendido de referência*, cf. Garrod, 1985) dos interlocutores. (Ibdem, grifos da autora)

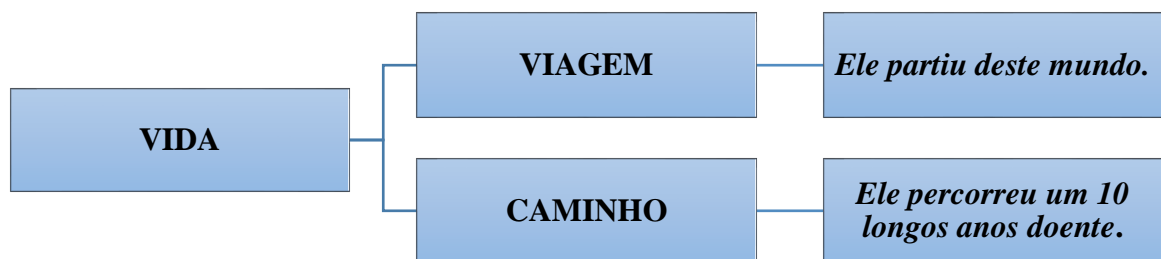
Assim, a construção do sentido na leitura está sempre vinculada à situação de uso e ao assunto abordado e desenvolver estratégias de leitura enquanto ações coordenadas, finalizadas e dirigidas à consecução de uma meta (SOLÉ, 2009) torna-se instrumento necessário e potencializador das práticas escolares.

Metáfora conceptual



Ao tratarmos de metáforas, automaticamente, vem à mente os recursos linguísticos amplamente estudados como elementos gramaticais, mais especificamente aqueles que enquadrados como figuras de linguagem ou figuras de pensamento. Entretanto, na presente proposta, a metáfora não é apenas um fenômeno linguístico, mas uma forma de entender o mundo e de categorizar as coisas, logo, essencial para os processos mentais. Ao **transferirmos propriedades de um conceito para outro**, na vida e na linguagem cotidiana, estamos pensando metaforicamente. Assim, ela é uma **operação cognitiva fundamental**.

Dessa forma, aliamos o trabalho com o gênero textual provérbio à teoria da metáfora conceptual, de Lakoff & Johnson (2009[1980]). Para os autores, **pensamos metaforicamente e isto é refletido na linguagem**. Nós categorizamos as coisas à nossa volta e, nesta teoria, esse processo é metafórico. Quando pensamos na vida, por exemplo, fazemos em termos de viagem, caminho, por exemplo. As expressões linguísticas são atualizadoras de metáforas conceptuais. Assim, temos:



Ocorre, neste processo, que ao pensarmos uma coisa em termos de outra, nós fazemos projeções parciais de propriedades de domínios (áreas de conhecimento) diferentes. Assim, transferimos propriedades inerentes à viagem para a vida. Nossa concepção de vida, passa a ser imbricada à nossa concepção de viagem.

Entender uma metáfora conceptual envolve, então, visão de mundo, interação, intertextualidade, pois sua ocorrência é no âmbito social, nas relações, nas convenções. Uma metáfora conceptual não é criada individualmente, mas elaborada a partir de um conceito vigente socialmente. **A conceptualização dos conceitos permite identificar valores** sociais, políticos, éticos, religiosos, entre outros.

Nossa proposta, então é contribuir na construção e ampliação de sentido na leitura de provérbio, tomando como base para a compreensão textual, as projeções realizadas automaticamente no cognitivo humano. As categorizações e recategorizações são fundamentais neste processo. Trabalhar essas projeções potencializa a percepção das visões de mundo e, conseqüentemente, permite uma leitura menos ingênua dos nossos alunos e mais bem contextualizada.

Ressalva

Você pode estar se perguntando: como trabalhar um gênero oral a partir de atividades escritas, visando à leitura?

De fato, pode parecer difícil entender. Por isso, queremos ressaltar que a proposta educativa registrada neste material consiste em trabalhar a construção e ampliação de sentidos por meio da leitura de *provérbios*. Embora seja um gênero, primordialmente, oral, ele pode ser tomado como referência para um trabalho de compreensão do texto escrito. Para isso, nossas atividades foram elaboradas a fim de que o aluno registre, na modalidade escrita, as propriedades do gênero e as relações sociocognitivas construídas no processo. Não objetivamos trabalhar a produção textual, escrita /ou oral, mas propomos atividades escritas que ajudarão os alunos a perceberem relações sociocomunicativas que perpassam a leitura. Consideramos, para isto, a referência a situações reais de uso dos provérbios.

Proposta de prática educativa: A Sequência Didática (SD)

Este Caderno Pedagógico está organizado em sequência didática. Concebemos sequência didática como “conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 82).

Embora sigamos os postulados dos referidos autores, o trabalho com provérbios precisou de um tratamento diferenciado. A proposta dos autores em quem nos fundamentamos é de trabalhar com gêneros que os alunos dominem de forma insuficiente, para que, ao final do processo, possam dominá-lo, falando e escrevendo de maneira mais adequada numa dada situação (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

No caso dos provérbios, pretendemos uma compreensão mais aprofundada do gênero e um domínio maior das possíveis estratégias envolvidas na leitura. Buscamos, igualmente, tomar princípios da Teoria da Metáfora Conceptual para desenvolver os efeitos de sentido de metáforas conceptuais em provérbios. Esperamos que você, professor(a), possa recorrer à sequência didática para trabalhar construção de sentidos na leitura de textos, tendo como referência os provérbios.

Para isso, seguimos alguns aspectos do modelo proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), principalmente no que diz respeito à estrutura de base da sequência didática: produção inicial, módulos e produção final. Também organizamos as aulas de maneira a trabalhar gradualmente a construção de sentidos.

Abaixo, temos a organização da SD para o tratamento da construção de sentidos na leitura de provérbios a ser seguida pelo professor.

i. *ETAPA I - CONHECENDO A PROPOSTA DE TRABALHO*

Nesta etapa, a proposta de trabalho é apresentada aos alunos.

ii. *ETAPA II - (RE)CONHECENDO OS PROVÉRBIOS*

Neste momento, é feito o reconhecimento das propriedades comunicativas do gênero.

iii. *ETAPA III - TRABALHANDO A FORMA, FUNÇÃO E SENTIDO*

Neste momento, parte-se ao trabalho dos aspectos composicionais, relacionado a forma à função do gênero.

iv. *ETAPA IV – PROJETANDO PROPRIEDADES*

Aqui, deve-se trabalhar a projeção de propriedades entre domínios diferentes.

v. *ETAPA V - CONSTRUINDO NOVOS SENTIDOS*

Nesta etapa, releituras de provérbios modificados são feitas e novos sentidos construídos são discutidos.

vi. *ETAPA VI - TESTANDO NOVAS HABILIDADES ADQUIRIDAS*

A culminância se dá na exposição oral dos conhecimentos adquiridos.

A Sequência Didática (SD)

ETAPA	OBJETIVO	ATIVIDADE
ETAPA I	Apresentar a proposta de trabalho com provérbios.	Montagem de sentenças (provérbios recortados) para apresentação da temática.
ETAPA II	Reconhecer as propriedades comunicativas do gênero.	Exercício 01 - Trabalho com a contextualização do provérbio numa situação comunicativa real, os atores envolvidos, as intenções comunicativas, os atores envolvidos e o eixo temático.
ETAPA III	Perceber os efeitos de sentido causados por alguns recursos linguísticos;	Exercício 02 - Trabalho com os efeitos de sentido causados por alguns recursos linguísticos presentes, ressaltando as

	Compreender as relações entre estrutura formal e função do gênero.	relações entre estrutura formal e função do gênero.
ETAPA IV	Construir projeções entre propriedades de domínios diferentes.	Exercício 03 - Trabalho com os sentidos passíveis de serem construídos nas projeções de propriedades dos termos constituintes dos provérbios.
ETAPA V	Discutir releituras feitas de provérbios modificados e novos sentidos construídos.	Exercício 04 - Trabalho com o reconhecimento de provérbios modificados intencionalmente, de acordo com propósitos comunicativos diferentes dos tradicionalmente construídos.
ETAPA VI	Socializar conhecimentos construídos por meio de exposição oral.	Exercício 05 - Socialização dos conhecimentos construídos, por meio de exposição oral.

Ações Didáticas

ETAPA I - CONHECENDO A PROPOSTA DE TRABALHO

Público-alvo: turma de 9º ano

Tempo estimado de realização: 1 hora/aula

Objetivos:

- ✓ apresentar a proposta de trabalho com a leitura de provérbios;
- ✓ motivar a turma a participar do projeto;
- ✓ ativar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero provérbio.

Material: Provérbios recortados, reduzidos a palavras, entregues dentro de um envelope.

1. Comece a aula falando da importância que tem a leitura e da comunicação escrita. Fale sobre a não transparência das palavras e das possibilidades de compreensão

de um mesmo texto. Diga que, nesta perspectiva, irão trabalhar, durante algumas aulas, com um gênero muito interessante.

2. Distribua os envelopes para que cada aluno, individualmente, monte seu próprio provérbio. É importante que sejam, pelo menos, dez provérbios diferentes, distribuídos entre todos os alunos. Peça para que os que forem conseguindo montar a sentença, apenas sinalizem com a mão, para que os demais, ouvindo a frase completa, tenham mais facilidade em reconhecer o provérbio.
3. Espere e observe as reações.
4. Após a montagem, peça para que alguns leiam suas sentenças.
5. Pergunte se reconhecem o gênero textual e, partindo disto, conversem sobre as situações em que eles usam provérbios. Provavelmente, vão reconhecer o provérbio da fala de pessoas mais velhas, como os pais ou avós.
6. Peça para que cada aluno fale em um provérbio diferente daqueles citados em sala e em que situações eles foram usados.
7. Para finalizar a aula, convide-os a participarem das atividades de leitura de provérbios.

ETAPA II - (RE)CONHECENDO OS PROVÉRBIOS

Público-alvo: turma de 9º ano

Tempo estimado de realização: 2 horas/aula

Objetivo:

- ✓ Reconhecer propriedades comunicativas do gênero: situações comunicativas concretas em que determinados provérbios são utilizados, atores sociais envolvidos, temática e propósito comunicativo no uso de provérbios, além da modalidade da língua em que foram usados.

Material: Exercício 01 xerocopiado.

1. Antes de entregar o material xerocopiado, retome o assunto, lembrando aos alunos que os provérbios são usados em situações comunicativas diversas.
2. Discuta com os alunos, as questões:
 - a) o que são gêneros textuais?
 - b) como nos comunicamos em sociedade?

- c) o que é um provérbio?
- d) em que situações usamos provérbios?
- e) quem utiliza provérbios?
- f) em que modalidade da língua o provérbio é realizado com maior frequência?
- g) quando usamos provérbios, temos que objetivo?

3. Em seguida, distribua o Exercício 01.
4. Leia o exercício com os alunos e peça para que respondam. A atividade pode ser feita em dupla. Os alunos deverão preencher as lacunas em um quadro que requer a identificação de situações comunicativas concretas em que determinados provérbios são utilizados, apresentação de atores sociais envolvidos, a temática e o propósito comunicativo no uso destes provérbios, além da modalidade em que foram usados. Todos estes aspectos devem estar relacionados entre si.
5. Quando concluírem o exercício, corrija oralmente, socializando as respostas. Admita respostas diferentes e tente aproveitar, ao máximo, as respostas dadas. Não cabem, nesta atividade, respostas prontas e pré-definidas.

Observação: o tempo definido para esta atividade foi de 2 horas/aula, entretanto, a duração poderá variar para mais ou para menos, conforme a necessidade da classe.

EXERCÍCIO 01

Complete a tabela abaixo, preenchendo as células em branco com informações sobre o gênero provérbio. Para isso, observe o modelo em negrito.

SITUAÇÃO COMUNICATIVA REAL	ATORES SOCIAIS ENVOLVIDOS	PROVÉRBIO	TEMÁTICA/CONTEÚDO	PROPÓSITO COMUNICATIVO	MODALIDADE DA LÍNGUA
Conversa sobre abandono dos estudos na sala de aula	Dois colegas de classe	Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.	Persistência em situações difíceis	Incentivar o colega a continuar os estudos	Oral
			Influência de companhias		
		Quem com ferro fere, com ferro, será ferido.			
					Escrita

ETAPA III - TRABALHANDO A FORMA, FUNÇÃO E SENTIDO

Público-alvo: turma de 9º ano

Tempo estimado de realização: 2 horas/aula

Objetivo:

- ✓ Perceber os efeitos de sentido causados por alguns recursos linguísticos;
- ✓ Compreender as relações entre estrutura formal e função do gênero.

Material: Exercício 02 xerocopiado.

1. Antes de entregar o material xerocopiado, converse com os alunos sobre a relação de forma e função dos gêneros. Para isso, você pode partir de observações da própria vida cotidiana. Por exemplo, você pode mostrar a relação entre a forma de determinados objetos e as suas funções. Em seguida, relacione à noção sociocomunicativa de gênero.
2. Leia toda a atividade em alta voz, em conjunto com os alunos, em especial as instruções iniciais.
3. Nesta atividade, é importante que o professor construa as respostas com os alunos. O objetivo da atividade é permitir a discussão sobre a relação de forma e função do gênero e construir uma percepção sobre os efeitos de sentido dos recursos linguísticos destacados. Assim, nossa sugestão é que, tanto leitura como resposta, tudo seja feito em conjunto com o professor.
4. Permita a socialização das respostas, à medida que forem respondendo cada questão.
5. Você deverá conduzir o aluno à percepção das relações seguintes:
 - i) Os pronomes indefinidos são bastante presentes nos provérbios e geram generalização e impessoalidade;
 - ii) O tempo verbal presente decorre do conselho que é para a situação presente. Raramente, os provérbios trazem verbos no futuro e, quando o fazem, é em referem-se a consequências futuras de uma ação presente;
 - iii) Em muitos deles, a vírgula é bastante usada, marcando o ritmo e as construções binárias;
 - iv) Os provérbios são textos curtos e simples, que facilitam a memorização e a repetição;
 - v) A linguagem é coloquial e acessível o que permite o uso indiscriminadamente;

vi) As frases nem sempre têm sentido se interpretadas no sentido denotativo, e, mesmo as que podem ser compreendidas literalmente, são usadas em seu sentido conotativo, assim o provérbio se torna versátil e um mesmo texto pode ser usado em muitas situações diferentes, representando atores sociais diferentes;

vii) A metáfora é um recurso muito presente nos provérbios e contribui para a impessoalidade.

viii) Há provérbios diferentes cuja temática é a mesma o que revela registros diferentes do conhecimento popular.

EXERCÍCIO 02

É hora de pensar um pouco sobre a língua e seus usos...

Os provérbios, como todos os gêneros textuais, têm características próprias. Essas características revelam-se na sua forma, em seu conteúdo e em sua função social. Cada palavra, cada sinal de pontuação, a sintaxe, os sentidos têm um motivo de ser. Eles não estão no texto aleatoriamente. A organização textual é característica de cada gênero e revela as intenções, os propósitos do uso.

Sendo assim, propomos uma atividade em que a impressão de determinados elementos que compõem os provérbios e o efeito de sentido que o seu uso transmite ao texto serão registrados.

PARA FAZER A ATIVIDADE, LEIA AS INSTRUÇÕES A SEGUIR.

1. Ouça as instruções da professora;
2. Leia os provérbios localizados no centro da folha;
3. Faça uma análise comparativa entre eles;
4. Registre suas impressões (ideias iniciais despertadas após a primeira leitura) sobre os usos especificados nos balões;
5. Registre o efeito construído por esses elementos no texto.

*Impressões sobre uso de
pronomes em 1, 2 e 3*

EFEITO ALCANÇADO

*Impressões sobre o uso
da vírgula em 3, 4 e 5*

EFEITO ALCANÇADO

PROVÉRBIOS

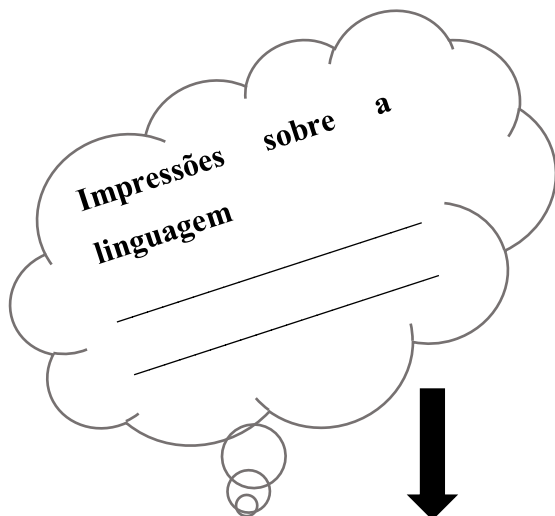
1. Quem não arrisca não petisca.
2. Quem espera sempre alcança.
3. Quem com ferro fere, com ferro, será ferido.
4. Por fora, boa de viola, por dentro, pão bolorento.
5. Casa de ferreiro, espeto de pau.
6. Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
7. Pela obra se conhece o artista.
8. Pelo fruto se conhece a árvore.

EFEITO ALCANÇADO

*Impressões sobre o
tempo verbal*

*Impressões sobre a
extensão do texto*

EFEITO ALCANÇADO



EFEITO ALCANÇADO



EFEITO ALCANÇADO

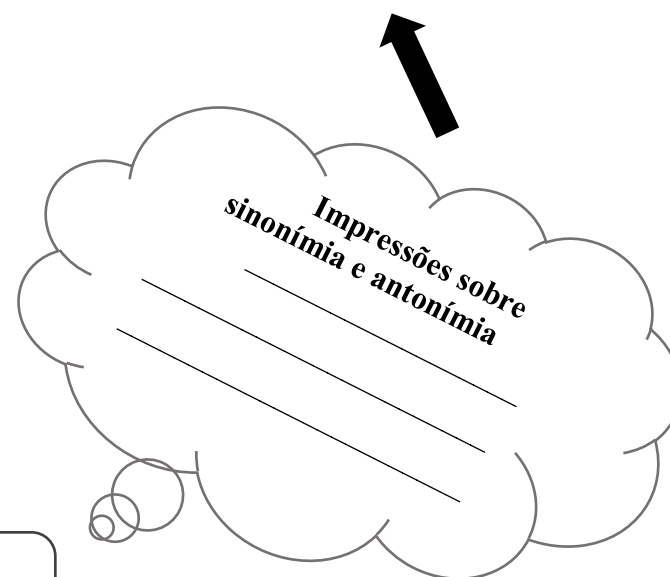
PROVÉRBIOS

1. Quem não arrisca não petisca.
2. Quem espera sempre alcança.
3. Quem com ferro fere, com ferro, será ferido.
4. Por fora, boa de viola, por dentro, pão bolorento.
5. Casa de ferreiro, espeto de pau.
6. Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
7. Pela obra se conhece o artista.
8. Pelo fruto se conhece a árvore.

EFEITO ALCANÇADO



EFEITO ALCANÇADO



ETAPA IV – PROJETANDO PROPRIEDADES

Público-alvo: turma de 9º ano

Tempo estimado de realização: 2 horas/aula

Objetivos:

- ✓ Construir sentido a partir das projeções entre propriedades de domínios diferentes;
- ✓ Perceber a não transparência das palavras;
- ✓ Entender que a compreensão do provérbio se dá em decorrência de usos em situações concretas.

Material: EXERCÍCIO 03 xerocopiado.

1. Para alcançar êxito nesta atividade, é fundamental que você, professor, esteja mediando as ações, por isso, antes de entregar o **EXERCÍCIO 03**, comente sobre a linguagem figurada dos provérbios. Trace relações entre os atores sociais envolvidos no evento comunicativo, os seres citados no provérbio e os seres a quem eles se referem na situação concreta de uso. Assim, numa advertência em que a mãe diz a filha: FORMIGA QUANDO QUER SE PERDER CRIA ASAS, podemos levantar as seguintes questões:

- a) quem são os atores sociais deste evento?
- b) a quem a mãe se referiu quando usou FORMIGA?
- c) o que significa SE PERDER e CRIA ASA na situação?
- d) quais são as relações possíveis?

2. Entregue o material e leia com eles. Faça um passo a passo. Explique as relações e ouça as respostas. É importante que o aluno tenha tempo de responder cada questão, sozinho ou em dupla, após a explicação do professor. Em caso de não atendimento do padrão esperado de resposta, o professor pode conduzir o aluno à construção de novas respostas.

3. Nesta atividade, levantamos algumas projeções possíveis, partindo da nossa experiência de aplicação. Elas poderão ajudar na resolução da atividade.

Projeções de propriedades de ROSAS e ESPINHOS no EXERCÍCIO 03

ROSAS	ESPINHOS	RELAÇÃO TEXTUAL
Beleza	Sufrimento	Não há beleza sem sofrimento
Amor	Sufrimento	Não há amor sem sofrimento
Amor	Dor	Não há amor sem dor
Amor	Proteção	Não há amor sem proteção

Luz	Escuridão	Não há luz sem escuridão
Romance	Sufrimento	Não há romance sem sofrimento
Alegria	Problemas	Não há alegria sem problemas
Felicidade	Sufrimento	Não há felicidade sem sofrimento
Romantismo	Dor	Não há romantismo sem dor
Vitória	Luta	Não há vitória sem luta

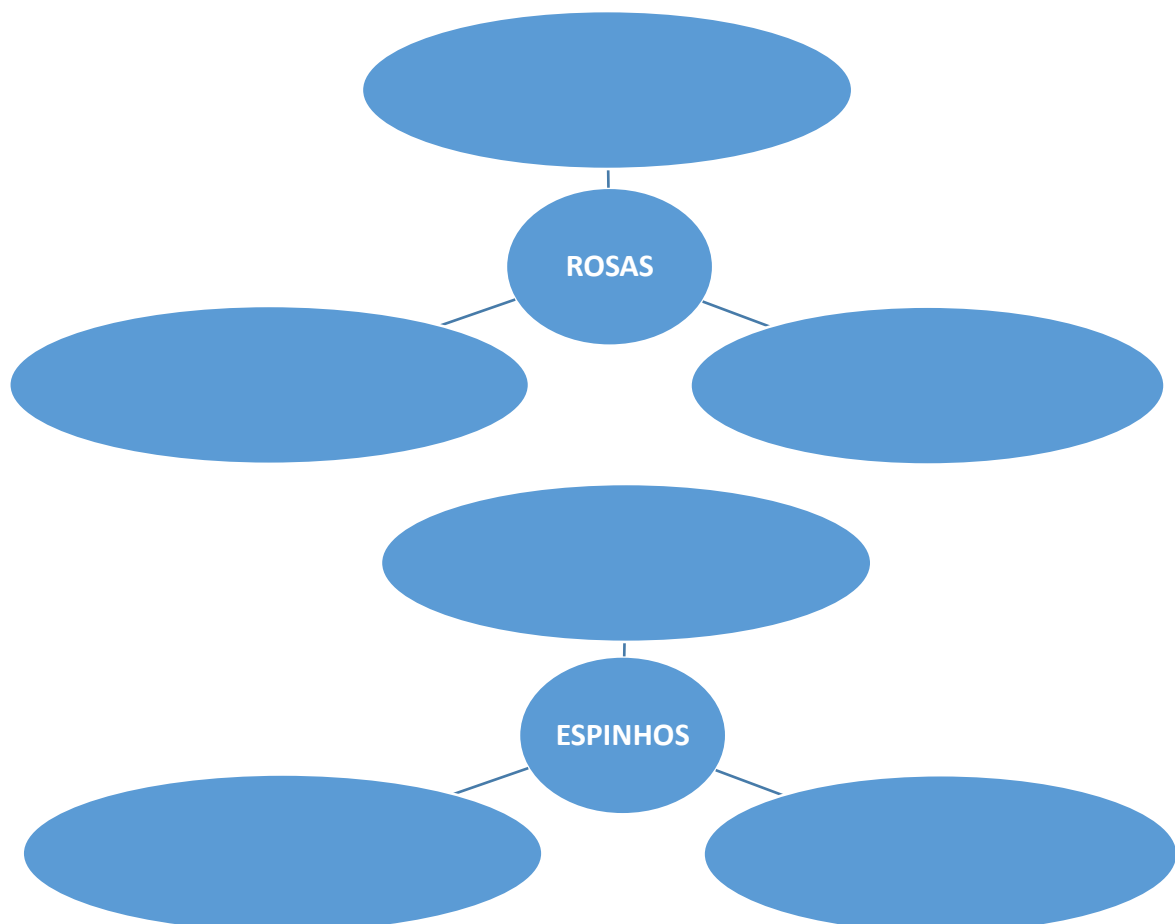
4. É fundamental que os termos levantados pelos alunos, na QUESTÃO 01, sejam substantivos. Eles devem ser a representação de ROSAS e ESPINHOS do coletivo simbólico.

5. Na QUESTÃO 02, o aluno poderá interpretar no sentido literal ou no sentido figurado.

6. Aproveite a última pergunta da atividade para discutir a capacidade semântica das palavras e dos textos e a necessidade de sermos leitores críticos.

EXERCÍCIO 03

QUESTÃO 01 - Cite três propriedades referentes às palavras em destaque. Para isso, utilize substantivos.



QUESTÃO 02 - Leia o provérbio abaixo.

“NÃO HÁ **ROSAS** SEM **ESPINHOS**”.

Como você o compreende?

QUESTÃO 03 - Reescreva o provérbio acima, substituindo os termos em destaque por propriedades levantadas na questão 1. O provérbio reescrito precisará ter sentido. Caso seja impossível, refaça as escolhas lexicais.

QUESTÃO 04 - No provérbio NÃO HÁ ROSAS SEM ESPINHOS, que propriedades das rosas poderíamos atribuir a pessoas? _____

QUESTÃO 05 - No provérbio NÃO HÁ ROSAS SEM ESPINHOS, que características dos espinhos poderíamos atribuir a pessoas? _____

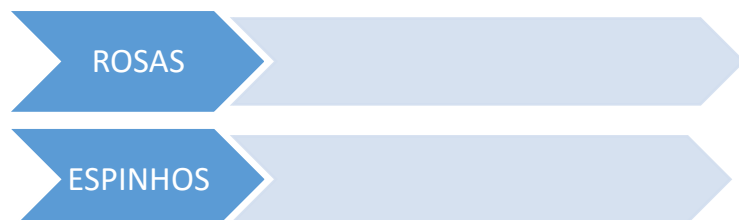
QUESTÃO 06 - Entre outras inferências possíveis, **ROSAS** poderia representar EMPREGO e **ESPINHOS** poderia representar PROBLEMAS? Explique.

QUESTÃO 07 - Descreva uma situação comunicativa concreta em que o provérbio original pode ser usado.

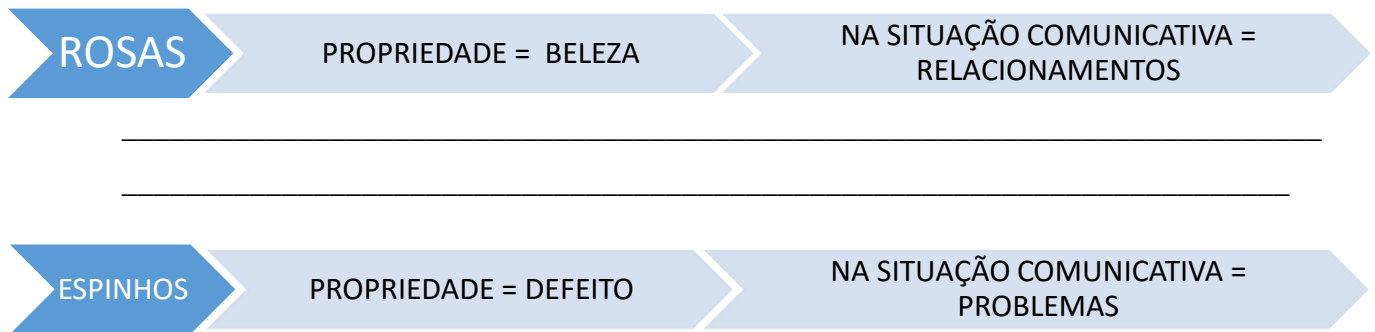
QUESTÃO 08 – Na situação citada acima, o termo **ROSAS** refere-se à _____ e o termo **ESPINHOS** refere-se à _____.

QUESTÃO 09 – Que outro provérbio poderia ser usado nesta mesma situação com o mesmo valor semântico, ou seja, com o mesmo sentido?

QUESTÃO 10 – Em outras situações comunicativas, no uso do provérbio “NÃO HÁ ROSAS SEM ESPINHOS”, os termos **ROSAS** e **ESPINHOS** podem referir-se a



QUESTÃO 11 - No provérbio “NÃO HÁ ROSAS SEM ESPINHOS”, seria possível propor as correspondências abaixo? Haveria sentido nas relações construídas? Explique.



Ao final desta atividade, podemos afirmar que os textos são transparentes, que seu sentido é único, independentemente das situações?

ETAPA V - CONSTRUINDO NOVOS SENTIDOS

Público-alvo: turma de 9º ano

Tempo estimado de realização: 2 horas/aula

Objetivos:

- ✓ Perceber que o gênero provérbio é flexível;
- ✓ Reconhecer provérbios modificados por propósitos comunicativos diferentes dos tradicionalmente motivados em seu uso;
- ✓ Discutir releituras feitas de provérbios modificados e novos sentidos construídos.

Material: EXERCÍCIO 04 xerocopiado e cópia de dos provérbios modificado do livro *Era o dito*, de Marcelino Freire.

- 1.
2. Comece a aula perguntando aos alunos se eles já leram, ouviram ou pronunciaram provérbios modificados em sua forma ou em seu conteúdo e em que situações isso aconteceu.

3. Antes de distribuir as cópias dos provérbios modificados por Freire (2002), diga que os textos entregues deverão ser lidos individualmente.
4. Distribua a cópia dos textos e observe as reações dos alunos.
5. Explane sobre as modificações que alguns provérbios sofrem em decorrência de novas intenções comunicativas, diferentes das tradicionalmente no uso de provérbios. É hora de apresentar a intertextualidade. Use exemplos da publicidade.

EXERCÍCIO 04

Abaixo estão dois provérbios do livro “Era o dito”, de Marcelino Freire. Leia-os.

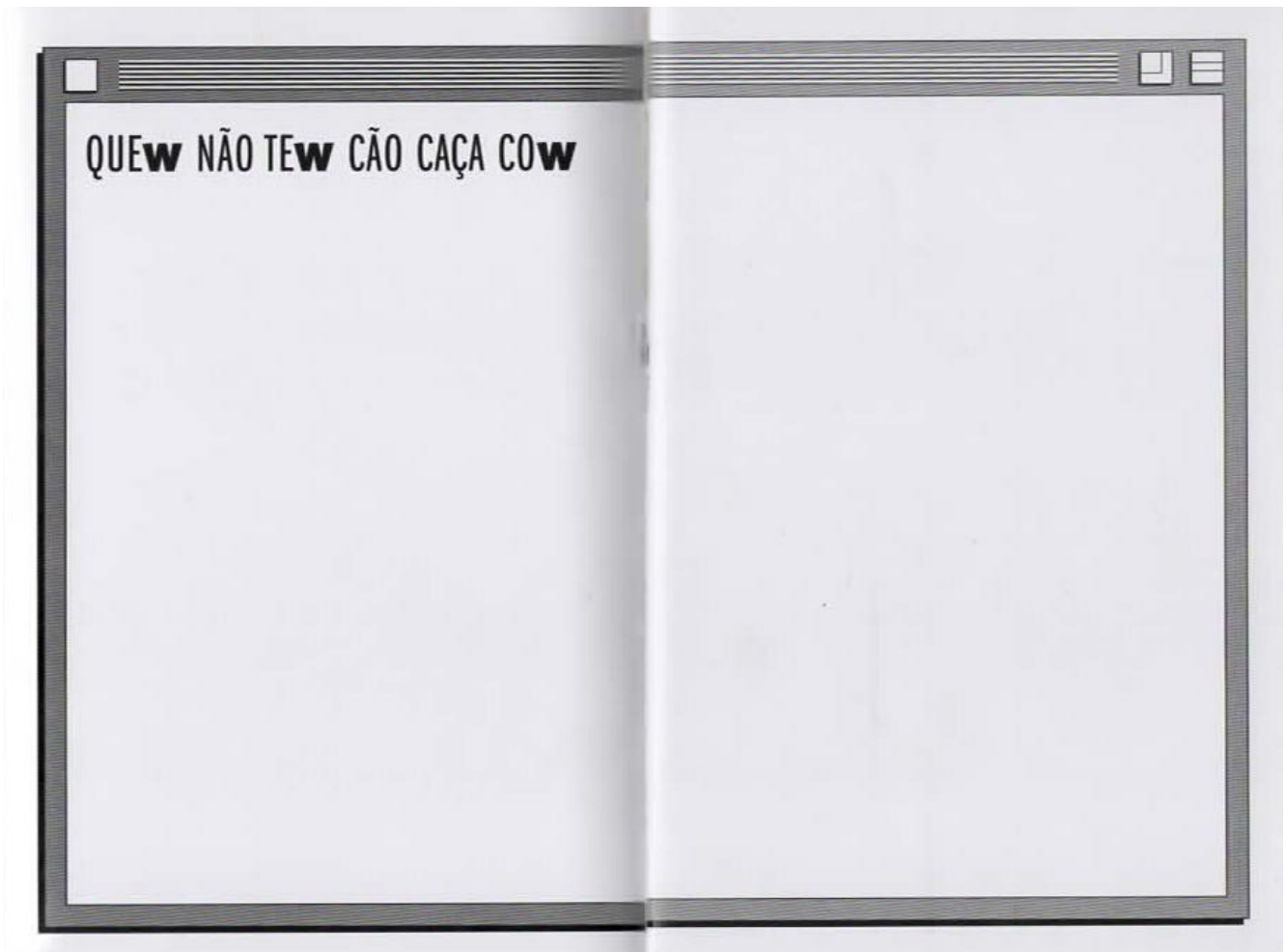
PROVÉRBIO 01



Para melhor visualização, reproduzimos abaixo a parte verbal do texto, em fonte maior.

em terra de cego
quem tem um olho é

PROVÉRBIO 02



6. Em seguida, discutam o que é possível entender e inferir do material. Neste momento, você deverá mencionar o **texto multimodal**.
7. Após discussão sobre os aspectos multimodais dos textos, distribua o EXERCÍCIO 04.
8. Leia as questões em voz alta, conjuntamente com a turma. Espere a resposta dos alunos e questione-os sobre ela.
9. Discuta cada assertiva, mediante as respostas. Ouça os alunos e permita a discordância. Após discussão, os alunos deverão marcar **SIM**, caso concordem com a informação da sentença ou **NÃO** se discordarem dela. O PROVÉRBIO 01 terá seu espaço de marcação diferente do espaço do PROVÉRBIO 02.
10. Lembre-se de mencionar os espaços diferentes destinados às respostas de cada provérbio. Há duas colunas para as marcações referentes ao PROVÉRBIO 01 e outras duas para marcações sobre o PROVÉRBIO 02.

Avançando na teoria

De acordo com Dionísio e Vasconcelos (2103), **o texto multimodal** difere do texto ilustrado. O recurso multimodal é elemento essencial e indispensável para a produção de sentido de um texto, enquanto a ilustração é item de pouca ou nenhuma intencionalidade comunicativa, podendo inclusive ser subtraído sem acarretar prejuízo de sentido.

As autoras defendem a necessidade de se aprender a ler textos multimodais e que fujam do padrão clássico ocidental (apenas de forma linguística e partindo-se sempre da esquerda para a direita), isso revela que para a compreensão textual, além das referências textuais e dos recursos semióticos selecionados, é também crucial a condição cognitiva e o nível de funcionamento neuropsicológico do aprendiz.

EXERCÍCIO 04

Instruções:

- ✓ A atividade abaixo deverá ser feita em conjunto com o(a) professor(a).
- ✓ As questões deverão ser respondidas com base na leitura de dois provérbios do livro “Era o dito”, de Marcelino Freire.
- ✓ Você deverá julgar as sentenças e marcar um **X** na coluna **SIM** se concordar com a afirmativa e **NÃO** caso não concorde.

	PROVÉRBIO 01		PROVÉRBIO 02	
	<u>SIM</u>	<u>NÃO</u>	<u>SIM</u>	<u>NÃO</u>
QUESTÕES				
1. O provérbio não teve seu sentido modificado.				
2. A imagem interfere na compreensão do provérbio modificado.				
3. As alterações feitas nos provérbios não foram planejadas.				
4. Só é possível compreender o provérbio se for tomado em seu sentido figurado.				
5. O provérbio modificado é impessoal, fruto da construção coletiva.				

6. As pessoas da comunidade fazem uso frequente de provérbio modificado na oralidade.				
7. O provérbio modificado é mais comum na modalidade escrita da língua.				
8. O provérbio modificado tem autoria reconhecida.				
9. O provérbio modificado pode se tornar uma produção artística.				
10. Os atores sociais envolvidos no ato comunicativo são o autor e o leitor do provérbio modificado.				
11. O autor modificou o provérbio com propósitos específicos.				
12. A linguagem usada não é acessível.				
13. O tempo verbal predominante no provérbio é o futuro de presente.				
14. A forma como as letras são grafadas e organizadas ajuda na construção de novos sentidos.				
15. O provérbio foi subvertido, tendo seu sentido original transgredido parcialmente.				
16. O autor construiu uma negação completa do provérbio original.				
17. O conhecimento de fatos históricos colabora para a compreensão do provérbio modificado.				
18. A leitura do provérbio modificado revela valores da sociedade atual.				
19. Para compreender o provérbio é preciso compartilhar dos conceitos atribuídos a cada referente.				
20. É difícil compreender o provérbio modificado.				
21. Embora o conteúdo tenha sido mudado, a forma do provérbio continua a mesma.				
22. O propósito do provérbio é aconselhar, advertir, orientar.				
23. Só é possível compreender o novo sentido do provérbio, levando em consideração as imagens, a grafia e a organização do texto.				

ETAPA VI - TESTANDO NOVAS CAPACIDADES ADQUIRIDAS

Público-alvo: turma de 9º ano

Tempo estimado de realização: 1 hora/aula

Objetivos:

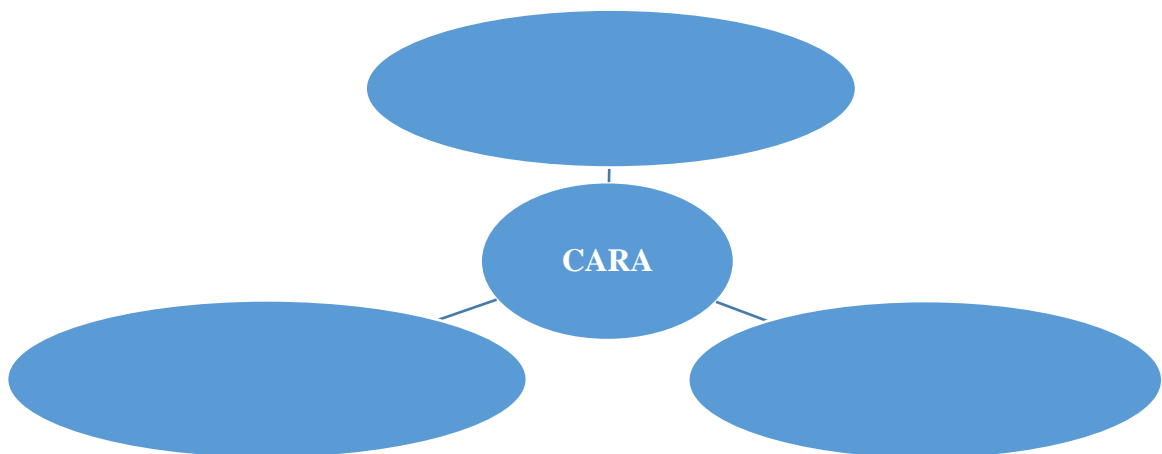
- ✓ Socializar conhecimentos construídos por meio de exposição oral.
- ✓ Possibilitar maior fixação dos assuntos abordados;
- ✓ Perceber e avaliar o crescimento dos alunos no que se refere ao gênero textual provérbio.

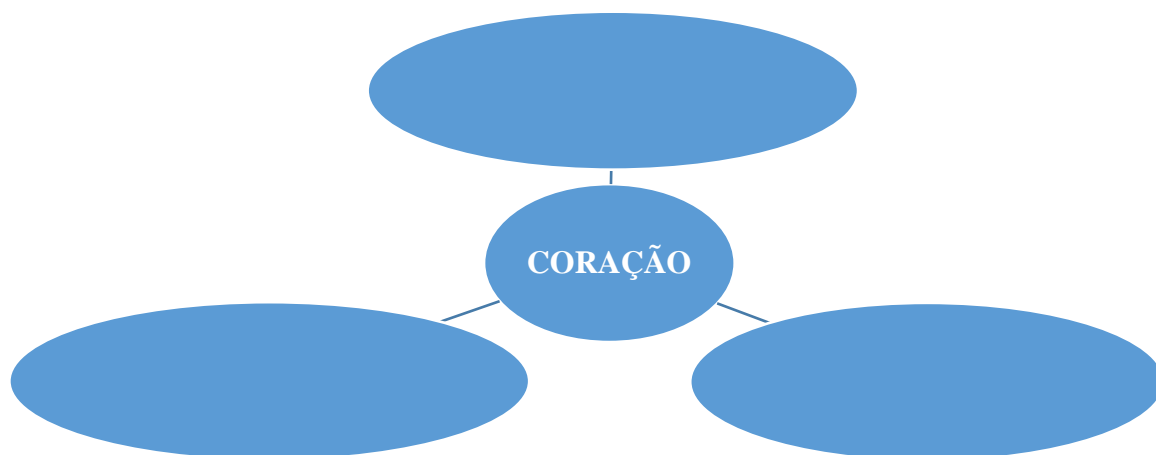
Material: EXERCÍCIO 05 xerocopiado

1. Faça uma breve revisão geral dos assuntos estudados durante as aulas anteriores;
2. Retome a importância da leitura crítica e da compreensão da não transparência das palavras;
3. Distribua o EXERCÍCIO 05 e peça que, em dupla, construam interpretações, com base nas projeções estudadas.
4. Espere alguns minutos para preenchimento do exercício e ajude quando for solicitado;
5. Peça que apresentem oralmente as compreensões construídas no exercício.
6. Agradeça a participação dos alunos.

EXERCÍCIO 05

Nas atividades anteriores compreendemos as relações entre termos que constroem os provérbios. Elas revelam a forma como entendemos o mundo e as coisas a nossa volta. Com base nisso, complete e explique, oralmente, os smartarts abaixo.

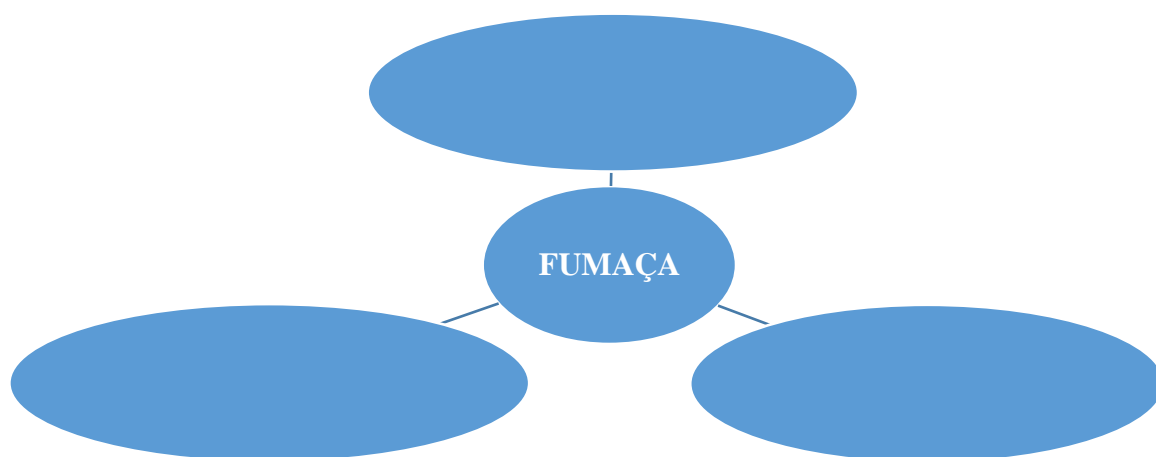


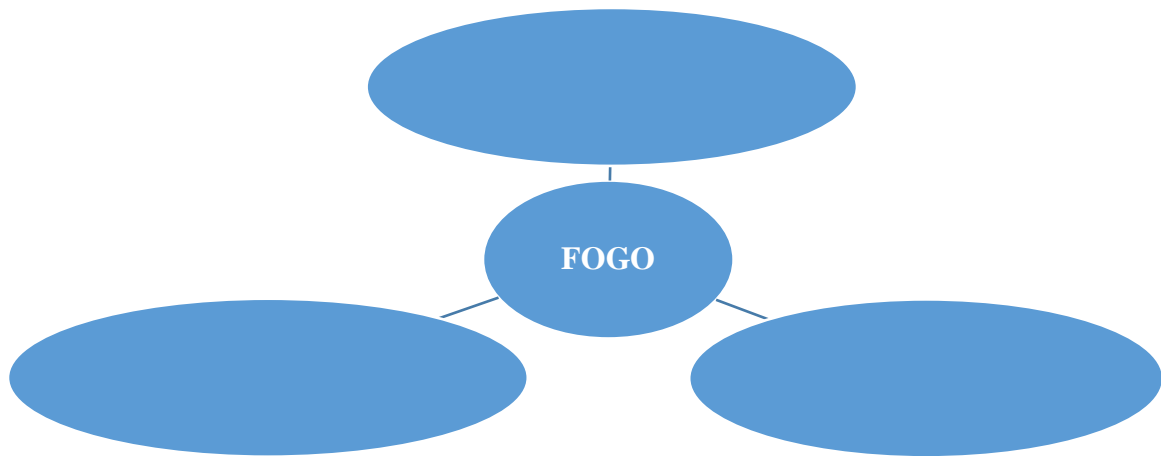


CARA PROPRIEDADE = _____ NA SITUAÇÃO COMUNICATIVA = _____

CORAÇÃO PROPRIEDADE = _____ NA SITUAÇÃO COMUNICATIVA = _____

QUEM VÊ CARA NÃO VÊ CORAÇÃO.





FUMAÇA	PROPRIEDADE = _____	NA SITUAÇÃO COMUNICATIVA = _____
FOGO	PROPRIEDADE = _____	NA SITUAÇÃO COMUNICATIVA = _____

ONDE HÁ **FUMAÇA**, HÁ **FOGO**.

Palavra final

Quando nos propusemos a elaborar este Caderno Pedagógico, pensamos numa possível colaboração para o desenvolvimento da leitura enquanto compreensão. Escolhemos o gênero provérbio e a ele associamos o princípio de projeção da Teoria da Metáfora Conceptual. Focando o aluno, construímos um material para o professor. Um recurso viável para trabalho com a construção e ampliação de sentidos na leitura de provérbios.

Formulamos atividades visando à compreensão textual de alunos do 9º ano do ensino fundamental e as organizamos em Sequência Didática. A proposta educativa contida neste Caderno foi testada no 9º ano do Colégio Estadual Prof. Joaquim Vieira Sobral, em Aracaju/SE, para ser replicada, posteriormente, em outras escolas no Brasil. Assim, o professor que adotar nossa proposta deverá analisá-la e ajustá-la conforme lhe parecer melhor mediante o seu contexto de ensino.

As estratégias que compõem este material representam uma possibilidade, um caminho dentre tantos outros, igualmente, viáveis para o desenvolvimento da leitura. Não objetivamos resolver o problema da leitura no ensino público brasileiro. Buscamos, apenas, deixar nossa pequena e efetiva contribuição para um movimento em direção à mudança.

Retomando a metáfora da imagem da introdução, esperamos ter construído uma peça para montagem deste imenso “quebra-cabeça” que é o ensino de leitura. Nosso convite é para explorarmos o mundo das palavras que sempre dizem mais do que efetivamente dizem, rompermos a aparente transparência destas e construirmos sentidos.

Mais uma vez, ratificamos nossa esperança de ter construído um útil, uma ferramenta de ensino viável.

Para saber mais sobre leitura

COSCARELLI, Carla Viana; NOVAIS, Ana Elisa. **Leitura:** um processo cada vez mais complexo. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul./set. 2010. (disponível na internet em: <http://revistaseletronicas.pucrio.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/8118/5807>)

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura - Texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy, E. (Orgs.) **O ensino da leitura e produção textual - Alternativas de renovação**. Pelotas: Educat, 1999. p. 13-37. (disponível na internet em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/perspec.pdf>)

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

DIONÍSIO, Ângela P. **Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos e convenções visuais**. Recife: Pipas comunicação, 2014.

Referências e Fontes

CAVALCANTE, Mônica Magalhães e CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Revisitando o estatuto do texto**. Revista do Gelne, v. 12, n. 2, 2010, p. 56-71.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; VASCONCELOS, Leila Janot. Multimodalidade, capacidade de aprendizagem e leitura. In BUZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Múltiplas linguagens para o Ensino Médio**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 43 - 67.

FREIRE, Marcelino. **Era o dito**. São Paulo: Ateliê Editora, 2002.

LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. **Metáforas De la vida cotidiana**. Traducción de Carmen González Marín. Madrid: Cátedra Colección Teorema, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OBELKEVICH, James. Provérbio e história social. In: BURQUE, Peter, PORTER, Roy. Org. **História social da linguagem**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 44 – 81.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.